REVISTA DA SEMANA

Nº 18 ★ 5-5-51 CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO:



Fawcett vivo na história e na lenda

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

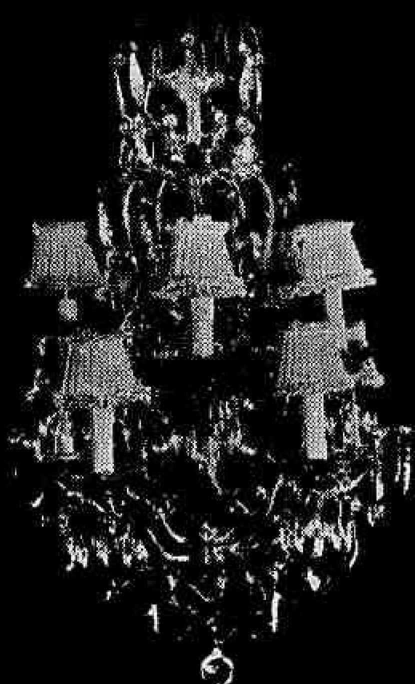
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

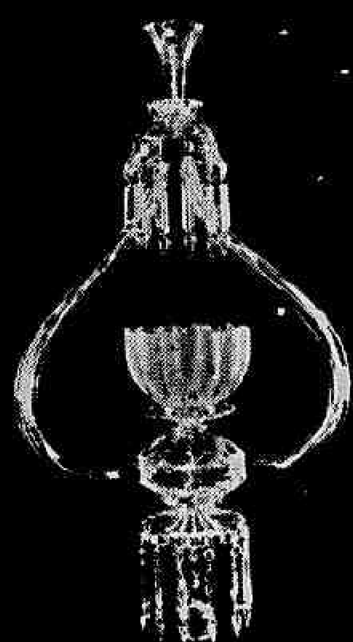
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

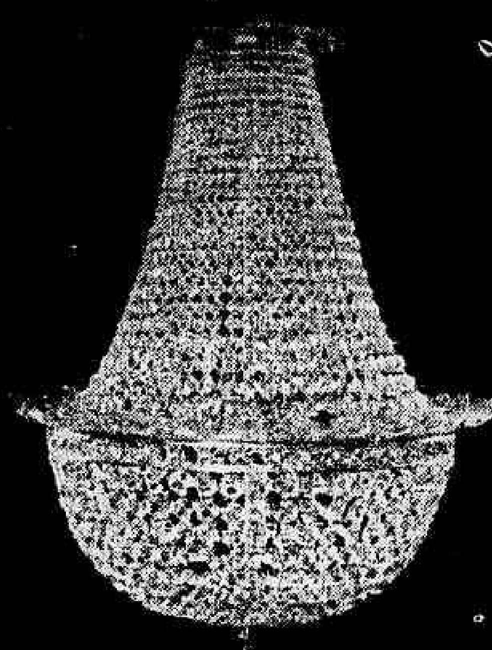
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

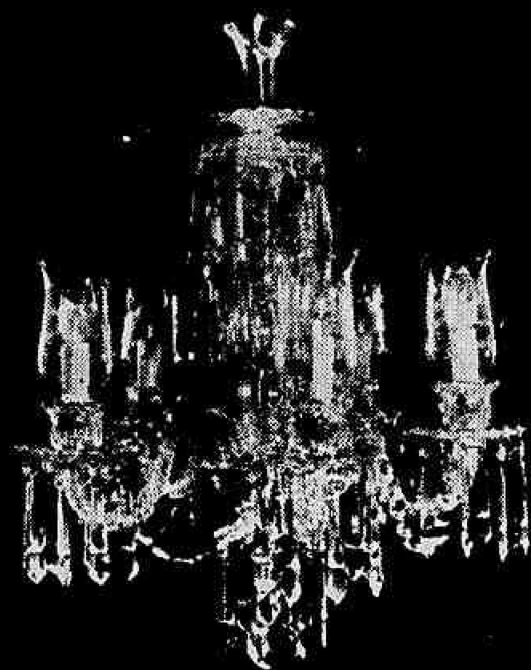
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

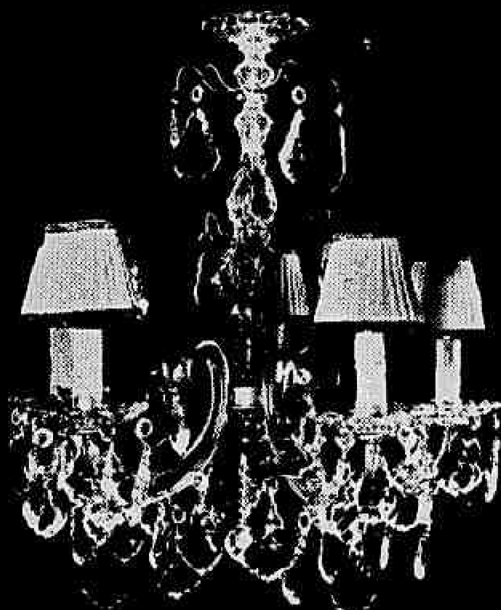

1


2

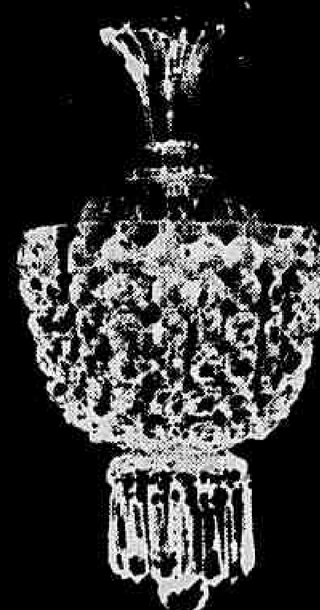

3


4

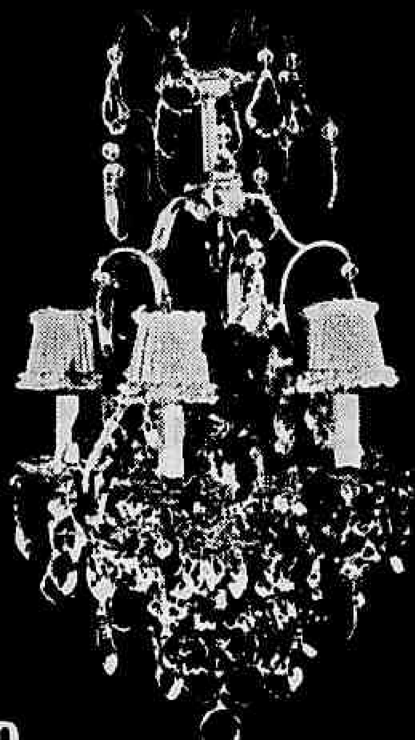

5

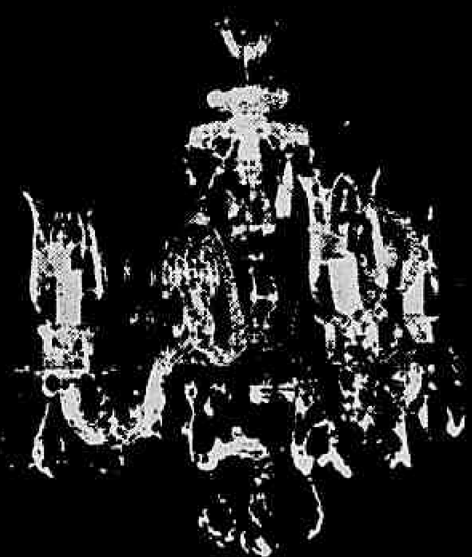

6

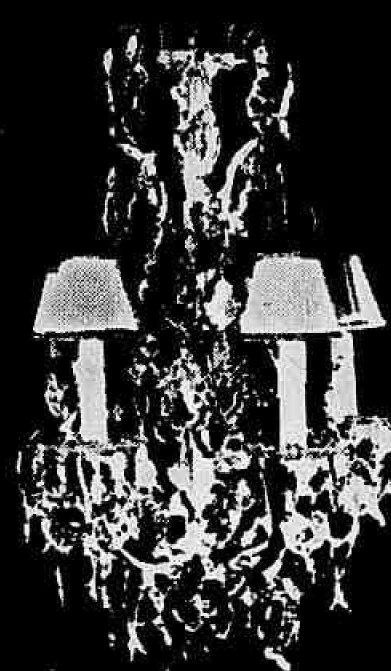

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

A morte de Carmona (Celestino Silveira) 5/9
Seu doutor não bote abaixo... (Jorge Lyra) 18/21
Um casal sem sogro e sem sogra (Abdias Rodrigues) 24/28
Fawcett vivo na história e na lenda 30/34

LITERATURA

Uma dança que nenhuma terra tem 3
Semana Literária 12/13
Um mundo à margem (novela de Loiva Leiria Borba) 15
Amanhã ou depois (conto de Walter B. Maia) 29

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 4
Personagem da semana 4
Puxe pelo cérebro 11
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 42
Tudo isto aconteceu 48/49
Palavras-Cruzadas 22

ATUALIDADES

Com Bertha Singerman (Olga Brant) 36/37
Carlos Frias já foi sacristão 50

FEMININAS

Sôbre a felicidade (Lyse) 39
Práticos para virgens 40/41
Moda infantil 42
Dois modelos 43
Week-end na cozinha 43

HUMORISMO

Tarefa para um super-homem (Théo) 10
Nem cara... nem coroa... ... 14/34
Êste mundo e o outro 23

FOLHETIM

Um amor atrevido (5º e 6º episódios) 47

ILUSTRADORES

Gil Coimbra — Abelardo Zaluar — Rafael

FOTOS

Jorge Lyra — Abdias Rodrigues — Nodgi — Várias

NA CAPA

Ellen Drew
(Foto Columbia)

Uma dansa que nenhuma terra tem



O frevo é como o fascismo: não se exporta. Nasceu em Pernambuco e só em Pernambuco é que vive a sua plenitude atávica. Podem imitá-lo, e até mesmo "dirigi-lo", mas, no fim de contas, fora de Pernambuco, êle sofre dispnéias mortais, não tem gôsto nem espiritualidade. Fazer frevo no Rio, onde o compasso do samba é a nota típica do Carnaval carioca, ou em S. Paulo, onde o cosmopolitanismo vai tomando de assalto os derradeiros redutos da tradição bandeirante, chega a ser importuno e desajeitado. Porque seja o frevo uma manifestação coreográfica ou musical cheia de pernambucanidade, é o que, até hoje, ninguém quis elucidar, embora o assunto seja dos mais curiosos e ilustrativos. Quando o "Zé", anônimo e sem dinheiro, rebola em catadupa nas artérias do Recife, como que em transe, a cantarolar: "Sonhei que estava em Pernambuco — Fiquei maluco quando o frevo passou — ou "Pernambuco tem uma dança — Que nenhuma terra tem", a sensibilidade percebe que algo de superior a uma simples e efêmera canção carnavalesca inspira aquelas notas palpitantes. De minha parte, creio que o tronco genealógico do frevo vai-se encontrar na alma do "capoeira", o tranca-ruas que foi instituição em Pernambuco, ao ponto de aparecer como alto-relêvo na crônica política e revolucionária, travestido em batalhão civil, o célebre "Trinta e Quatro Descalço", a quem se devem estrepitosas fuzilarias libertárias.

O "capoeira" era arregimentado. Puxar bandas de música, quando chegavam às festas de arraial e quando se retiravam para os quartéis, descrevendo as mais estranhas e contraditórias improvisações coreográficas, em tudo semelhante ao "passo", tão bizarro e comum na quadra carnavalesca, eis um dos seus rituais obrigatórios e pitorescos. "Olha a Espanha", era o brado de guerra que reboava como uma senha no meio da cabroeira desenfreada, de navalha em punho e exalando humores, pondo em pânico e afugentando, espavoridos, quantos encontrassem em seu caminho ou incorressem na temeridade de se aproximar do temível bando de campeões do "rabo de arraia".

O "capoeira" não se contentava em desmanchar as festas populares, que em outros tempos, no Poço da Panela em Santo Amaro das Salinas, haviam criado uma atração periódica esperada com a mesma inquietude. Sentia uma necessidade mais premente, como se buscasse uma apoteose para os seus desvairados tumultos.

A queima do painel, culminante na aparição feérica da imagem do padroeiro, entre o espoucar de foguetões e a alacridade do povo, poderia ser muito agradável para as casadoiras, as solteironas, os rapazes de bom comportamento, as sogras, atuais e problemáticas. Mas, para o "capoeira", tudo aquilo não era mais do que um prosaísmo burguês, parecendo-lhe muito melhor a "chave de ouro" de uma desordem em grande estilo, que terminasse reduzindo o bombo a uma reminiscência, pois, na verdade, qualquer instrumento pode ser identificado depois de sofrer golpes e pancadarias, menos o velho bombo, que fica irreconhecível e desmoralizado.

Contou-me um dia, certo inferior do exército, já falecido, que se achava na guarnição do Recife, quando fôra chamado à presença de novo comandante da tropa, o qual lhe interpelara se estava disposto a enfrentar a onda de tranca-ruas, trazendo de volta a banda, tal como saísse do quartel, e sobretudo com o bombo intacto. O meu humilde e sincero amigo, então amanuense no antigo 20º de caçadores, sediado em Maceió, que, naquele tempo gostava de topar paradas chocas, não pestanejou, pedindo, apenas, que lhe fôssem entregues uns facões rabo-de-galo, possivelmente semelhantes aos dos jagunços de Conselheiro, que tomavam artilharia à unha, certos de uma ressurreição imediata.

E o sargento Cunha foi atendido Largou-se, com a fanfarra, para o pátio da igrejinha de Santo Amaro, onde se realizavam os festejos votivos ao padroeiro dêsse popular subúrbio do Recife, absolutamente voltado para a intangibilidade do bombo, que, na sua imaginação de homem simples, talvez rodopiasse como um símbolo da pátria extremecida. Nenhuma anormalidade ocorreu quando o pessoal chegou ao pátio, ao som de um dêsses dobrados que mexem com os nervos das multidões e muitas vêzes as atira a verdadeiros precipícios. Enfim, cumprido o programa, chegava aos saltos o momento supremo, em que o pessoal teria de deixar o palanque e entrar em formação para o regresso.

Dizia-me o Sargento Cunha que a sua tensão naqueles instantes beirava ao paroxismo, sendo que o pátio ia ficando deserto; como se uma tormenta se aproximasse aos galopes, enquanto que, figuras suspeitas se acercavam, tomando posições estratégicas. Veio afinal a marcha de despedida, o marca-passo, o desfile, e, com todo êsse ritmo, essa harmonia e essa aparente tranqüilidade, a explosão do brado de guerra, da velha senha, do sinal de luta: "Olha a Espanha!".

Daí por diante ninguém mais se entendeu. A poeira subiu. Fechou-se o tempo. Falou o cacete. Pragas obscenas e gritos desvairados. Piruêtas, saltos mortais, golpes baixos, tudo era permitido e usado naquele jôgo sem regras. Navalhas e rabos-de-galo. Por último, correrias e o silêncio de tôdas as batalhas que terminam. Os despojos, sangue e areia sem nenhuma Dona Sol, e ovante, triunfal, compenetrado, suficiente como certos políticos que não sabem porque subiram, o bombo, o velho bombo, intacto, virginal, decerto a matutar como ingresara na crônica de uma cidade ilustre, êle, o instrumento mais prosaico de uma banda de música... Penso que, desde então, o "capoeira" deixou de ser o tranca-ruas arregimentado e temível, para viver uma encantadora e tradicional alegoria que, na quadra carnavalesca, enche as ruas do Recife e a alma de Pernambuco de rumores e tumultos, na bizarra coreografia do frevo, a irônica estilização do rabo-de-arraia...

FERNANDO MENDONÇA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 18 ★ 5-5-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Uma ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58. 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

HOMENAGEM A QUINTINO CUNHA



Usa a imprensa de Fortaleza, Ceará, um processo dos mais interessantes, úteis e originais, para celebrar datas aniversárias de seus órgãos. Acaba de verificar-se, mais uma vez, êsse sistema que devia ser adotado em todos os Estados do país, inclusive o Distrito Federal. Em que consiste o sistema? Em escolher-se um nome de real valor nas letras ou nas artes, filhos da terra, e transformar-se a edição de aniversário do jornal numa antologia com todos os dados biográficos de um vulto escolhido como «paraninfo». Não é original? Êste ano, quando completou anos «O Correio do Ceará», um dos grandes jornais da terra de Iracema, sua direção escolheu o famoso poeta, filósofo e orador, José Quintino Cunha, uma das grandes inteligências dêste país. Quintino Cunha nasceu a 23 de julho de 1875, em S. Francisco de Uruburetama, no Ceará, e faleceu em Fortaleza, a 1º de junho de 1943, às duas e quarenta minutos da madrugada. Publicou em Paris o seu único livro, «Pelo Solimões», contendo versos de grande beleza emotiva e grande fôrça de expressão. E' nessa obra que se encontra aquêle famoso poema, motivo de declamação em todos os lares e festas do nordeste: «O encontro das águas», de admirável estesia lírica, formoso padrão de nossa poética nacionalística. Quintino Cunha, na edição de aniversário do «Correio do Ceará» ocupou páginas inteiras, estendendo-se a homenagem por mais de uma edição. Colaboraram nesse repositório de recordações em tôrno do grande intelectual e advogado cearense, o maior orador de sua terra, muitos escritores e colegas de letras, tanto os que ainda vivem no Ceará, como os que atuam noutros pontos do país. Foi o coordenador destas homenagens ao inesquecível vulto de nossa cultura e civilização, aqui no Rio, o jornalista Renato Sóldon, sobrinho de Quintino e que é uma «Bibliotéca Viva» de tudo o que há sobre Qintino em matéria de epigramas, repentes, quadrinhas anedóticas, poemas inteiros e inéditos, pois conviveu ao lado de Quintino durante trinta anos. Que belo exemplo nos dá a imprensa cearense.

A RÁDIO PATRULHA



O Rio já não pode ser policiado apenas pelos esforçados viligantes municipais noturnos, nem pelos soldados de cavalaria que fazem rondas tôdas as noites. Todos sabemos que os elementos destacados para tais serviços de garantia do carioca nesta imensa cidade são insuficientes. Além disso, o trabalho de vigilância e proteção à família carioca e a todos os seus habitantes não é apenas noturno. De dia também os gatunos e meliantes de tôda ordem exercem os seus «estilos», precisando o povo de quem o ampare nas ocasiões culminantes. Foi por isso que se instituiu o serviço de «Rádio Patrulha». Em carros de passeio munidos de antenas e aparelhagem para comunicações com o centro de operações, êsses veículos estavam sempre prontos a entrar em ação na defesa da população contra gatunos, arruaceiros, punguistas, salteadores. Esta Revista fez interessante e oportuna reportagem e evidenciou o serviço que a R.P. prestava ao Rio na luta contra a delinquência em geral. Entretanto, de alguns tempos a esta parte começou a ser notada a deficiência do serviço. Que se estava passando? Os veículos que iam sofrendo desgastamento e avarias eram recolhidos a oficinas para o reparo indispensavel, mas não havia novos carros que os substituissem. Diziam que havia falta de verba para a manutenção do serviço, o que se confirmou com o noticiário de jornais do dia 24 de março último, quando se divulgou que a «R.P.» se extinguira pràticamente por falta absoluta de viaturas. E' de lamentar-se que tenhamos chegado a tal situação de decadência em matéria de policiamento da cidade, hoje sob a ação deleteria de uma onda de meliantes de tôda casta, conforme atestam os roubos, assaltos, furtos, atentados ao pudor, assassínios diàriamente publicados nos jornais e registrados nas Delegacias Policiais.

PISCINAS PÚBLICAS



Começou a funcionar o legislativo da cidade. A vida político - administrativa vai reanimar-se de agora por diante e haverá muito assunto para o carioca. Um dos novos legisladores municipais apresentou um projeto que não deixa de ser interessante: manda a Prefeitura construir piscinas estabelecimentos de instrução oficial e nas praças públicas. O Rio de Janeiro é uma das cidades mais quentes do país nos meses de novembro a março. Entre os dias de frio, por vêzes, surge uma elevação de temperatura, obrigando todo mundo a vestir linho e andar sem gravata, camisa aberta ao peito, como nos versos de Casimiro de Abreu. Nada mais útil e agradável do que termos por todo êste Rio calorento uma piscina pública que nos ofereça um banho frio absolutamente de graça. E não deixaria de ser muito curioso vermos na Praça Paris, em Copacabana, no Meier, em Cascadura, na Tijuca, Botafogo, etc., dezenas de pessoas a refrescar-se em plena via pública, dando-se uma demonstração irresponsdivel de que há água no Rio. Não sabemos se o projeto vai ser aprovado, e, se chegando a êsse termo, sancionado pelo Prefeito, vetado e decidido pelo Senado. O assunto interessa ao carioca. Ninguém deverá ter a menor dúvida. E quantos balés aquáticos não se formarão à luz do dia e a céu aberto em plena via pública? A população teria interessantes «shows» de graça ao redor das piscinas, tornando-se isso mais um motivo de turismo para a cidade. Muita gente viria ao Rio sòmente para ver como era que se podia tomar banho no meio da rua, diante de todos, sem sabão e sem toalha, tudo apenas com a intenção e o prazer de vencer a canícula. Mas, com certeza o projeto aquático não terá execução, mesmo que seja aprovado. O dinheiro para essas coisas anda vasqueiro e o cofre da Prefeitura resistirá ao «pague-se» necessário. Ora, como ninguém pode realizar tamanhas obras esperando pelo bom tempo das castanhas, vamos ficar apenas com as banheiras domésticas... sem água!

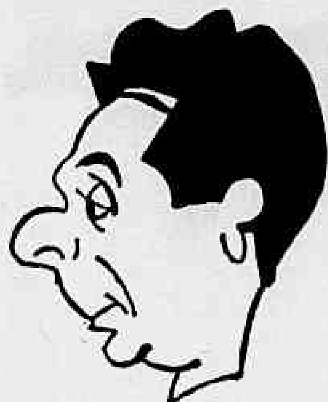
EXPULSÃO DE SOLDADOS



Há dias ocupou-se o noticiário oficial de nossa imprensa com um fato que muito desabonaria as tradições de disciplina e bom conceito de que goza a Polícia Militar do Rio de Janeiro, se providências imediatas não fossem tomadas para satisfação pública. Noticiou-se que, dois cavalarianos que faziam a ronda entre a Lapa e o Largo do Machado, em fins de abril dêste ano, haviam abordado um casal que conversava numa das ruas próximas àquela praça, intimando-o a comparecer à delegacia do distrito. Procurando evitar o seu comparecimento ao pôsto policial, especialmente porque isso muito vexaria a senhora que estava com êle, o detido ofereceu Cr$ 50,00 para ser relaxada a intimação. Como os militares não aceitassem a propina, o rapaz aumentou para cem. Foi então que perpassou pela cabeça de um dos rondantes a infeliz lembrança de ordenar ao detido que colocasse numa de suas botas todo o dinheiro que havia na carteira. O detido assim fêz e depositou 190 cruzeiros, — tudo o que tinha — na bota da perna direita do policial a cavalo. De posse do dinheiro, foi o casal deixado em paz. Entretanto, como ser despojado assim de todos os cruzeiros, já tarde da noite, sem beber nem comer, e sem que estivesse a infringir as leis da decência e do decôro público, sempre fica roendo no espírito de quem sofre tais vexames, foi a vítima queixar-se na Delegacia do Distrito: Resultado: os cavalarianos foram chamados à presença do comissário do 4º Distrito e ali, reconhecidos pelo civil queixoso, conduzidos presos por um oficial do Regimento de Cavalaria a que pertenciam. O Gen. de Brigada Rafael Danton Garrastazu Teixeira, Comandante Geral da corporação abriu o respectivo processo, e chegando à conclusão da culpa de ambos os militares, foram êles expulsos, para desagravo do bom nome da Polícia Militar do Distrito Federal. O ato punitivo foi lido durante três dias em todos os quartéis da corporação, por ocasião das paradas diárias, e transcrito em todos os Boletins Internos dos Corpos e Repartições da Polícia Militar do Rio. Que fique o exemplo.

A PERSONAGEM DA SEMANA

NO dia 24 de abril último, no Ministério da Justiça, tomou posse do cargo de Prefeito do Distrito Federal, o engenheiro João Carlos Vital, seguindo-se, horas depois, a transmissão do cargo no Palácio Guanabara, sede da Municipalidade, pelo general Mendes de Morais. O novo chefe do Executivo carioca é um homem que tem subido na escala da confiança pública e na dos administradores do país, pelo seu espírito criador, pela permanente disposição de ser útil ao progresso nacional. Natural de Pôrto Alegre, veio estudar no Colégio S. Vicente de Paulo, em Petrópolis, tendo feito o curso de engenharia civil na Escola Politécnica do Rio. Iniciou-se na administração pública em 1920, como auxiliar do recenseamento; em 1922, foi membro da Comissão Organizadora da Exposição do Centenário. Daí até 1931, ocupou cargo de responsabilidade no Dep. Nacional de Saúde, chefiou a seção técnica do Racenseamento de 1929 e dirigiu a seção de Demografia do Dep. Nacional de Estatística. Em 1933 ocupou o lugar de chefe do Gabinete do Ministro do Trabalho, Salgado Filho, demonstrando grande capacidade, passando a diretor de Estatística e Publicidade em 1934, tendo sido Ministro interino dessa pasta. Por algum tempo foi professor de Estatística na Escola de Intendência da Guerra, e em 1937 presidiu à Comissão Organizadora do IAPI. Especializou-se em estudos de padronização do material e organização do trabalho. Criou o Instituto de Resseguros do Brasil e foi seu presidente até 1946. Solidarizando-se com o sr. Getúlio Vargas, deixou, em 1945, a administração pública, passando a dedicar-se a atividades particulares. E' membro de vários Institutos científicos estrangeiros e tem representado o nosso país em diversos Congressos Internacionais de Ciências Econômicas. Tem algumas obras publicadas, sôbre assuntos de técnica administrativa. A escolha do Sr. Presidente da República causou a melhor das impressões, tanto nos meios políticos como entre o povo, esperando-se que o novo Prefeito realize a obra que o Distrito Federal está a exigir. Mas, dentre as suas próximas realizações, não esqueça o sr. João Carlos Vital de uma das mais urgentes o desmonte do morro de Santo Antônio!



Sr. João Carlos Vital, Prefeito do D. Federal



S.E. O CARDIAL PATRIARCA de Lisboa abençoa o cadáver do Marechal Carmona, ainda deitado no leito onde exalou o último suspiro, acompanhado pelas meninas do Asilo do Luminar. Nessa mesma noite era o corpo trasladado para o Palácio da Assembléia Nacional, ali ficando em exposição pública de 5ª feira 19, até sábado, quando se realizaram os funerais.

A MORTE DE CARMONA

O QUE FOI A CONSTERNAÇÃO DO POVO PORTUGUÊS QUANDO OCORREU EM LISBOA O DESENLACE ★ PRESENTE ÀS SOLENIDADES UM REDATOR DA **REVISTA DA SEMANA** ★ DEZ MINUTOS APÓS A OCORRÊNCIA, A CIDADE COBRIA-SE DE LUTO ★ A TRASLADAÇÃO DO CORPO PARA O PALÁCIO DE S. BENTO ★ NOITE CHUVOSA E TRISTE ★ O GRANDE DESFILE SILENCIOSO, DO LUMIAR À ASSEMBLÉIA NACIONAL ★ EPISÓDIOS AVULSOS ★

CELESTINO SILVEIRA

(Enviado especial da **REVISTA DA SEMANA**)

LISBOA, abril — (Pela British Overseea) — Passavam alguns minutos do meio-dia, na quarta-feira, 18, quando a notícia chegou ao nosso conhecimento: Acabava de falecer o Presidente Carmona. A Emissora Nacional interrompia tôdas as suas programações para repetir, de dois em dois minutos, estas palavras: "Portugal está de luto. Com a morte do Marechal Carmona, a Nação perde um grande e nobre Chefe de Estado. O Mundo perde um grande Homem de Bem".

O desenlace ocorrera precisamente às onze e quarenta e três minutos; era preciso sentir a reação imediata do povo, ir ver de perto as fisionomias, captar as primeiras palavras do homem da rua. Estávamos na Avenida da Liberdade e rumamos para o Rossio. Gente de tôdas as categorias sociais aglomerava-se diante dos "placards" de "O Século" e "Diário de Notícias", ali existentes, gente silenciosa, que se limitava a ler e a fechar o semblante. Não tardou a se fazer ouvir o pregão das edições extras, espalhando a notícia até aonde porventura, ela não fôsse ainda conhecida. E ao meio-dia e trinta, numa tôrre do Castelo de São Jorge, surgiam a meio-mastro, as bandeiras nacional e de Lisboa. Por coincidência, o tempo entristeceu também. Não é literatura — é que aquêles dias primaveris de até à véspera, sumiam como por encanto. E o céu toldava-se de nuvens cinzentas,



LOGO que se deu o falecimento, o Presidente do Conselho, sr. Oliveira Salazar, fêz uma visita ao corpo e apresentou condolências à viúva. No clichê, flagrante de s. excia. ao se retirar.

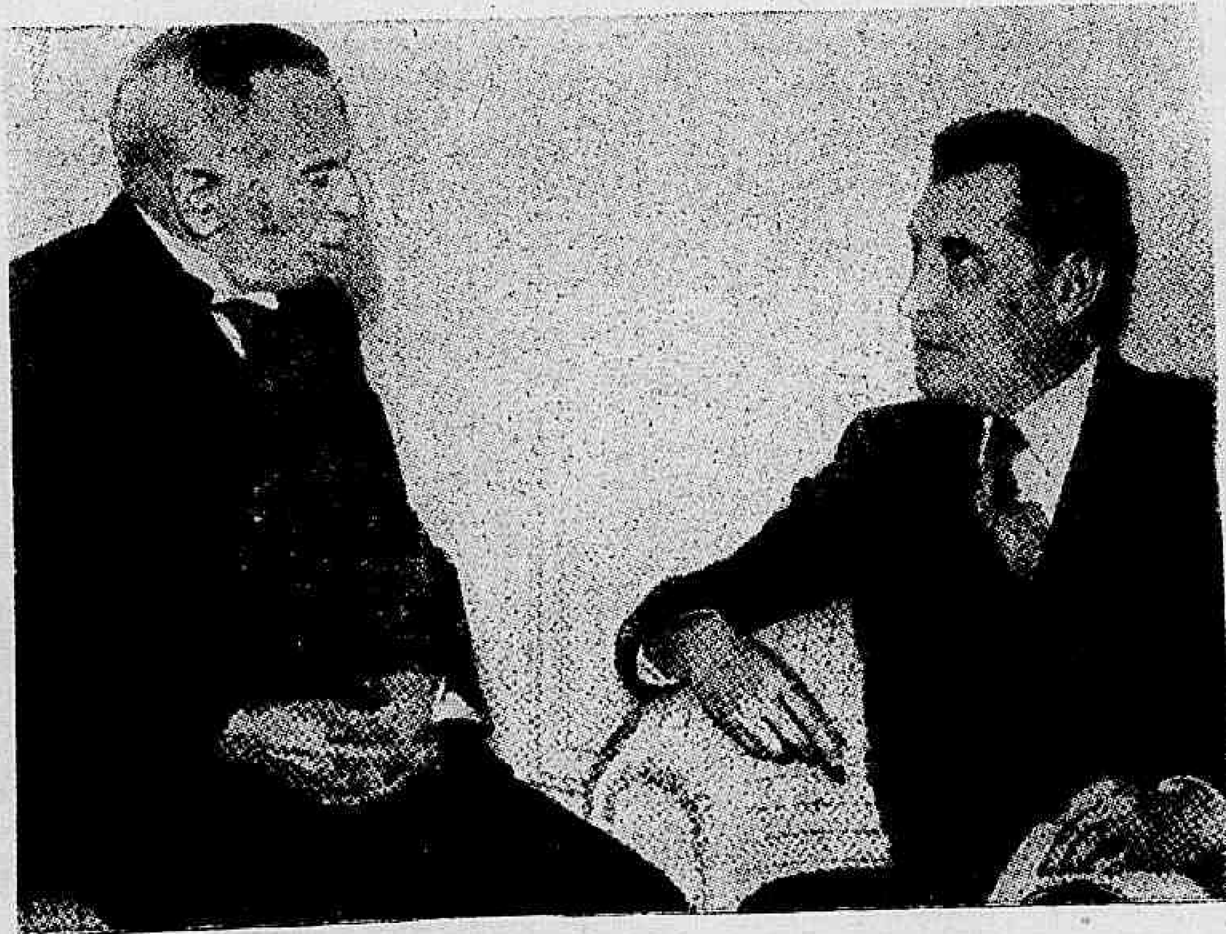


NO MOMENTO em que a urna era posta em câmera ardente, no salão nobre da Assembléia Nacional. Ao fundo, proeminentes figuras do govêrno. Em guarda de honra, os alunos do Colégio Militar, que se revezaram por turnos, durante a exposição pública. Muitos milhares de cidadãos desfilaram diante da urna, prestando derradeira homenagem ao Chefe falecido.

muito baixas. As horas passavam, uma chuva miúda começava a saraivar nos rostos tristes, muitos estabelecimentos comerciais ficaram de portas semi-cerradas e não havia, nessa noite, espetáculos em teatros nem cinemas.

Voltamos para o hotel convencidos de uma verdade incontrastável: o povo sentia a morte de Carmona. Êle não era apenas um Chefe de Estado, mas um ancião cujas virtudes se proclamavam, em evocações muito oportunas, pelos cafés, à porta dos jornais e nas residências particulares.

Alguém nos lembrava a memorável viagem feita por Carmona ao Pôrto, anos atrás. Na gare ferroviária, quisera insistentemente libertar-se dos guardas, dos detectives, para confraternizar com o povaréu. Foi preciso convencê-lo, com palavras um pouco ásperas, do perigo a que se expunha: não o de qualquer tentativa de assassínio, mas justamente do contrário: o perigo de ficar esmagado pela massa humana. Depois, quando Carmona regressou à capital, o fato repetiu-se na estação do Rossio. E assim mesmo, burlando as





CARMONA e SALAZAR, em flagrante antigo, dos muitos que agora foram evocados pela imprensa portuguêsa. À direita, o Marechal Antonio Oscar de Fragoso Carmona em companhia da espôsa, num flagrante obtido em sua residência do Luminar, onde se deu o desenlace. Era o ilustre Chefe de Estado um fotógrafo amador dos mais aficionados e grande amigo dos repórteres.



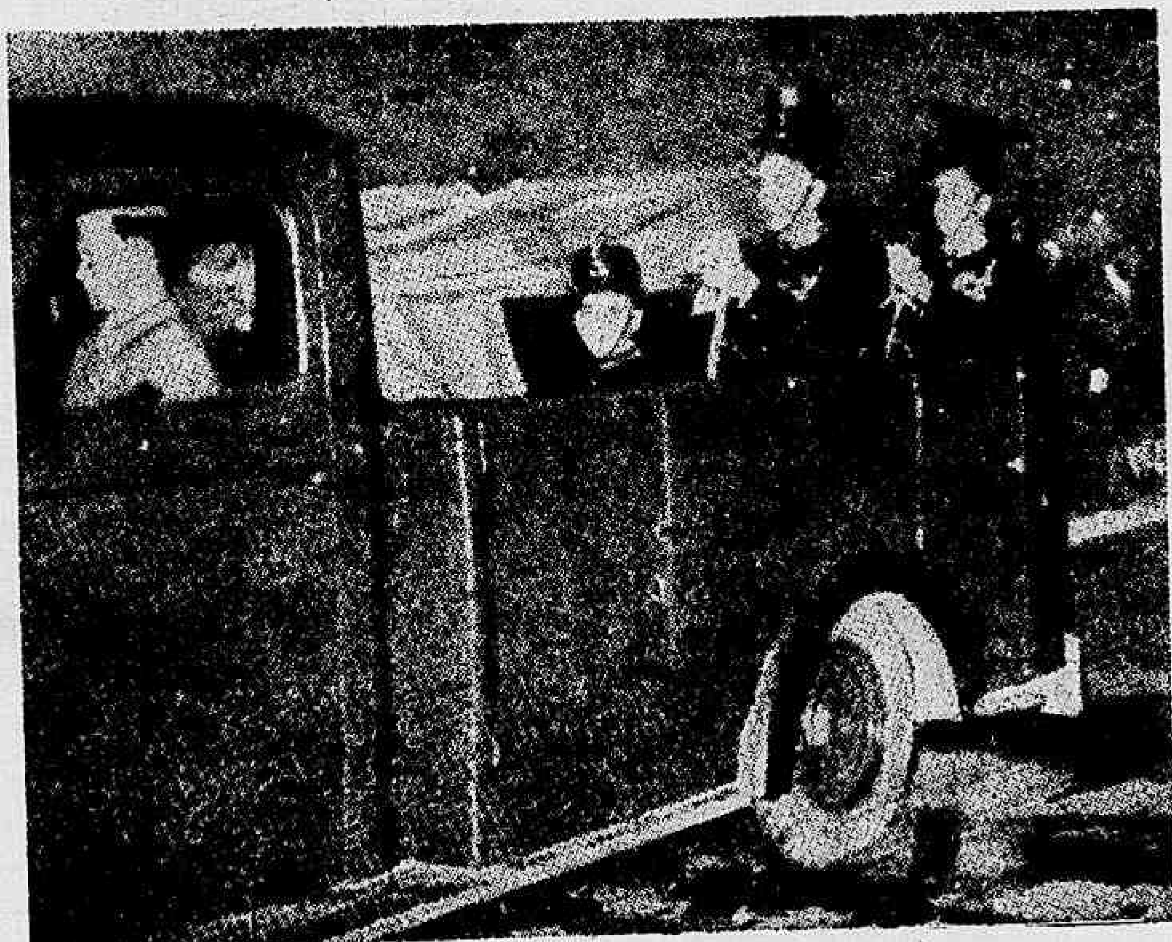
O FÉRETRO dá entrada no Palácio da Assembléia Nacional, subindo a grande escadaria central. Passa da meia noite, está garoando lá fóra, e grande parte da população se comprime nas imediações. O desfile, silencioso, constituído de centenas de automóveis, fêz-se desde o Luminar, entre alas de homens e senhoras que não conseguem disfarçar a sua forte emoção.

providências dos investigadores, Carmona havia dado alguns passos até fora, vendo-se comprimido pelos milhares de cidadãos que desejavam, a todo custo, abraçá-lo, tocá-lo de perto.

Era êsse o homem cuja morte, embora esperada desde muitos dias, impressionava de maneira mais profunda a todos os seus compatriotas.

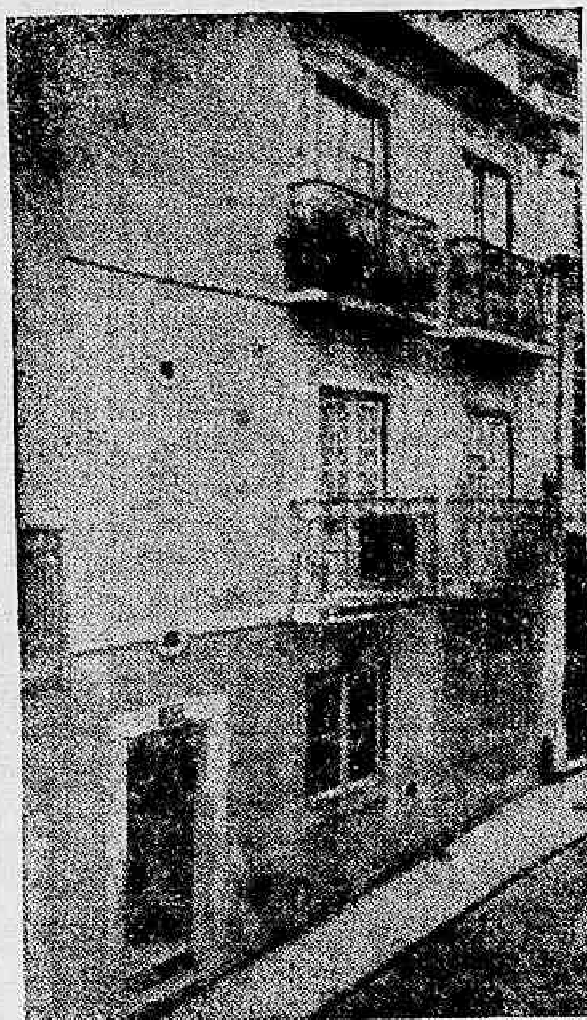
★

Por volta das dezessete horas, nesse mesmo dia, a Emissora Nacional voltava a irradiar, comunicando as decisões tomadas pelo Conselho de Ministros e avisando que às onze da noite o corpo seria trasladado do Lumiar, residência do ilustre morto, para o Palácio Nacional de S. Bento. Desde duas horas antes fazíamos uma peregrinação por todo êsse percurso, em sentido contrário e já então as filas extensas de mulheres, homens e crianças, se estendiam silenciosamente pelas calçadas, aguardando o cortejo fúnebre. Chovia, e por vêzes, em fortes bátegas, mas ninguém se afastava, tôda a gente disposta a fincar pé até qualquer hora.





A URNA LADEADA por alunos do Colégio Militar, no armão que a transportou para a Assembléia Nacional. A direita, a sra. D. Maria do Carmo de Fragoso Carmona, muito abatida, apoiada em braços carinhosos, sai da sua residência para acompanhar o féretro na trasladação. Pelas ruas, extensa fila de povo aguardava a passagem do féretro suportando o mau tempo da noite.




A CASA DA RUA de Santo Antônio dos Capuchos nº 37, onde nasceu Carmona, em Lisboa, e o mesmo aos 14 anos, quando aluno do Colégio Militar, o mesmo que lhe prestou as últimas homenagens.




O EX-REI HUMBERTO da Itália e o embaixador da Espanha, quando saiam da casa do Luminar, depois de terem apresentado condolências à viúva e aos representantes do govêrno ali presentes.

Mas no momento marcado, começou a formar-se o cortejo no Lumiar, em frente da residência. Ia à frente o carro conduzindo o Rev. Domingos Ambrósio, prior da freguesia do Lumiar e logo o armão militar, automóvel com a urna. Seguiam-se os carros com pessoas da família, e os dos membros das Casas Militar e Civil do Chefe de Estado. Depois, o do Chefe do Govêrno, Oliveira Salazar, precedendo os ministros, o Governador Civil, o Presidente do Município, Chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas, comandante geral da Armada e outras autoridades.

No armão, ladeavam a urna coberta pelo pavilhão português, alunos do Colégio Militar. Eram o comandante do Batalhão Escolar, quatro comandantes de companhia e o jovem Braancamp Sobral, o "menino da Luz", que tem hoje o mesmo número de inscrição que o Marechal Carmona, quando aluno do Colégio Militar.

E o desfile do triste saimento faziase por entre as filas postadas, em recolhida emoção, a todo o percurso — Alameda das Linhas de Tôrres, Campo Grande, Avenida da República e Pontes Pereira de Melo, Praça Marquês de Pombal, Rua Braancamp, Praça do Brasil e, finalmente, Rua de S. Bento, onde se encontra o Palácio da Assembléia Nacional. Silenciosa e compungida, tôda aquela gente de chapéu na mão, recebendo a chuva a descoberto,



CARMONA DURANTE as comemorações centenárias de 1940, na festa que então se realizou no Parque Eduardo VII, em Lisboa.



Outro flagrante, mais recente, do presidente agora morto, o último a ser sepultado no Mosteiro dos Jerônimos, com grandes funerais.

comungava com o luto geral, perante o ataúde.

Na escadaria exterior do majestoso edifício, o Palácio São Bento, aguardavam a chegada do féretro os presidentes da Assembléia Nacional e da Câmara Corporativa, e outras autoridades. Passava cinco minutos da meia-noite quando o cortejo fúnebre se aproximou. À frente, a escolta motorizada da P.S.P., depois o armão com a urna, seguido do carro sacerdotal, e os demais carros.

Conduzia a espada e o chapéu do Marechal Carmona, seu ajudante de campo, Comandante Nuno de Brion. Aos ombros e ladeado pelos rapazes do Colégio Militar, o féretro foi levado para o Salão Nobre, onde o ficaram velando tôda a noite a espôsa e os filhos do Presidente. Mais tarde, por volta das quatro da madrugada, o corpo foi retirado para outra dependência, procedendo-se ao embalsamamento. E voltou, então, para o Salão Nobre, onde ficou exposto até às quinze horas de sábado, quando se realizaram os funerais. O corpo, encerrado em urna com tampo de cristal, ficará provisòriamente na Sala do Capítulo, dos Jerônimos, até lhe ser construído mausoléu. Foi êsse, por determinações superiores, o último Chefe de Estado cujo sepultamento se realiza nos Jerônimos.

E começou a grande romaria na manhã de sexta-feira, horas e horas, à tarde e à noite, enquanto a multidão passava, em filas compactas, respeitosa e comovidamente, perante a urna funerária junto da qual eram depostas montanhas de flores. Um avião especial havia chegado da Madeira, trazendo flores, a última homenagem de seus filhos.

Temos de regressar antes de se efetuarem os funerais. Mas o que vimos, fala com eloqüência do amor da gente portuguêsa, homens e mulheres, velhos, crianças das escolas ou levados por suas famílias, ao pranteado Chefe de Estado. Por tôda a cidade o ambiente é ainda agora de tristeza. Bandeiras a meia-haste, montras e portas de estabelecimentos corridas, a maior parte do povo com gravata preta, grupos de pessoas exprimindo mutuamente seu desgôsto.

Procuramos sondar a gente do povo — o "chauffeur" da praça, o "garçon" do hotel, o homem humilde dos serviços públicos — e de todos ouvimos uma palavra carinhosa, enternecedora, lamentando a morte de Carmona. Esta não é mais a Lisboa garrida, luminosa, que se distrai esportivamente, cheia de personalidade, com "marquizes" cheias de focos multicoloridos. Na alegria como na tristeza, dizem os cronistas da cidade, e com razão, êste povo é de uma dignidade absoluta. Vale como um exemplo.



GRUPO ANTIGO, feito no dia em que o então embaixador Guerra Duval entregava ao Presidente Carmona as insígnias da Gran-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. — Ao centro, banquete na Embaixada da Inglaterra, oferecido ao recém-morto, vendo-se o homenageado, Salazar, Júlio Dantas, o então embaixador do Brasil, José Bonifácio, o Núncio Apostólico e outras entidades, além da



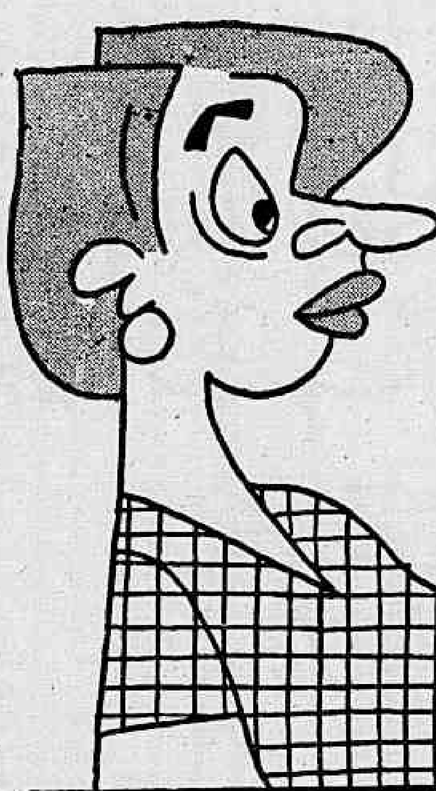
espôsa de Carmona, a seu lado. — Em baixo, banquete e recepção de honra a Carmona oferecidos pelo então embaixador brasileiro José Bonifácio e sua espôsa. Ao centro, a sra. D. Maria do Carmo de Fragoso Carmona.



TAREFA PARA UM SUPER-HOMEM




— O antigo prefeito abriu o túnel do Pasmado!
— E o novo vai ficar PASMADO com o lixo e as inundações...




— O CARECA não teve sorte com o Getúlio!
— Mas êsse outro é PELUDO...






— Para a administração passada o problema VITAL era a derrubada do morro.
— Agora na Prefeitura tudo é VITAL...




— A cidade vai entrar em um período de recuperação.
— Acredito. Terá uma administração VITALIZANTE...

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certo	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura médio	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUAL O NOME VULGAR DE «SULFATO DE CALCIO HIDRATADO»:

Gêsso?
Azinhavre?
Sal de cozinha?

2 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA «GÊ» ENTRE OS ÍNDIOS TAPUIAS:

Deus?
Chefe de família?
Estrangeiro?

3 — QUAL O VERBO QUE SIGNIFICA «BANHAR-SE COM LAMAS MEDICINAIS:

Redimir-se?
Empanturrar-se?
Ilutar-se?

4 — UM SINÔNIMO DE GAGUEIRA:

Mogilalismo? ?
Dadaismo?
Sidapismo?

5 — QUE SIGNIFICA «TETRAPODOLOGIA»:

Tratado dos pés?
Estudo acêrca dos Polos?
Estudo sôbre os quadrúpedes?

6 — QUE VEM A SER «SIRGO»:

Vento da Africa?
Canoa pequenina?
Bicho da sêda?

7 — QUE OUTRO NOME TEM A RECEITA MÉDICA:

Récipe?
Rizanto?
Icto?

8 — QUAL O MAIS FEROZ PEIXE DO RIO S. FRANCISCO:

Surubim?
Piranha?
Tubarana?

9 — QUE NOME SE DÁ, NO RIO GRANDE DO SUL, AO PAPAGAIO DE PAPEL:

Chimango?
Pandorga?
Tuna?

10 — QUEM INVENTOU O PARA-RAIOS:

Edison?
Guttenberg?
Benjamin Franklin?

11 — QUE NOME SE DÁ, EM GRAMÁTICA, A EXPRESSÕES COMO ESTAS: «DESCER PARA PAIXO», «SUBIR PARA CIMA»:

Zeugma?
Aférese?
Pleonasmo?

12 — A INSOLAÇAO PODE DAR-SE:

Sòmente durante o dia?
Só à noite?
Ou em ambos os casos?

13 — QUE SIGNIFICA «PRONOME ENCLITICO»:

O que vem antes do verbo?
O que está depois do verbo?
Ou no meio do verbo?

14 — QUEM E' O AUTOR DO «D. QUIXOTE»:

Cervantes?
Shakespeare?
Camões?

15 — QUE QUER DIZER «AÇU», NA LINGUA DOS NOSSOS INDIGENAS:

Branco?
Grande?
Pequeno?

16 — QUAL O MAIS IMPORTANTE RIO DO MUNDO EM VOLUME DAGUA:

O Nilo?
O Mississipe?
O Amazonas?

17 — QUE NOME SE DÁ A DESCRIÇAO DOS RIOS:

Orologia?
Geografia?
Hidrografia?

18 — ETIMOLÒGICAMENTE, COMO DEVERIAMOS PRONUNCIAR A PALAVRA FIGADO:

Com acentuação na última silaba?
Na ante-penúltima, como usamos?
Ou na penúltima?

19 — QUAL O PLURAL DE CONSUL:

Cônsues?
Cônsuls?
Cônsules?

20 — QUANTOS ANOS DE FUNDAÇAO VAI COMEMORAR AGORA A CIDADE DE PARIS:

Dois mil?
Mil e quinhentos?
Três mil?

Respostas na página 50)

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

MAIS uma vêz repetimos: O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Essa advertência precisa ser renovada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não pertencem mais ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, informando que suas reportagens seriam publicadas em nossas páginas. Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exibida pelos interessados.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

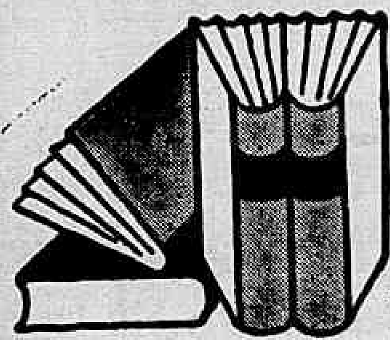
2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

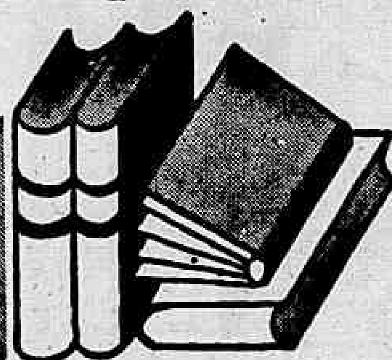
4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



Munhoz da Rocha

BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO, eleito governador do Paraná, é uma das figuras mais expressivas de nossa atualidade política e um escritor de raça. Como deputado, na última legislatura, destacou-se Bento Munhoz pela operosidade e pela alta inteligência de nossos problemas que revelou, como mandatário do povo. Engenheiro civil, professor de História da América e de Sociologia na Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, Bento Munhoz levou para o recesso do Congresso Nacional uma inteligência tôda voltada para os grandes problemas objetivos de história social, para os debates de natureza cultural que mais de perto interessam aos nossos destinos de povo em franca evolução. Juntando à sua atividade parlamentar, êsse gosto pelos estudos sérios de pesquisa e interpretação, quer no terreno histórico, quer no social, Bento Munhoz traçou da tribuna da Câmara, ao longo dêsses anos de experiências legislativas, uma luminosa trajetória que se deixou verificar através do livro, do jornal ou das mesas de conferências. Coroando aliás êsse roteiro de uma inteligência e de uma cultura que encontraram a melhor moldura numa tribuna política, deu-nos um esplêndido ensaio, que intitulou **Uma Interpretação das Américas,** publicado há dois anos. Êsse magnífico estudo de interpretação das nossas heranças culturais, face à realidade do que estamos apresentando ao mundo, após séculos de adaptações, experiências e recriações, mereceu os mais francos louvores dos críticos literários ou especializados, valendo, por isso mesmo, como manifestação de que o político, no autor, era um prolongamento expontâneo do intelectual em atitude objetiva diante dos homens e das coisas.

MARIA CHAPDELAINE



MARIA CHAPDELAINE — No momento em que o cinema francês vai dar maior repercussão ao belo e popular romance idílico de Louis Hémon, que tem como cenário o Canadá é oportuno conhecermos a verdadeira inspiradora da figura comovente da heroina do livro imortal. Aqui está ela: é Eva Bouchard que há trinta e oito anos foi o modêlo do romancista e que faleceu há pouco, no seu Péribonka natal, cenário da história de Hémon.

NA POESIA DOS ARQUIVOS

MUITAS e muitas das frases de Euclides da Cunha (basta seguirmos as páginas luminosas geniais dos «Sertões») parecem fotografias — fotografias que fixassem o exterior e o interior dos sêres animados e dos sêres inanimados... «O heroismo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas». «A sua religião é como êle — mestiça». «O homem dos sertões... mais do que qualquer outro está em função imediata da terra». «As parvoices saem-lhe da boca trágicas». «A vida resumida do homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade...» «Quedou na tranqüila indiferença superior dum estóico.» «... reabrindo nas paragens infelizes as trilhas apagadas das bandeiras...» «... vencido pelo cansaço de minúsculas vitórias, num esfalfamento trágico de algozes enfastiados de matar...» «Se um grande homem pode impôr-se a um grande povo pela influência deslumbradora do gênio, os degenerados perigosos fascinam com igual vigor as multidões tacanhas.» «... arriscando-se doidamente, barateando a bravura». «A história militar, de urdidura tão dramática a recamar-se por vêzes das mais singulares antíteses, está cheia das grandes glorificações do medo.» «... num belo aprumo de candidatos à História...» ★ «... já em 1908, nas colunas de «A Notícia», em artigo que trazia por título — «Os sertanejos», Coelho Neto batizara a capital do país com a denominação, hoje vulgarizada, de **Cidade Maravilhosa**». (Pg. 184 do livro «Coelho Neto, de autoria de Paulo Coelho Neto —Rio — 1942) ★ Temos lido e ouvido que Manuel Antônio de Almeida escreveu apenas «Memórias dum Sargento de Milícias» — o que, aliás, não seria pouco... Mas a verdade é que nos deixou, também, um drama histórico — «Dois amores», que não deve ser confundido com «Os dois amores», romance de Joaquim Manuel de Macedo... ★ BALZAC E A IMPRENSA — Freqüentemente satirizado pelos jornalistas da época que não o estimavam em seu justo valor, Balzac vingou-se da imprensa parodiando assim a famosa frase de Voltaire relativa a Deus: «Se a imprensa não existisse, seria preciso não inventá-la. ★ CONSÔLO PARA JOVENS AUTORES — Stendhal julgava «De l'Amour» o seu melhor livro. A obra saiu em 1222. Dois anos após, Mongie, o editor, escreve-lhe: «Não vendi quarenta exemplares do seu livro e posso dizer a seu respeito como no tocante às «Poesias Sagradas» de Pompignat: são realmente sagradas, pois ninguém as toca». Ao que Stendhal replicou: «Mesmo que minhas obras permaneçam sagradas, como o diz elegantemente o Snr. Mongie, essa circunstância funesta parece-me menos humilhante que a necessidade de ir à redação de «Le Constitutionnel», solicitar um artigo». ★ DEFINIÇÕES DE WILDE — «Crítica — a única forma civilizada de autobiografia». «História — Qualquer um pode fazer história. Só um grande homem pode escrevê-la». «Jornalismo moderno — Justifica a sua existência pelo grande princípio darwiniano da sobrevivência do mais vulgar. «Biografia — Todo grande homem tem hoje em dia seus discípulos e é Judas quem lhe escreve a biografia». «Poesia — «Nenhum poeta canta porque deve cantar... Um grande poeta canta porque escolheu cantar». «Romance — Qualquer um pode escrever um romance em três volumes. Exige-se apenas um desconhecimento completo da vida e da literatura».



LA *Gioconda*

(de LEONARDO DA VINCI)

Por Carlos Pellicer

Al siglo XVI cupo la gloria
del triunfo universal de tu sonrisa
y de abrir a tu paso, oh, Mona Lisa,
de par en par las puertas de la Historia.

Sonríes, presintiendo tu victoria,
con clara previsión de profetisa
y a tu expresión hermética y concisa
confías lo inmortal de tu memoria.

El signo de la cruz que hacen tus manos
contrasta con tus ojos cortesanos
y con tu modo de mirar travieso.

Y ante tu singular sonriso muda
todo aquél que te mira tiembla y duda
entre alzarte un altar o darte un beso.

Fora do Prelo

O HOMEM SEM A MASCARA — Ary Kerner — Gráfica Olímpica — Rio de Janeiro Ary Kerner, jornalista, teatrólogo, compositor, p o e t a, dedicou-se a um ramo novo da literatura e dos mais fascinantes: a publicidade. Dentro dessa zona quase inexplorada, o escritor, servido por extraordinária acuidade, percebeu que existia, como «background» da vida moderna, das coletividades e dos indivíduos, todo um mar de papel impresso, de «slogans», de alto-falantes, de câmeras cinematográficas, em uma palavra, a publicidade. Então, enquanto servia a êsse setor da vida moderna, Ary Kerner foi do mesmo passo, devassando seus bastidores e nos deu êste livro, «O Homem sem Máscara», que é um cintilante estudo dos escaninhos da publicidade.

O livro, já em segunda edição, com excelente apresentação gráfica, contém realmente revelações sensacionais sôbre os segrêdos da publicidade política, comercial, individual, etc., bem como um escorso de sua história e um acervo eloqüente de conclusões sôbre o que se pode denominar a filosofia da publicidade.

Arte? Ciência? Simples técnica moderna de anunciar? Como quer que encaremos a publicidade; capaz de criar regimes, de derrubar políticos, de inventar glórias literárias e artísticas, de montar reputações, de impingir produtos secundários, de mover fortunas — a publicidade é uma das fôrças prodigiosas de nosso tempo e, conhecê-la, importa em devassar grande parte do mistério da vida e do homem contemporâneo.

Com êste livro, Ary Kerner nos conduz a um completo conhecimento do mundo da publicidade e, assim, mostrando-nos êsse mundo pelo avêsso, exibindo-nos o fôrro da máscara com que os homens, hoje em dia, nos aparecem, realizou uma tarefa por muitos títulos indispensável. Embora tratando de matéria que seria árida, em mãos de um escritor menos afeito ao contato com o público, Ary Kerner escreveu com estilo, ágil, fácil e sedutor, uma obra que se lê deleitadamente, sem perder, mesmo nos instantes em que o assunto lhe inspira crítica mais amarga, a boa dosagem de humor que nos alicia pelas trezentas páginas de «O Homem sem a Máscara».

★

CRISTO, O MAIOR DOS ANARQUISTAS - Anibal Vaz de Melo - S. Paulo Estamos aqui em presença de uma obra revolucionária, cujo título, embora objetive uma síntese do assunto, pode parecer visar um inútil escândalo. Compreendemos que Anibal Vaz de Melo quis, com êste livro, vencer as resistências cristãs, sobretudo católicas, em favor da evolução social. Acontece, porém, que êle colocou o tema sob um ângulo que imediatamente afasta qualquer confissão das páginas tão eloqüentes e tão comovidas de seu estudo, onde procura a vida de Cristo-cidadão, mais do que o apóstolo e o homem. Fez assim, um acurado estudo, para chegar até à obra política de Messias, vendo nele, e desejando fazer-nos ver, um Cristo mais próximo, ao mesmo tempo mais operante cujo legado a exegése tem cada vez mais distanciado do humano, para melhor serventia da fé e, sobretudo da igreja.

Não caberia em um simples registro bibliográfico, como êste, a crítica de obra de tal importância, tanto mais importante quanto nos parece perigosa, caindo em mãos inhábeis, lida por semi-ignorantes que, por certo, trairão a finalidade do autor. Aqui fique a simples nota do aparecimento do livro que foi, antes, proibido no Brasil, editado primeiramente em castelhano e lançado na Argentina, surgindo agora em sua versão original, em nossas livrarias. Conforme previne o autor, o livro se edita sem alguns capítulos que êle houve por bem retirar, a fim de não melindrar os crentes. Consideramos, essa, uma providência inútil, pois o que ficou, não apenas melindrará, como indignará os espíritos que se afeiçoaram ao Cristo-Deus.



Paulo Dantas, cujo último romance, «Cidade Enfêrma», é um dos livros de maior importância nas edições mais recentes.

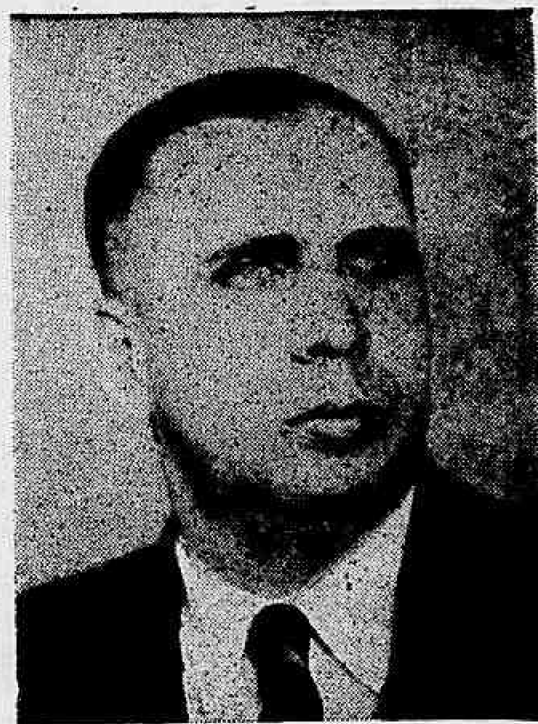
★

CIDADE ENFÊRMA — Paulo Dantas — Editôra Brasiliense - S. Paulo Uma frase de Edgar Cavalheiro sôbre um trecho dêste romance, define melhor todo o livro: «E' um troço comovente como o diabo».

Paulo Dantas é um escritor novo, com dois livros anteriores, um dêles premiado pela Academia Brasileira de Letras, e um escritor em evolução, portanto. Mas, já está na plena posse de seu instrumento e, principalmente, do seu gênero, o romance, em que pode ser considerado uma das mais fortes expressões, entre nós. «Cidade Enfêrma» vem confirmar suas qualidades, antes suspeitadas, constituindo uma das mais fortes manifestações do romance brasileiro atual.

Aparecido no ano passado, «Cidade Enfêrma» continua sendo uma novidade em nossas livrarias, por isso que lhe faltou o trabalho das «igrejinhas», êsse trabalho que faz das mais completas mediocridades as glórias do dia. Editando-se em São Paulo, residindo em Jabaquara, Paulo Dantas não dispõe, como os escritores da grande cidade, dêsse círculo solícito de amigos que escrevem nos jornais e ajudam as estréias. Assim, até agora, não ouviramos falar de seu comovente livro, êste belo romance em que não apenas aparece um romancista, mas, ao mesmo tempo, podemos ter uma impressão otimista, a respeito dos novos rumos do romance brasileiro, nas mãos da atual geração, já superando o que veiu antes e mais próximo, com um mundo mais largo à sua frente, liberta do típico e do pitoresco, emancipada de um brasileirismo meio forçado e muito colorido, para substituir reais qualidades de penetração psicológica e dotes criadores. E, principalmente, sabendo escrever, o que pareceu dispensável à geração modernista, no romance.

Os dotes de romancista de Paulo Dantas estão patenteados neste livro. Criador de mundos interiores e de personagens vivas, êle tem o gosto dramático e sabe ser doloroso, diante da pungência dos destinos marcados. Seus heróis formam uma humanidade contagiante, completam-se dentro da vida, inserem em nossa emoção as suas tragédias, os seus destinos. O romance passa-se em Campos do Jordão e, daí, seu título: «Cidade Enfêrma», enfêrma porque se trata de uma estação climática de tuberculosos. O autor não se volta, entretanto, para os aspectos especiais, particulares, das criaturas que descobre ali. O sanatório é apenas um denominador comum, talvez um elemento de exasperação, um fator que contribui para o climax do drama. Não é, porém, a essência do romance que, essa, está no movimento íntimo, naquelas almas e naqueles corpos que o destino juntou para uma nova vida, para novos sonhos, novas ambições, novas ânsias e novas tragédias. A cidade, aqui, é mero ambiente, tem o valor e as limitações dos ambientes. Tanto mais que Paulo Dantas despresa a paisagem aos seus próprios confins, interessando-se, isto sim, pelo material humano. Com o dom da penetração psicológica, êle vai muito fundo nesse elemento particular do romancista — a alma. Assim, parte da cidade, que está no seu título, e chega a criar um mundo de conflitos dos mais pungentes, com instantes de vida intensa, emocionante. E, além disso, escreve muito bem, manejando o estilo e a língua como instrumentos precisos de análise e de narração, o que situa «Cidade Enfêrma» como um dos romances principais do momento literário brasileiro, um livro que arrasta o leitor, que nos devora, tal a participação a que nos obriga, através nos seus dramas constrangedores.



Ary Kerner que vem de lançar a segunda edição de seu palpitante estudo nos domínios secretos da publicidade e que vale como um largo inquérito por traz da cortina de papel impresso.

O POETA



O poeta Manuel Bandeira, que fez anos a 19 de abril, data que foi motivo de grandes manifestações de regosijo, no mundo literário brasileiro.

O ROMANCISTA



O romancista Otávio de Faria que vai visitar a Europa.

LETRAS MINEIRAS

EXISTEM na verdade dois prêmios literários em Minas: um, com a denominação de «Oton Bezerra de Melo», o seu patrono, no valor de vinte mil cruzeiros e destribuido pela Academia Mineira de Letras; o outro, conferido pelo Estado de Minas Gerais. Infelizmente, o prêmio da Academia é privilégio de um pequeno grupo, anualmente. Quem não fizer parte da «capelinha», pode desistir da pretenção de vir a ser laureado pelo cenáculo, que tinha, até há pouco, na sua presidência um dos nossos poetas menos expressivos. O outro prêmio, o do Estado, é distribuido por uma comissão indicada pelo Secretário da Educação. Quem for o titular daquela pasta, de conformidade com a comissão que escolher para o julgamento, poderá entregar os vinte contos a qualquer poeta de seu círculo de amizades. ★ Acaba de aparecer mais um matutino em Belo Horizonte. A «Tribuna de Minas», sob a direção de Osvaldo Nobre, deputado Vasconcelos Costa e Sebastião de Brito. ★ Só o «Diário de Minas» está atualmente nos oferecendo um suplemento dominical. Não sabemos se isto obedece a um plano dos nossos diretores de jornal. Obrigar a família literária de Minas a expandir-se fora do Estado, colaborando na imprensa do Rio, que é a única ainda capaz de produzir celebridades entre nós; ou, então, estimular a fundação de uma editôra para dar escoamento a nossa produção literária. E' raro o cidadão que, aqui, não possua os originais de um livro engavetado. Mas a maioria prefere conservá-los inéditos, talvez, aguardando uma oportunidade para penetrar na capela literária que todos os anos recolhe lepidamente os vinte contos deixados por Oton Bezerra de Melo, com o intuito de incrementar o nosso movimento cultural. — C.S.

Nem CARA...

CHEIO!

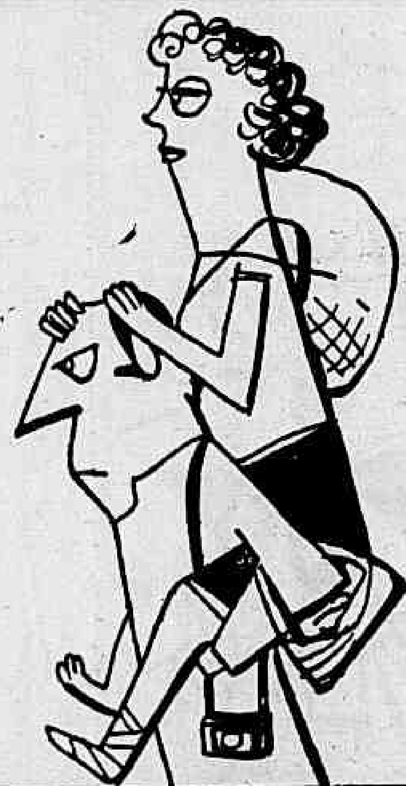
PRECISA-SE EMPREGADA QUE NÃO CANTE ERREI SIM...



HIERARQUIA SATANÁZ, BELZEBUTH E LUCIFER, GRANDE GENERAL E IMPERADORES; SETE REIS; O GRÃO DUQUE ASTAROTH E MAIS 23 DUQUES; 10 CONDES; 11 PRESIDENTES, CENTENAS DE CAVALEIROS; 6666 LEGIÕES DE 6666 DIABOS, NUM TOTAL DE 44.435.556 DÊLES.

PROVERBIO

QUEM TEM BURRO E ANDA A PE', AINDA MAIS BURRO E'...



NO TEMPO DO DUTRA: ENCHE COM XÊ!

A SAÚDE DO BEBÊ

Hábito asténico (criança franzina)

DR. SABOIA RIBEIRO

A construção franzina da criança, qual se apresenta em muitas ocasiões para a idade escolar — o tórax chato, as fossas supra e infra-claviculares profundas, os espaços intercostais deprimidos —, traz costumeiramente inquietações à família, que vê nesse aspecto, tornado mais impressionante ainda pela palidez também presente, alguma coisa de predisposição à tuberculose, mesmo que faltem os fatôres que, de referência à herança mórbida ou ao contágio, justifiquem tais receios.

Não é êsse, realmente, o critério pelo qual se deve suspeitar da existência da tuberculose na criança.

Efetivamente, a maioria das crianças tuberculosas, ainda que grave a infecção, conserva por um longo tempo um bom estado nutritivo, nada fazendo supor, aos olhos do leigo, a moléstia latente, pois o aspecto geral é, não obstante, satisfatório e até boas as côres.

Justifica-se, antes, a suspeita, sempre que o fator familial é informado — e isso, ou porque algum caso positivo da tuberculose já foi assinalado, ou, e com mais razão naturalmente, se casos repetidos da doença se têm verificado na ascendência ou no meio doméstico do pequenino.

Tórax chato, nas condições descritas, assinala, sem dúvida, uma peculiaridade constitucional, mas que nada tem que ver com a tuberculose ou especial predisposição a ela.

Visto de frente o tórax é cilíndrico, arqueando-se os ombros para a frente. O rosto da criança é como que sumido em relação à cabeça, maior, crescida. Tôda a musculatura é escassa e frouxa, pouco tecido celular subcutâneo; às vêzes, existe hérnia. Deformações estáticas — pé torto, joelho em tesoura.

Êsse o chamado hábito astênico, da criança, mais definido para a época escolar.

Pode, às vêzes, faltar êsse ou aquêle elemento; delinear-se o quadro com maior ou menor nitidez.

O hábito astênico já se denuncia no lactente com seu tórax cilíndrico e achatado, grandes espaços intercostais, um crânio muito achatado, grandes mãos e pés, sono leve e sinais de neuropatia.

Na criança portadora do hábito astênico o coração revela, às vêzes, um funcionamento irregular. Freqüente encontrar-se sopros.

Os sinais de debilidade do sistema nervoso se patenteia no cansaço fácil, quer físico, quer mental.

A educação dessas crianças deve ser assistida com critério e pautada por uma higiene própria — alimentar, mental e no que se refere a exercícios.



CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

G. R. (Uberaba) — Nas crianças que crescem demasiado são muito comuns as palpitações. E' comum que sejam atribuídas à chamada hipertrofia cardíaca de crescimento, o que, porém, não corresponde à realidade.

Mas ficam sujeitas, tais crianças, à dilatação aguda do coração e sinais de insuficiência se se fatigam demasiado ou se entregam a esforços mais violentos.

S. V. (Nesta) — Na bronquite-asmática e nas bronquiectasias (bronquites com dilatação dos brônquios) o tórax adquire, por vêzes, uma conformação que o aproxima da forma de um barril — *tórax em forma de barril*.

Não tem nada a ver com a tuberculose.

Ao que parece, trata-se de uma conformação dêsse tipo, restando ver qual a causa, que sòmente o exame direto da criança poderá permitir.

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com óleo de deroba.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro do «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

UM MUNDO À MARGEM

Novela de LOIVA LEIRIA BORBA

NÃO sei como foi suceder aquilo. Não sei a que atribuir, se ao acaso ou à fatalidade, aquêle estranho acontecimento que me pôs a par da vida de Virginia, depois de tantos anos de separação e de silêncio. O certo é que vim a conhecer seu marido acidentalmente numa de minhas viagens ao sul, quando lhe coube o lugar vago, a meu lado, no avião que nos conduzia.

Mas é preciso primeiro que eu explique: Virginia tinha sido minha colega de internato, nos tempos de ginásio, por sinal uma estranha criatura, de sensibilidade exagerada e talvez por isso mesmo, de alma solitária, nunca fazendo questão de conviver estreitamente com as outras companheiras de turma. Não sei bem a que atribuir a amizade que nos uniu, talvez que à similitude da vida que levávamos, ela por princípio, eu por temperamento, ambas nos esquivando das outras colegas. A verdade é que durante os cinco anos de internato fomos sempre boas amigas. Nas férias escolares costumávamos trocar correspondências com assiduidade, tanto que, após a formatura, quando nos separamos definitivamente para enfrentar a vida cá fora, foi para mim uma grande surprêsa nunca mais ter recebido notícias suas. Várias vêzes tentara comunicar-me com ela, minhas cartas, porém, voltavam tôdas com o aviso "destinatário ignorado" e eu jamais consegui tomar conhecimento do seu paradeiro.

Assim, não podia deixar de me espantar quando escutei meu companheiro de viagem referir-se a Virginia no meio de uma conversa casual em que eu mencionara o colégio que havia freqüentado na adolescência, explicando comovido: "Minha mulher também estudou nesse ginásio". E maior ainda foi a minha surprêsa quando seus olhos se encheram de nuvens e êle me disse com voz velada:

— Ela morreu na semana passada... Um acidente de automóvel... foi terrivel...

E, ante o meu silêncio comovido, disse ainda:

— Mas talvez tivesse sido melhor assim... Ia ser uma tragédia se ela continuasse viva...

Não entendi, e êle, sacando sùbitamente da pasta de viagem um caderno de capa de couro, grosso, cuja borda de cima, revirada, formava uma carteirinha, retirou dela pequena chave e explicou:

— Embora pareça incrivel, essa chavezinha encerra todo o segrêdo de uma vida de mentiras, de hipocrisia, de desonra e maldade...

E em meio de um soluço:

— ...segrêdo que só vim a conhecer depois de sua morte, há poucos dias... revelado pelas páginas dêsse manuscrito...

E, passando o caderno para as minhas mãos, pediu:

— Tome conta dêle... Pode lê-lo... A senhora terá aí a mais estranha revelação de... uma mulher... honesta...

★

Tenho agora nas mãos o manuscrito de Virginia. Quase posso senti-la presente diante de mim, com seu sorriso cheio de ternura, seu olhar doce e compreensivo, seus momentos de profundo silêncio que valiam mais do que tôdas as palavras do mundo. E ninguém pode supor a emoção que me domina, como tenho o coração apertado de saudade ao notar em cada passagem da sua estranha história, o toque da sua sensibilidade, a marca da sua forma de ser, o cunho do seu encanto pessoal, cheio de mistério e de originalidade. E desvendando assim o segrêdo da sua vida, fico agora a perguntar-me intimamente se aquêle seu mundo criado à margem terá mesmo trazido a felicidade que ela sonhava, ou se, apenas, terá sido causa de um grande sofrimento...

Lembro por instantes seu marido. Revejo aquêle olhar triste, o aspecto inconsolável quando me disse, no momento da nossa despedida, chegados que fôramos ao aeroporto:

— Creia, D. Dora: a ninguém mais eu seria capaz de confiar essas notas. Entrego-as à senhora, não só porque foi a melhor amiga de minha mulher em outros tempos, podendo assim talvez compreendê-la melhor, mas também pela necessidade que tenho de dar ao manuscrito de Virginia outra aplicação que não seja a destruição... total...

E acrescentou:

— Meu plano é prosseguir viagem pelos Estados da América do Sul durante algum tempo. Talvez semanas, talvez meses... Até, se não fôssem os meninos, eu seria capaz de nunca mais voltar... acontece que êles precisam de mim, pobrezinhos... e não têm culpa de tôda essa tragédia...

Pensando agora na sua mágoa tão profunda, trazendo nos ouvidos as suas queixas, fico em dúvida, não sabendo a que conclusão chegar sôbre o procedimento de minha amiga. Talvez que, considerando as nossas leis sociais, eu devesse condená-la. No entanto, encarando o sentido humano da questão, conhecendo-a como conheci, sabendo da sua sensibilidade emotiva, dos seus pontos de vista sôbre a vida, sinto-me inclinada a julgá-la extremamente corajosa e, até, de certa maneira, abnegada, ao conservar em segrêdo uma felicidade que, a descoberto, teria fatalmente trazido a desgraça a criaturas inocentes.

Bem, já é tempo de falar com mais clareza, de expor aqui os fatos em seus mínimos detalhes.

★

Segundo seu marido, Virginia morrera acidentada por um automóvel quando se dispunha a atravessar a rua, diante do palacete em que moravam em Botafogo. E, após seu entêrro, em meio das coisas que guardara — como se movida por algum

(Cont. na pág. 22)



Ilustração de GIL

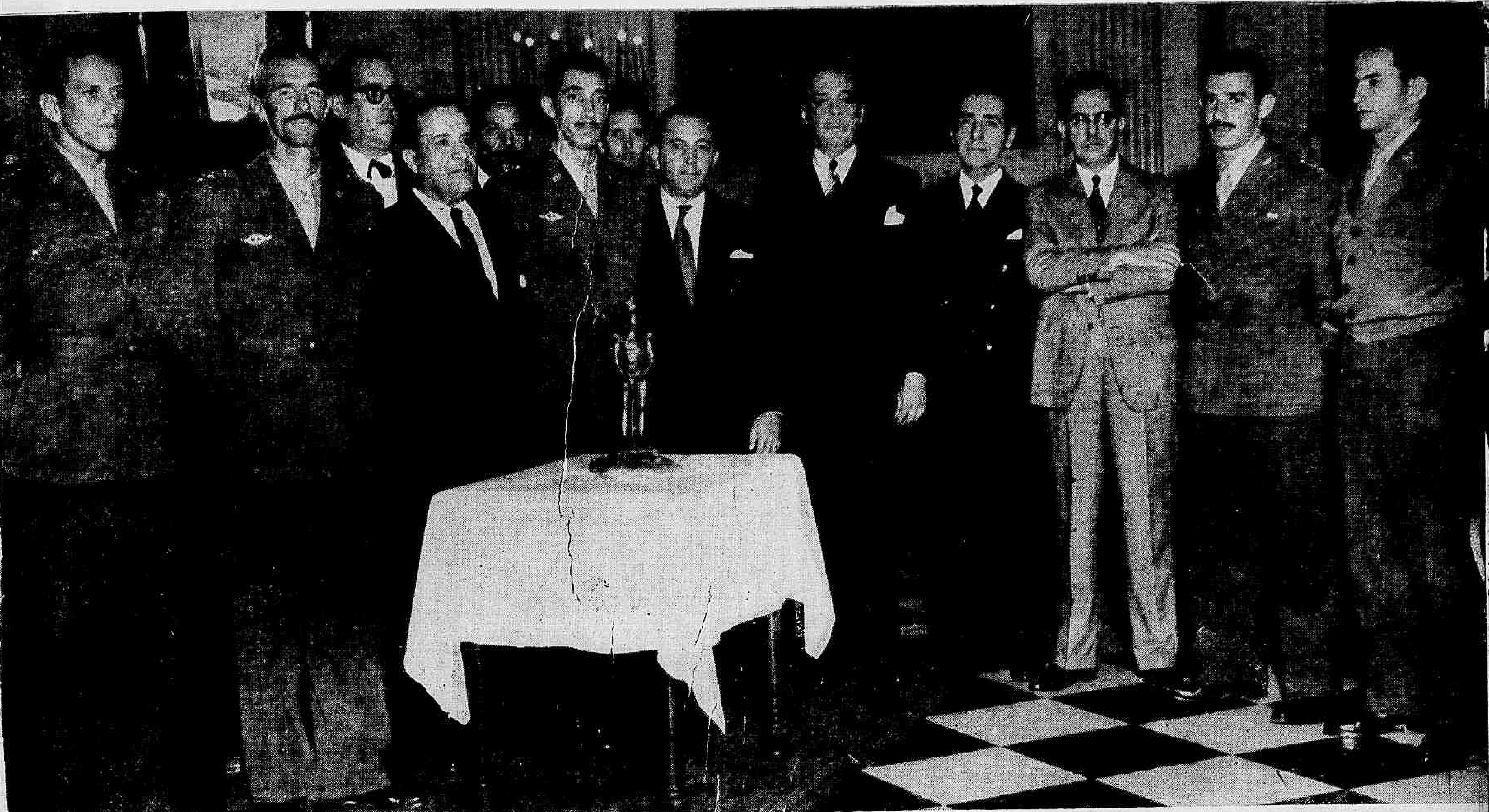


O sr. Rubens Antunes Maciel, presidente em exercício do Jockey Club, agradece a delicada homenagem dos oficiais do Exército componentes da delegação brasileira ao Pentathlon Moderno, capitães Ruy Pinto Duarte, chefe, Saly Ferber, Eduardo Leal de Medeiros, Aluysio Alves Borges e Eric Tinoco Marques, que aparecem na gravura.

HOMENAGEM AO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

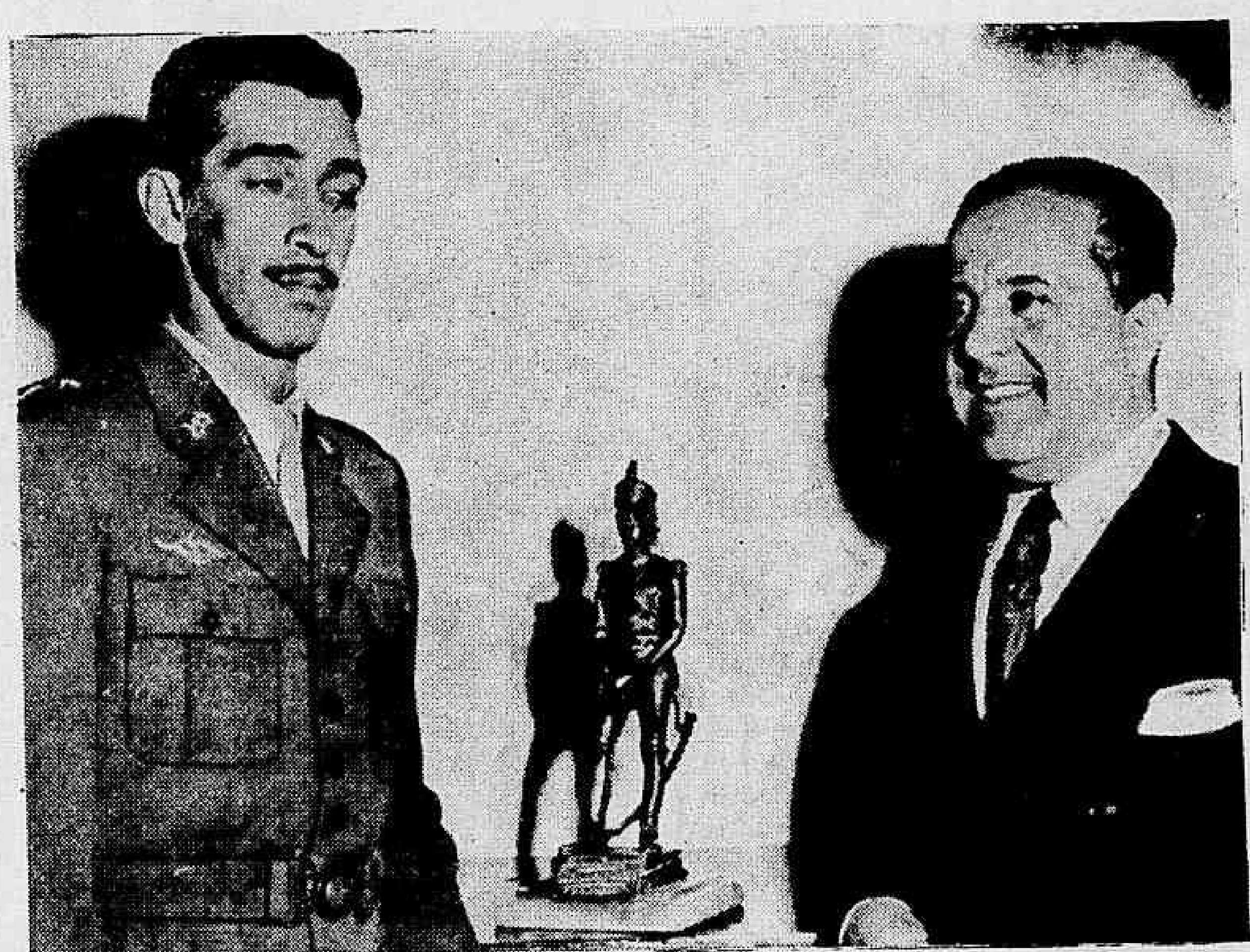


O capitão Eric Tinoco Marques, campeão continental do Pentathlon, fazendo a entrega da rica estatueta ao sr. Rubens Antunes Maciel. Ao centro aparece o capitão Ruy Pinto Duarte, chefe da valorosa turma, e à esquerda do presidente do Jockey Club está o sr. Manoel de Araújo Freitas, diretor-tesoureiro da entidade.



Grupo parcial de pessoas presentes à reunião do dia 18, vendo-se, entre outros, os capitães Ruy Pinto Duarte, Saly Ferber, Eduardo Leal de Medeiros, Aluysio Alves Borges e Eric Tinoco Marques, os srs. Rubens Antunes Maciel, presidente do Jockey, Adhemar Fonseca, diretor de corridas, Manuel de Araújo Freitas, diretor-tesoureiro, desembargador Cândido Lobo, diretor, e Machado Portela, diretor vice-tesoureiro.

No dia 18 de abril último foi prestada ao Jockey Club Brasileiro, na pessoa do seu presidente em exercício, sr. Rubens Antunes Maciel, uma delicada homenagem dos oficiais do nosso Exército componentes da turma do Pentathlon Moderno, que tão brilhantemente representou o Brasil nos Primeiros Jogos Olímpicos Pan-Americanos, recentemente realizados em Buenos Aires. Reunidos no salão nobre da sede social da prestigiosa associação carreirista, os referidos oficiais ofertaram ao presidente do Jockey Club uma magnífica estatueta de bronze, representando um militar em uniforme de gala. Fazendo a oferta, falou o capitão Ruy Pinto Duarte, chefe da delegação, manifestando o reconhecimento dos atletas militares à espontânea e valiosa colaboração dada pelo sr. Rubens Antunes Maciel e pelo Jockey Club Brasileiro ao desempenho de sua missão no estrangeiro. A seguir, o capitão Eric Tinoco Marques, campeão continental do Pentathlon Moderno, fêz entrega ao homenageado da linda estatueta, sob palmas da assistência. Usou então da palavra o sr. Rubens Antunes Maciel, que, muito emocionado, agradeceu a gentileza da homenagem, fazendo, em brilhante improviso, o elogio dos atletas militares que elevaram tão alto, além fronteiras, o renome esportivo da Pátria, com o denodo e a coragem tão comuns ao soldado brasileiro. Falou ainda, em nome dos jornalistas presentes à linda festa, o nosso colega de imprensa Manfredo Liberal. Compareceram à reunião os capitães do Exército Ruy Pinto Duarte, Saly Ferber, Eduardo Leal de Medeiros, Aluysio Alves Borges e Eric Tinoco Marques, o sr. Rubens Antunes Maciel, presidente em exercício do Jockey, os srs. Manoel de Araujo Freitas, Alberto Fadel, Ademar Fonseca, des. Cândido Lôbo, Machado Portela, diretores da sociedade, numerosos cronistas de turf e representantes de jornais e revistas da Capital. Aos presentes foi servida champagne, cock-tail e salgados, decorrendo a linda festa em um ambiente de rara distinção e cordialidade.



A direita — O capitão Eric Tinoco Marques posa em companhia do sr. Rubens Antunes Maciel, tendo ao centro a bela estatueta ofertada ao Jockey Club.





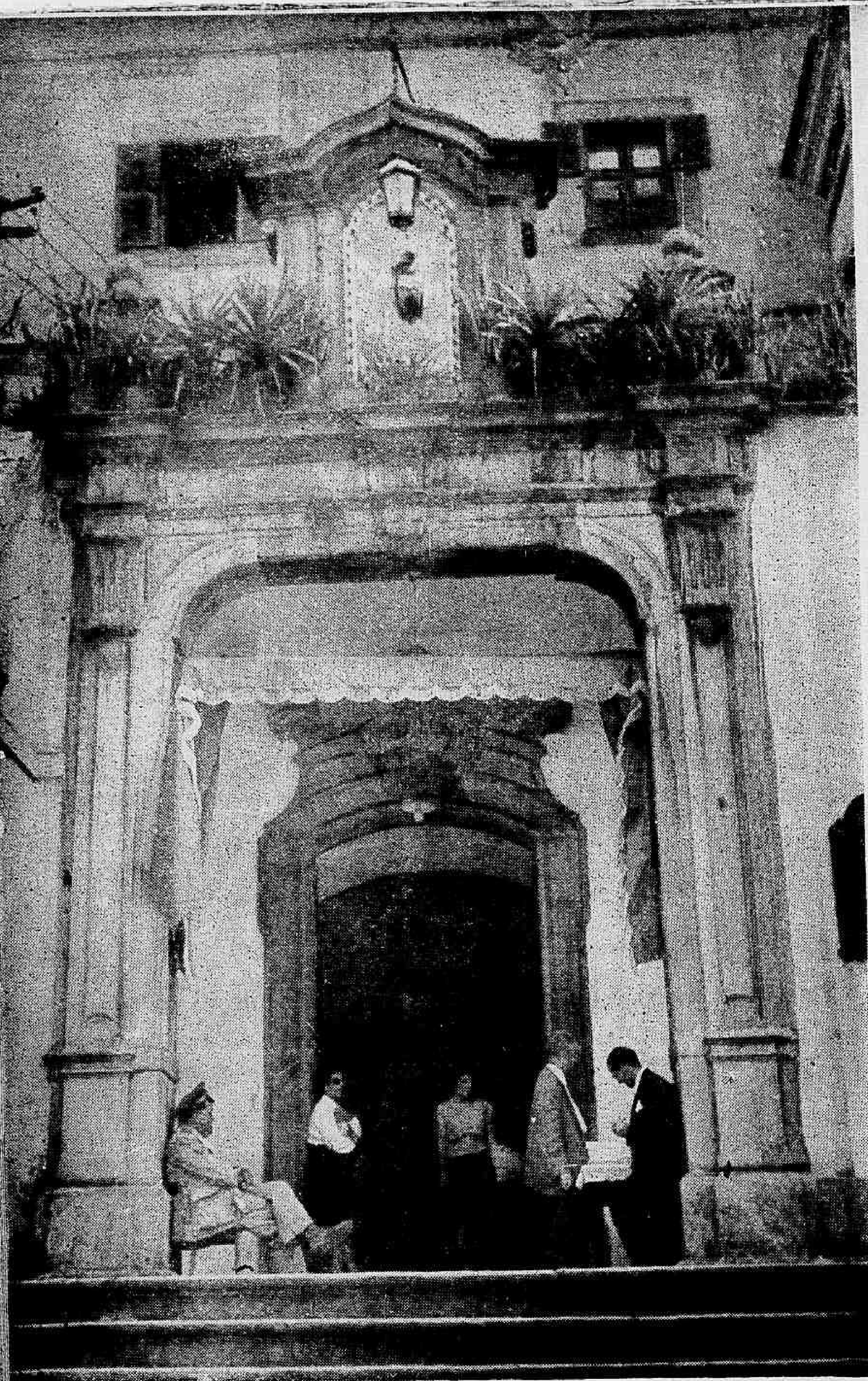
A esquerda — O capitão Ruy Pinto Duarte fazendo o oferecimento da homenagem. Na foto Araújo Freitas e o sr. Rubens Antunes Maciel. A direita — O jornalista vê-se, entre outros, o capitão Eric Tinoco Marques, o sr. Alberto Fadel, o sr. Manoel de Manfredo Liberal saudando a delegação em nome dos seus colegas ali presentes.

SEU DOUTOR NÃO BOTE ABAIXO...

O MORRO DE Sto. ANTÔNIO

LOCALIZANDO O AUTOR DO SAMBA ★ MISÉRIA, ANALFABETISMO, MISÉRIA ★ TIRO AO POMBO ★ TODOS OS MORROS SÃO IGUAIS ★ COMO SE FAZ A DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA ★ A INCOMPREENDIDA POLÍCIA ESPECIAL ★ CONTRASTES HUMANOS ★ AS MOÇOILAS CASAMENTEIRAS ★ A ROTINA E A DESILUSÃO DO REPÓRTER.

Texto e fotos de JORGE LYRA



ENTRADA PRINCIPAL do convento de Santo Antônio que, pelas suas tradições históricas, escapará ao castigo imposto aos habitantes do morro. Certo ou errado? Silêncio!

ESTA reportagem começa no momento em que o repórter desejou retratar um dos morros da cidade, quando quis ver de perto o sofrimento dêstes ignorados habitantes do sétimo céu carioca (sem ironia) porque o morro está mais próximo de Deus. Mas qual seria aquêle que deveria merecer nossa atenção? Mangueira? Favela? Pinto? Jacarèzinho? Santo Antônio? Foi então que nos lembramos que, pelas suas tradições e pela atualidade, já que se discute há vários anos se se deve ou não demolir o Morro de Santo Antônio, deveria ser êste o nosso objetivo. Antes de mais nada seria necessário obter permissão do comandante da Polícia Especial para ter livre trânsito no morro, já que grande parte do mesmo é ocupada pela incompreendida P.E. Lembravamo-nos de que, há não muito tempo, um colega nosso conseguira permissão para fotografar um exercício realizado naquela corporação e pediu que os policiais, já com o assentimento do comandante, dessem um golpe de jiu-jitsu no companheiro de redação que o acompanhava. Tempos depois, quando êste cidadão sentiu necessidade de extravasar seus recalques contra aquela briosa corporação, estampou, na primeira página do seu jornal, a fotografia, colocando uma legenda que não condizia com a verdade. Lembrando-nos disso, sentimos que nossa missão talvez não fôsse coroada de êxito. Enfim, tentaríamos...

Exposto nosso desejo ao atual comandante da P.E. êle, de pronto, não só deu a necessária autorização, como também colocou à nossa disposição um policial a fim de nos acompanhar em nossa peregrinação pelo morro. Antes, porém, foram-nos mostradas tôdas as dependências da corporação e foi-nos explanada a situação aflitiva, monetàriamente falando, em que se encontra a mesma. A comida que os policiais comem é qualquer coisa de abismante. Restos talvez do que sobra dos restaurantes populares e, além disso, em quantidades insuficientes para tôda a corporação, o que leva o cozinheiro a fazer uma conta de chegar, de partir e repartir até que chegue para todos.



O VERDADEIRO autor do samba: «Seu doutor não bote abaixo...»

Já que se está falando na Polícia Especial, diga-se de passagem que, por ordem do comandante, todos os dias, duas vêzes, um caminhão-pipa sobe o morro a fim de distribuir latas de água para os moradores do mesmo. Ação louvável e digna de nota.

UM COMPOSITOR EXCEPCIONAL

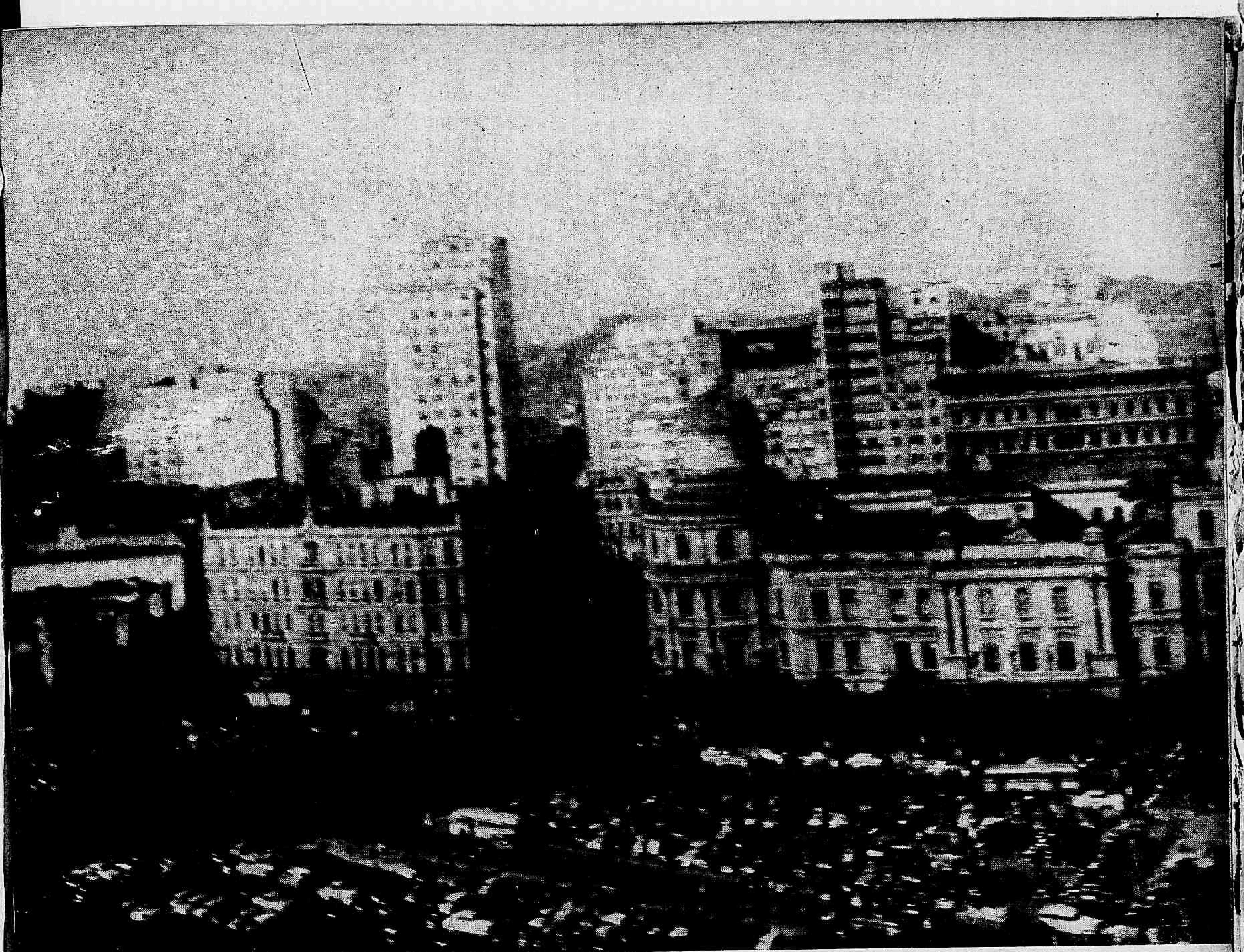
Acompanhados do policial pôsto à nossa disposição, encaminhamo-nos para a parte habitada do morro. Pelo caminho encontramos dezenas de pessoas carregando pesadas latas d'água. Crianças e velhos, senhoras e senhoritas, todos misturados pelos mesmos sofrimentos, pelos mesmos anseios, pelas mesmas paixões.



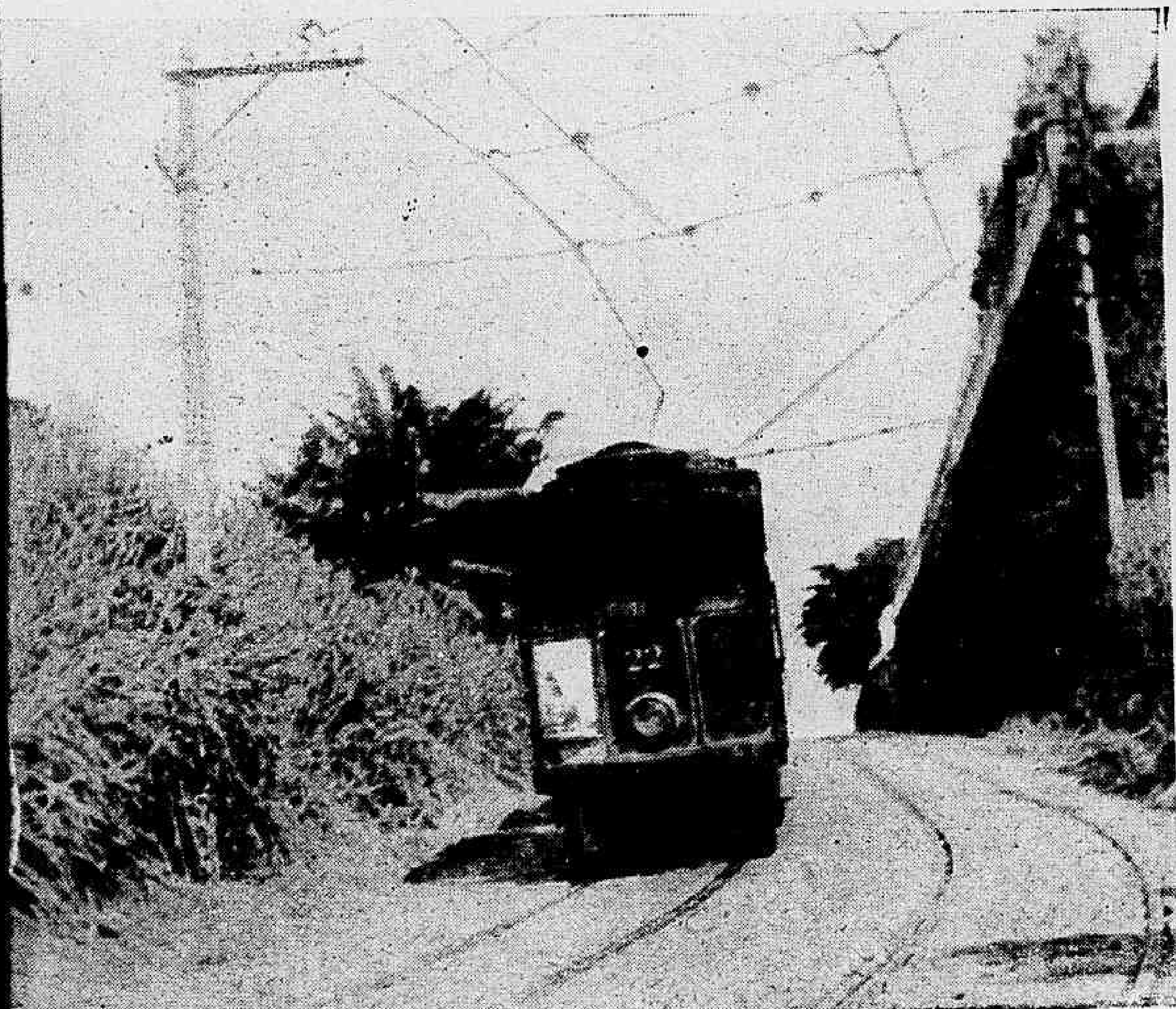
BROTINHOS E BALZAQUIANAS não prescindem da «resposta de Santo Antônio», o santo casamenteiro. Estas respostas, via de regra, prometem bons casamentos, com moços ricos...



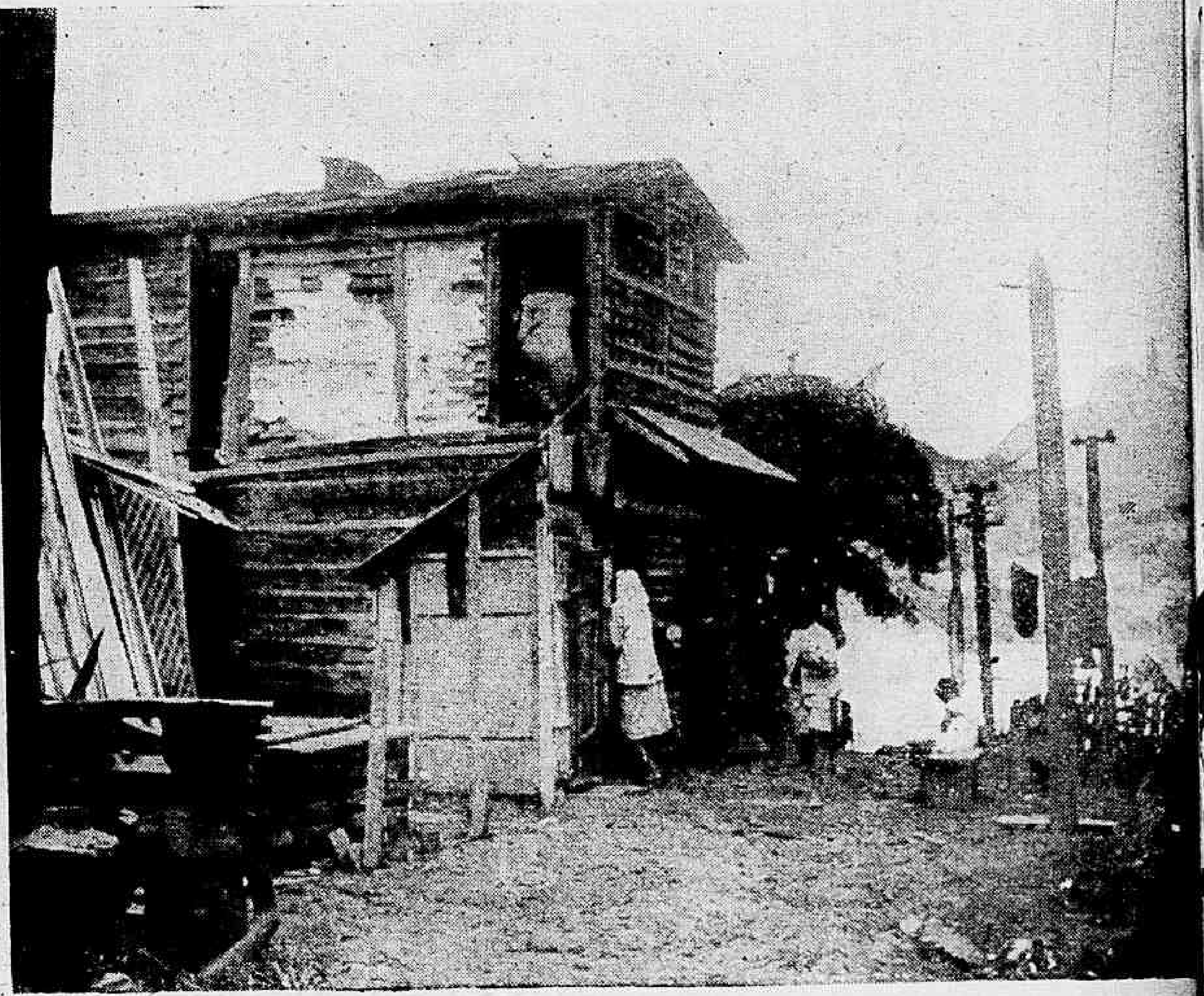
COMO SE VÊ, não é só em Copacabana e no Leme que há falta do precioso líquido. No morro o suplício se agrava com a subida íngreme e cansativa. Se não fôsse a subida!



A CIDADE, lá em baixo, indiferente ao drama do morro, vive a sua vida de luxo e de grandeza; centenas de carros cruzam as ruas ou esperam seus donos e os edifícios erguem suas cristas para o céu num desafio mudo ao poder de Deus, enquanto ali, a poucos metros, centenas, senão milhares de pessoas, imploram uma migalha de pão.



O BONDINHO de Santa Teresa desce rumo ao largo da Carioca; êste espetáculo tende a desaparecer com a derrubada em perspectiva. Mas por onde passará o bonde, pergunta-se.



O OUTRO LADO DA VIDA. Barracões que mal se sustentam em pé abrigam, em média de 10 pessoas — o chefe de família que desce de madrugada rumo ao trabalho, mulher e 8 filhos



NAS CERCANIAS do convento, esta moça distraída lia quando batemos a fotografia. Esta cena se repete uma centena de vêzes por dia. Às vêzes em lugar de brotos, há balzaquianas.

SEU DOUTOR, NÃO BOTE ABAIXO . . .

— Moço, tire nosso retrato. O sr. é do jornal? Peça p'ra mandar botar uma bica lá em cima.

Explicamos que o morro vem abaixo e que tal providência, agora, seria incabível, ao que nossos interlocutores responderam:

— "Vem nada! Para aonde vão mandar a gente?"

Diante de tal pergunta, e como não soubéssemos a resposta, continuamos nossa jornada; sempre observando a angustiante situação daquela gente, nos chegamos a um dos inúmeros quiosques que existem ali, a fim de matar a sêde que o esfôrço da subida nos trouxera.

Quando o dono do quiosque viu a máquina fotográfica, indagou:

— O sr. veio falar com o Ângelo Lourenço?

— Ângelo Lourenço? — perguntamos intrigados e interessados ao mesmo tempo.

Foi então que, ante nosso espanto, o homenzinho explicou:

— E' o autor daquele samba que diz assim: "seu" doutor não bote abaixo, *tem* pena do meu barracão..."

Sem querer contrariar o homem, já que, no morro, é má política ser contrário aos habitantes do local, procuramos, citando o nome daquele que pensávamos ser o autor verdadeiro do samba, dissuadir o homenzinho. Êste, virando-se para um freguês que saboreava uma cerveja, comentou orgulhoso:

— Está vendo, Juca, o morro dá o samba, o pessoal da cidade canta, pede bis e nem sequer *nos* dá valor.

Pagando a despesa que fizéramos no quiosque, saímos à procura do sr. Ângelo. Perguntamos a várias pessoas onde morava nosso homem. Ninguém, certamente pela presença do policial, queria explicar. O povo do morro é unido.

Afinal, uma senhora nos levou até ao homem, que dormia à sesta. Amassando lama, bancando cabrito, pulando daqui e dali, chegamos à casa do compositor.

O policial que nos acompanhava, solícito e amável, se dispos a acordar o Ângelo. Sacudiu-o e êle, mal refeito do sono, ficou alguns minutos olhando-nos e, por certo, se perguntava se cometera algum crime. Um policia e um investigador vieram buscar-me, pensou.



«MOÇO, pede pra Prefeitura mandá botá água cá incima qui eu num guento o suprício».

Mas o policial, notando o rosto interrogativo do homem, dissipou-lhe as dúvidas:

— "Êste rapaz é repórter da REVISTA DA SEMANA e quer falar com você. Não é caso de polícia, não.

Dando um pulo da cama, o dorso nu, de calção, o homem procurou o tamanco em baixo da cama. Nesta altura dos acontecimentos várias pessoas se aglomeravam à frente do barracão, procurando tomar conhecimento do que se passava. Ouvimos alguém sussurrando por trás de nós a um dos moradores:

— *Se quiserem levar êle, vai ter.*

Fizemos ouvidos de mercador e procuramos trazer o homem para fora a fim de fotografá-lo.

— Vou sair na revista. *Oba*, vamos lá.

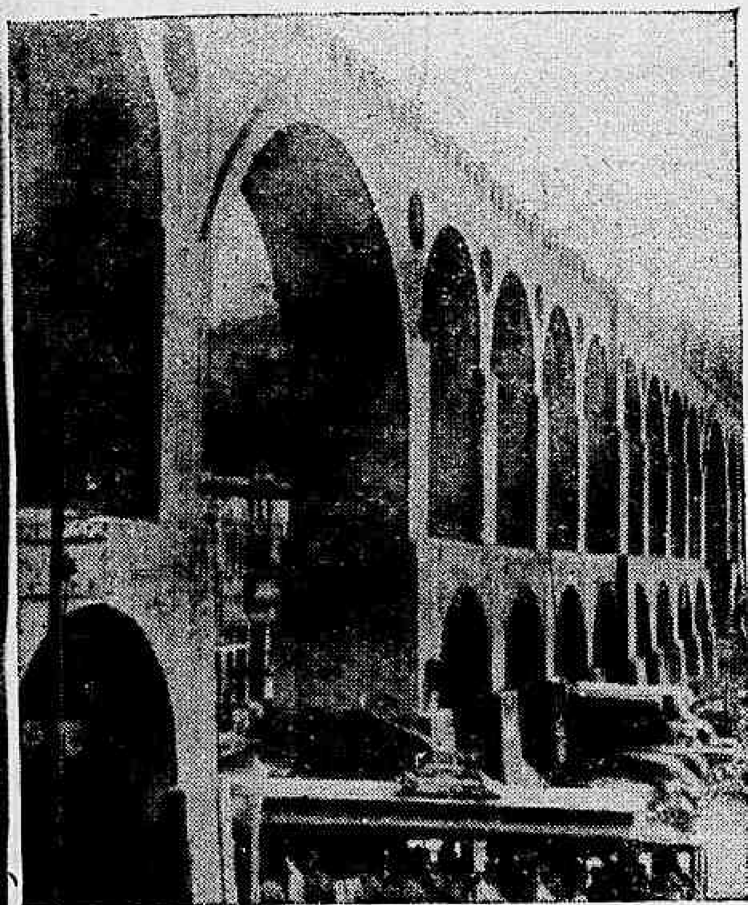
Meteu uma camisa, uma calça surrada, o tamanco e posou. Alguém disse lá de trás.

— *Põe* o sapato, Ângelo.

— *Num* é preciso, só apanha em cima.



INDUBITAVELMENTE, um dos serviços mais perfeitos do DFSP, é a Rádio Patrulha, que garante a tranquilidade da população desta ex-cidade maravilhosa. Com a demolição do morro, vão desaparecer o prédio e a tôrre. Para onde irão? Segundo nos disseram lá na Rádio Patrulha, ficarão aí mesmo porque o morro não desaparecerá. Verdade?



OS TRADICIONAIS e históricos Arcos que, com a queda do morro, irão abaixo. Irão mesmo?

Depois da chapa, virando-se para nós, recomendou:

— Você não cita o samba que eu fiz, não. Você sabe, o homem já anda metido numas trapalhadas ai e tem muito dinheiro, eu não posso lutar com êle. Deixa isso pra lá.

Depois contou-nos trechos de sua vida, outros sambas que a cidade canta e glorifica os pseudo-compositores, enquanto êle, o verdadeiro sambista, permanece lá no alto do morro, ignorado e vivendo miseràvelmente.

Dissemos-lhe que não haveria nada, agradecemos sua colaboração e partimos para observar novos moradores.

MISÉRIA, ANALFABETISMO, MISÉRIA

Generalizando, podemos dizer que, no morro de Santo Antônio, como em todos os morros, porque esta reportagem tanto se adapta a êste como a outro morro qualquer, existe um círculo vicioso composto de miséria, analfabetismo e miséria. Vivendo como porcos, em promiscuidade, homens, mulheres e crianças, dez mil mais ou menos, sem confôrto, aquela gente simples, pacata (?) e sofredora tem apenas o consôlo de o primeiro e o último abraço do astro-rei serem para ela.

De manhã, quando a cidade desperta, centenas de operários descem o morro a fim de, lá em baixo, ir buscar o alimento para os filhos que, famélicos, ficam, na sua inocência, lá em cima, pedindo:

— Mamãe, me dá pão.

Vimos e sentimos êste drama em tôda a sua amplitude e êste pedido por muitas vêzes nos chegou aos ouvidos e ao coração, ou ao fígado, como queria Platão, que dizia ser êste o centro das nossas emotividades.

Como aquêle pugilo de bravos poderá colocar seus filhos nas escolas, como lhes poderá mitigar a sêde de saber — eram as perguntas que nos causticavam o cérebro.

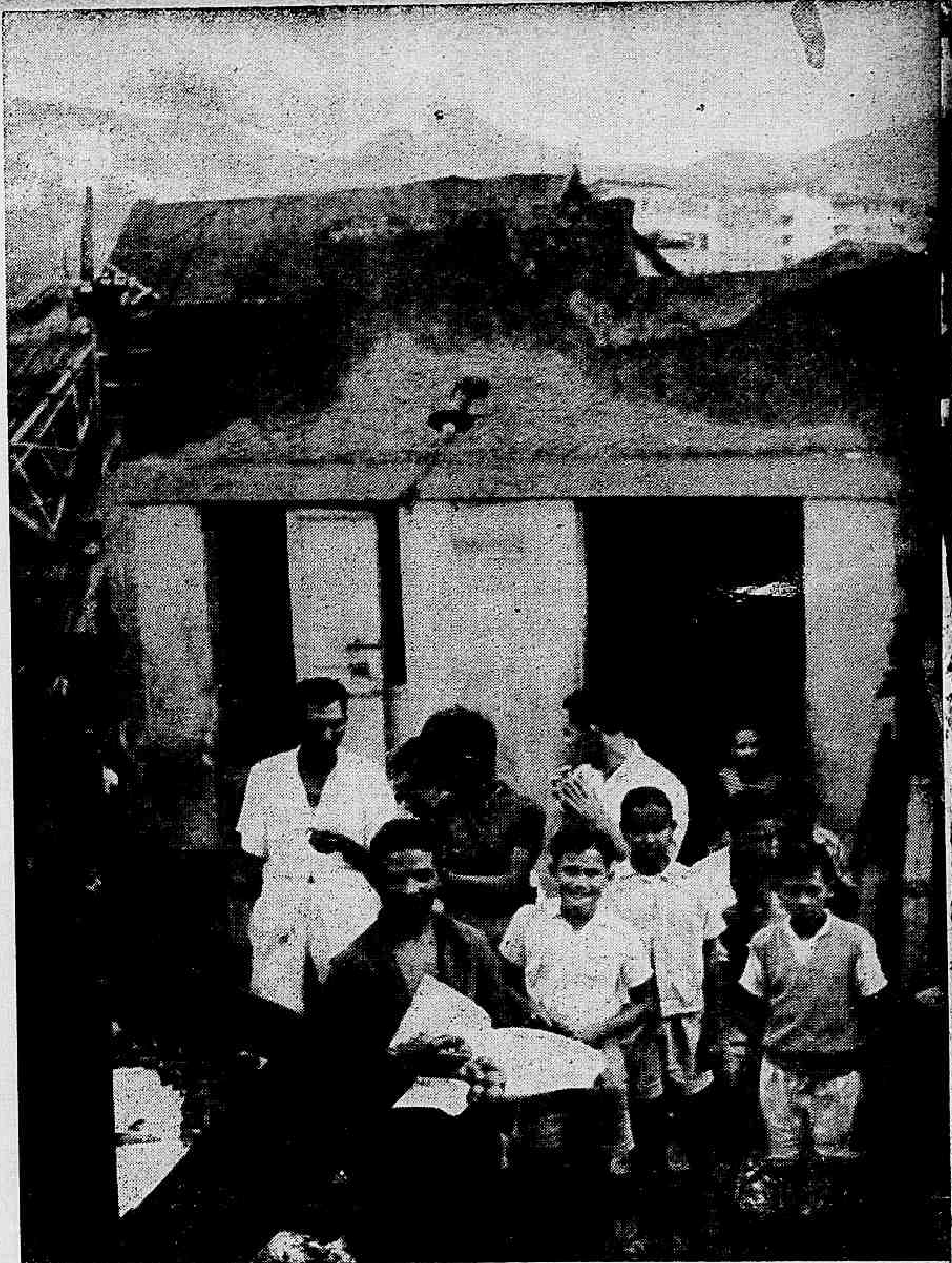
Verificamos as filas d'água, cá no sopé do morro e um suor frio nos cortou a espinha. Vimos dezenas de pessoas carregando pesados feixes de lenha, subindo, subindo, enquanto, na vida, só fazem descer, descer. E sofremos por aquela gente, sabendo que nada poderíamos fazer por ela; vendo a romaria de pedintes à entrada do convento, dezenas de mãos que se esticam em direção ao mesmo transeunte, sentimos necessidade de gritar que tudo está errado nesta terra, enquanto a voz dos nossos interlocutores pareciam chegar-nos aos ouvidos:

— Vem nada! Para aonde vão mandar a gente?

Já agora, parecíamos haver encontrado a solução. Sim, aqui fica a sugestão: para o Estádio Municipal...

CONTRASTES HUMANOS

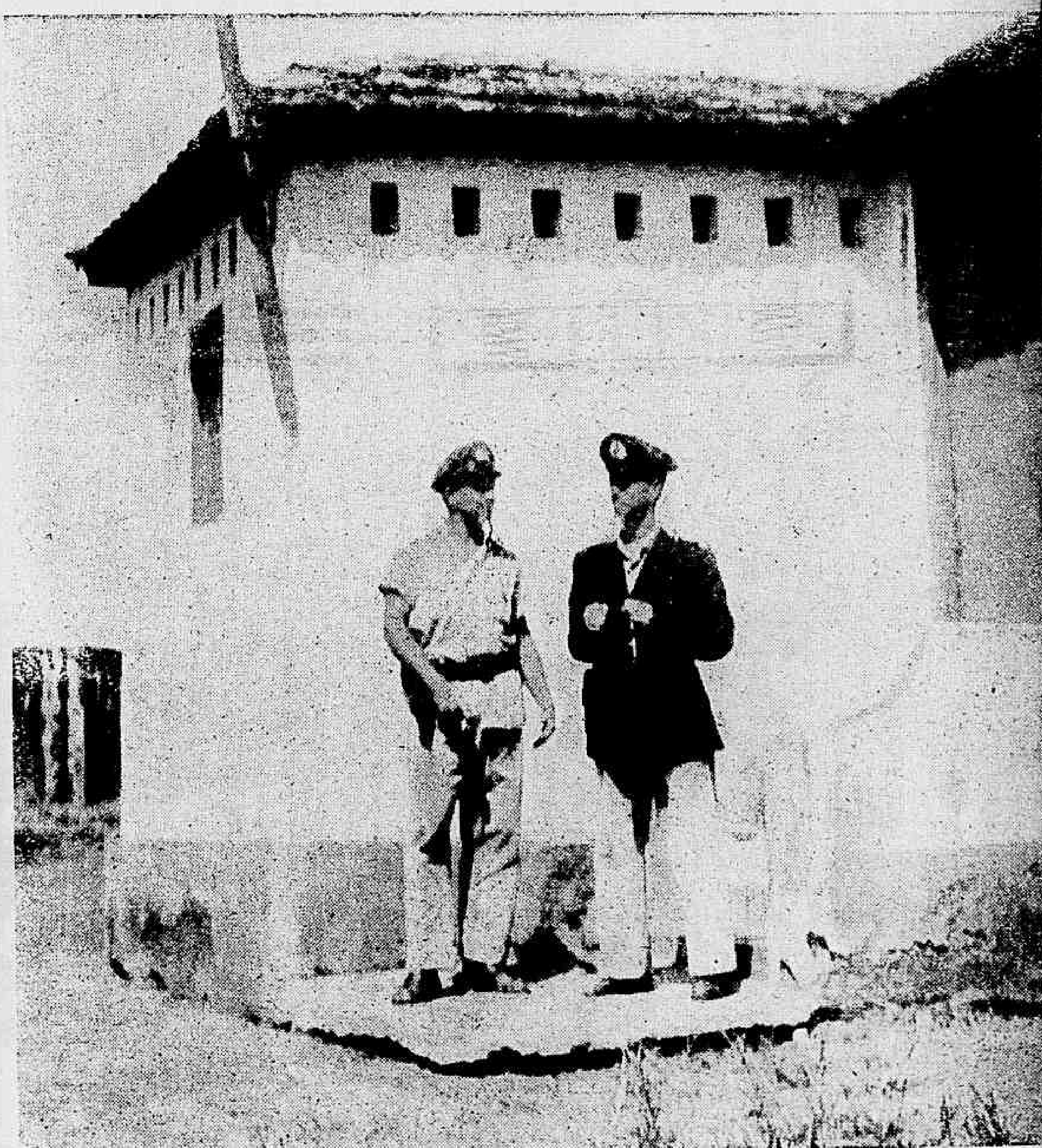
Enquanto a população do morro, no maior sofrimento, na maior penúria, está entregue à própria sorte, ali mesmo no morro de Santo Antônio, num "stand" de tiro ao pombo, reune-se aos domingos a fina-flor da grã-finagem carioca para divertir-se no interessante esporte.



EM CADA canto do morro se encontra uma cantina que vende desde o fósforo até a mais fina aguardente. Quando um fotógrafo cruza o morro, os habitantes correm para posar...



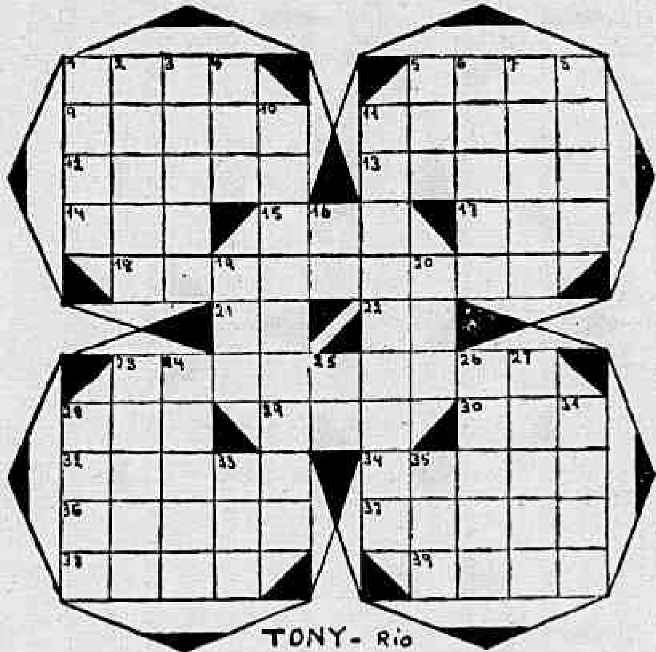
A INCOMPREENDIDA Polícia Especial, cuja presença em qualquer conflito garante o restabelecimento da ordem em tempo recorde. Deram-lhe, entretanto, uma aureola de má que, infelizmente, nunca desaparecerá. A verdade porém, é muito outra — em mais de vinte anos de serviço, muitas vidas foram poupadas, pela eficiência de sua ação.



UM DOS GRITANTES contrastes do morro — neste pombal, aos domingos, se reunem dezenas de pessoas das mais finas de nossa sociedade para um interessante esporte — o tiro no pombo. À pouca distância, enquanto êles se divertem matando os inocentes animais, crianças famintas pedem: mamãe, me dá pão. Por que não se dão os pombos mortos a elas?

PALAVRAS CRUSADAS

PROBLEMA N. 50 - PARA VETERANOS

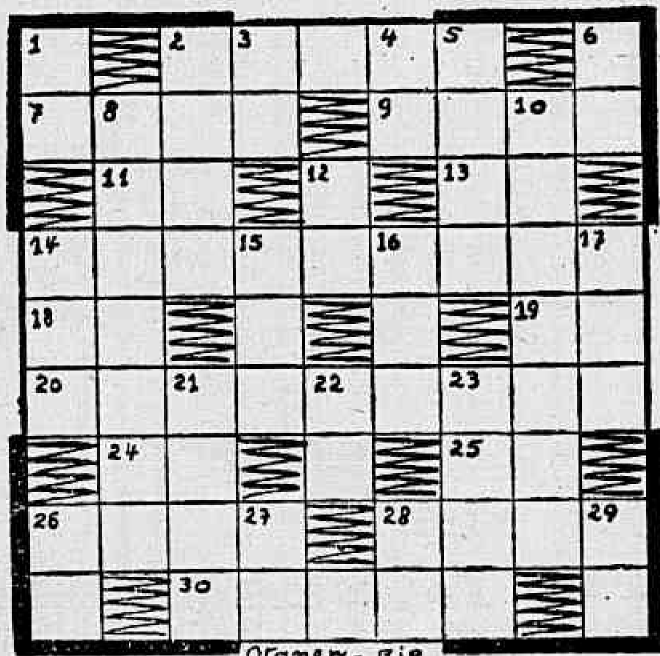


HORIZONTAIS: — 1. Substância em pequenos fragmentos usada em duplas pesagens — 5. Espécie de tafetá grosso — 9. Toro — 11. Indicar o nível — 12 (Alfredo) químico suéco, inventor da dinamite — 13. Mano — 14. Certa planta da Índia — 15. Pico dos Pirineus — 17. Mealheiro — 18. Filete torcido para enfeite de certas peças (pl.) — 21. O Senhor, na filosofia hindu — 22. Venha cá! — 23. Trepanação — 28. A última parte do curral de pesca para onde refluem os peixes — 29. Rio da França, afluente do Ródano — 30. Sobrepeliz — 32. Pessoa perspicaz — 34 Das Filipinas — 36. Infame — 37. Evita com destreza — 38. Atordoa — 39. Embaraçar.

VERTICAIS: — 1. Rio da Lapônia, que separa a Finlândia da Noruega — 2. Teimar em não se mover (o animal) — 3. Carvalho — 4. Navegue — 5. Rio da Sibéria, afluente do Obi — 6. Estilo elegante, puro — 7. Qualquer fruto ou grão semelhante à uva — 8. Espécie de enguia (pl.) — 10. Diminuição ou extinção da sensibilidade à dor, nos casos de grande traumatismo — 11. Necessitado — 16. Forma arcaica do artigo «o» — 19. Carlinga — 20. Sol-bemol, na nomeclatura alemã — 23. Planta da família das Gramíneas — 24. Afluente do Amazonas — 25. Manga — 26. O praticante da ioga — 27. O corno do rinoceronte — 28. Vela de cima da mezena — 31. Içar — 33. Pândega — 35. Nome antigo das altas montanhas e ?chas escarpadas.

★

PROBLEMA N. 50 - PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 2. Medida de comprimento — 7. Lavras — 9. Argolas — 11. Preposição — 13. Símbolo químico do cromo — 14. Que tem modos de macaco — 18. Estuda — 19. Antes de Cristo — 20. Ateu — 24. Concede — 25. Variação pronominal — 26. Gruda — 28. Inúteis — 30. Aparelhar.

VERTICAIS: — 1. Sadia — 2. Suga — 3. Existe — 4. Batráquio — 5. Vaso do feitio de âncora — 6. Artigo feminino plural — 8. Conserto — 10. Prova judiciária, usada na Idade Média, sob o nome de Juízo de Deus — 12. Basta! — 14. Lá — 15. Colorido — 16. Homem muito brioso, valente — 17. Vazio — 21. Emudece — 22. Pronome pessoal — 23. O mesmo que outar — 26. Aqui — 27. Aragem — 28. Siga — 29. Isolado.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 49

PARA VETERANOS

HORIZOZNTAIS: — Nu — Os — Tablilhas — Ar — Rainhas — Eu — Er — Escol — An — Set — Tat — Arc — Parlamentar — Catau — Uaçaí — Lagarteiras — Dra —Erd — Ars — Aa — Piaus — Ia — Sr — Cômicos — Rb — Pirararas Mó — Or.
VERTICAIS: — Ut — Vincam — Os — Ma — Ar — Baé — Lista — Lhote — Hal — As — Mu — Respaldar — Encrassar — Reatara — Araçari — Traga — Atara — Lua — Nui — Reima — Traira — Educa — Por — Sor — Si — Ci — Sã — Bu — Pó — Só.

PARA NOVATOS

HORIZOZNTAIS: — Ar — Fa — Capitólio — Balar — Ilhó — Im — Sia — Ara — Co — Unir — Untai — Premiarás — Ia — Mó.
VERTICAIS: — A.C. — Rabiscara — Filmariam — Ao — Pálio — Ilha — Tão — Or — Iriar — Anta — Uni — Um — Pi — Só.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

SEU DOUTOR, NÃO BOTE ABAIXO...

Tivemos ocasião de assistir a um dêsses chocantes contrastes humanos. No mesmo momento em que o pombo saia do local prédeterminado, vários atiradores aprestavam suas armas em direção dos mesmos, prostrando-o a tiros. O pombo cai, morto. A duzentos metros de distância, crianças famélicas pediam:

— Mamãe, me dá pão.

Outro contraste que verificamos é que, às têrças-feiras e domingos, sempre que há missa no convento ou uma festividade qualquer naquele tradicional estabelecimento, centenas de moradores do morro, andrajosos, descem a fim de, estendendo a mão, pedir, numa voz de fazer criçar os cabelos de um santo de madeira:

— Uma esmola pelo amor de Deus...

Senhoras, trajando caríssimas sêdas, compungindo-se ante aquêle quadro doloroso, dão as esmolas solicitadas e seguem. Se pararem, uma verdadeira multidão de pedintes não as deixará mais transitar.

Os dias de têrça-feira, no convento, são dias de festa para os moradores do morro. E' a ocasião em que êles poderão dar mais um pouco de comida aos seus filhos famélicos. As esmolas caem nas mãos magriças à vontade. Milhares de pessoas vão até ao convento, pedir a Santo Antônio proteção para os mais variados casos.

Nos cantos do convento, moçoilas colegiais lêem sua literaturazinha, de preferência os romances americanizados: êle, ela e a outra, o velho círculo vicioso, preterindo, com evidente prejuízo para as nossas letras, aquilo que de melhor temos em literatura, como Machado de Assis, Coelho Neto, Aluísio e Artur de Azevedo (ler êstes dois seria pecado, estão no index).

As sortes de Santo Antônio são outro atrativo para aquêles dias. Enquanto uma senhora de idade grita:

— Vamos ver a sorte. Resposta de Santo Antônio a um cruzeiro. Resposta de Santo Antônio.

Enquanto ela grita, dezenas de moças novas e moças velhas se aproximam e, aos risos, vão ler o que Santo Antônio lhes respondeu. Geralmente, grandes esperanças de encontrarem um bom casamento, a próxima vinda de um príncipe encantado, e outras coisas capazes de deixar cabecinhas mal afeitas à luta da vida sem dormir àquela noite.

Parados a um canto do convento, observando, absortos, nossos olhos correm até ao sopé do morro. Os pedintes continuam estendendo suas mãos, o bondinho segue rumo a Santa Tereza, já agora cheio de passageiros, é a hora da volta. Os carros lá em baixo buscam seus lares. O sol vai declinando no horizonte abraçando o morro na despedida. Lá mais adiante um P.E. de serviço é substituído por outro, enquanto várias pessoas sobem o morro carregando feixes de lenha e outros latas d'água. A subida em direção ao convento continua com mais intensidade. A voz da vendedora de sortes continua:

— Olha a sorte de Santo Antônio.

Com um filho ao colo e trazendo outro pela mão uma mulher do morro implora a caridade pública, enquanto uma bela senhora, trajando um não menos belo costume azul-marinho atende ao apêlo. No bar do convento senhoras bebem seu refrigerante e lá em cima do morro uma criança pede:

— Água, mamã.

— Teu pai foi buscar, filhinho, espera.

Colegiais descem do convento, satisfeitas pela resposta do santo casamenteiro, sobem outras a fim de comprar a sorte. Aquela outra vai encontrar o namorado lá em cima. Dá sorte. Um avião passa e o sol se esconde lá atrás do morro. A vida continua...Nós, desiludidos ante aquêle espetáculo confrangedor, consultamos o relógio: 18 horas. Num rádio portátil, a voz do locutor anunciava:

— São dezoito horas ouvintes do Brasil...

Ouvindo aquela voz, as mocinhas casamenteiras se aproximaram do moço do rádio, enquanto nós descíamos, cabisbaixos. Era a ronda da vida, a rotina, nada mais tínhamos a fazer no morro de Santo Antônio.

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela óleo de peroba.

UM MUNDO À MARGEM

(Cont. da pág. 15)

pressentimento muito forte — ela deixara um embrulho do manuscrito, subscritado no nome do marido "para ser aberto depois da minha morte". Tanto que para muita gente essa revelação trouxe sérias desconfianças, julgando até ter-se tratado de um suicídio. Mas eu, que a conheci de perto, não penso assim. E, passando mesmo os olhos pelas suas páginas repletas de sinceridade, confesso que nem um só momento senti o vislumbre dêsse desejo. Até pelo contrário, noto em cada página do seu relato um grande apêgo à vida, uma vontade ardente de viver. E, para confirmar o que estou dizendo, abro seu manuscrito e vou reencontrá-lo naquela feliz afirmação:

"E' primavera. Quando o vento da tarde entra pela janela e faz oscilar os estores, eu sinto a voz das ruas e tenho vontade de sair correndo por entre a multidão, vontade intensa de ver o sol alagando as praças, as avenidas amplas, os largos, de entrar em contato com essa gente anônima que enche as ruas como em dia de festa. No entanto, se recordo que cada um é único dentro de si mesmo, com seus problemas, suas inquietações, suas dúvidas, e penso na tragédia que cada criatura humana leva consigo, uma grande tristeza pesa sôbre o meu coração. Porém, mesmo pensando em meu próprio conflito, e achando que a vida tem sido por demais injusta para comigo, ainda assim — ou quem sabe, por isso mesmo... — concluo que há motivo de vivê-la.

Nesse mundo, há em verdade certas coisas inexplicáveis. Se soubéssemos, antes da experiência, tudo o que se vem a saber por meio dela, na certa não teríamos necessidade de sofrer tanto. Entretanto, não se pode sentir marcado dentro da alma um acontecimento sem jamais tê-lo passado. Naturalmente, não nos podemos basear na experiência dos outros. Quando muito se poderá ter noção de certos fatos já vividos por outrem, mas nunca um conhecimento profundo e verdadeiro. Isso porque, cada um é único dentro de si mesmo, com sua própria constituição orgânica, fisiológica e mental, reagindo portanto de maneira própria a cada acontecimento.

Mas... comecei falando na primavera e acabei derivando sem querer. Em verdade, não desejava neste momento encher meu cérebro com pensamentos tão sérios, talvez porque receie o encadeamento natural de todos êles que fatalmente me conduziriam à minha própria acusação. E eu não cogito encontrar outra solução para o meu caso. Há certas razões sentimentais que me levam a encarar as coisas sob um ponto de vista todo pessoal, talvez contrário ao que manda o bom-senso.

Porém isso de ter idéias próprias não é de grande vantagem para mim, nem resolve nada em meu favor, na opinião alheia. Cada criatura sabe o que é certo e o que está errado e quase sempre segue pela vida acompanhando os dogmas que lhe foram impingidos por herança. Assim, se alguém tiver a coragem de, contrariando êsses pontos de vista, essas verdades seculares, dirigir a sua vida de acôrdo com verdades novas nascidas em sua própria consciência, há de ser logo notado. Isso por que a nossa educação vem demarcando os limites das nossas verdades. E, apesar de tudo, o mundo moderno se debate em dúvidas e cria problemas íntimos, as criaturas se sentem falhas, inseguras, e poucas são entre as comuns, as que estão perfeitamente integradas da verdade máxima. Nessas condições, ninguém — fora os místicos, ou os ascetas — ninguém se poderá libertar dessa inquietação latente que corroe a humanidade, roubando-lhe o direito de sentir-se plena, completa, exata.

Mas eu quero falar na primavera, dizer dêsse perfume novo que vem das coisas, falar do sol e das flores, do vento nos cabelos das mocinhas, e dos namorados, fazer a apologia da bela estação. Sinto-me, porém, incapaz, depois de remexer em velhos problemas humanos, para voltar ao princípio da minha sensibilidade e sentir outra vez a vida como antes. Compreendo que é uma injustiça porque hoje é um dia especial para mim. Estou aqui, e aqui é o lugar da minha secreta aventura, aqui tenho passado os maiores momentos de minha vida.

(Cont. na pág. 45)

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

A VIDA NA CAPITAL É BÔÔÔA...

CREAÇÃO DE DARCY

Meu caro primo
Vida dura, é esta, do interior! Não, aí no Rio, não podes avaliar! Vives esta bôa vida, gosando sempre...

ELZA, POR FAVOR, "ME DÁ" UMA CANECA D'AGUA... ACABOU-SE A AGUA DO CHUVEIRO!...

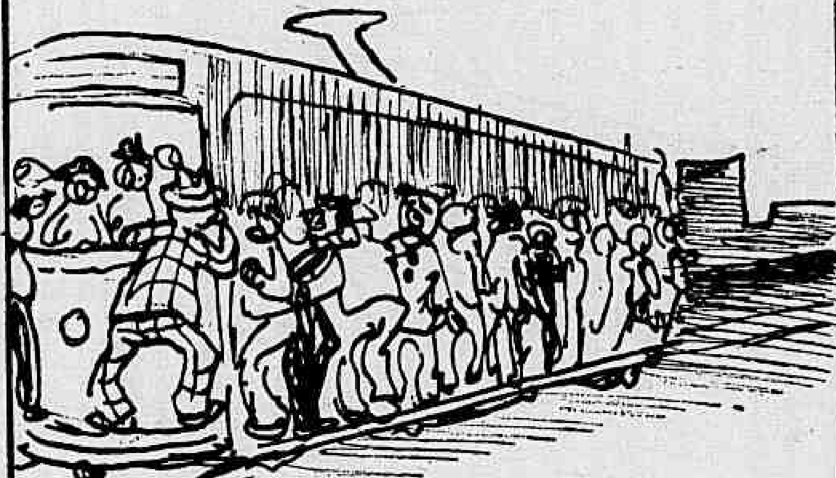
Bem posso imaginar o teu "vidão"! Cedo, o belo banho de chuveiro...

ESTOU FAZENDO CAFÉ, GODOFREDO... A EMPREGADA NÃO VEIO, O LEITE VEIO AZÊDO, O PÃO É DE ONTEM E A MANTEIGA RANGOU...

...e depois o café com leite pão e manteiga trazido pela empregadinha...

VOU PELA ESCADA! 7 ANDARES! O, ELEVADOR ESTÁ ENGUIÇADO... VOU ACAB R PERDENDO A CONDUÇAO!...

Depois de saborear o encanto das manhãs cariocas, partes feliz para o trabalho



...gosando o panorama, a belesa sem par desta Cidade Maravilhosa!

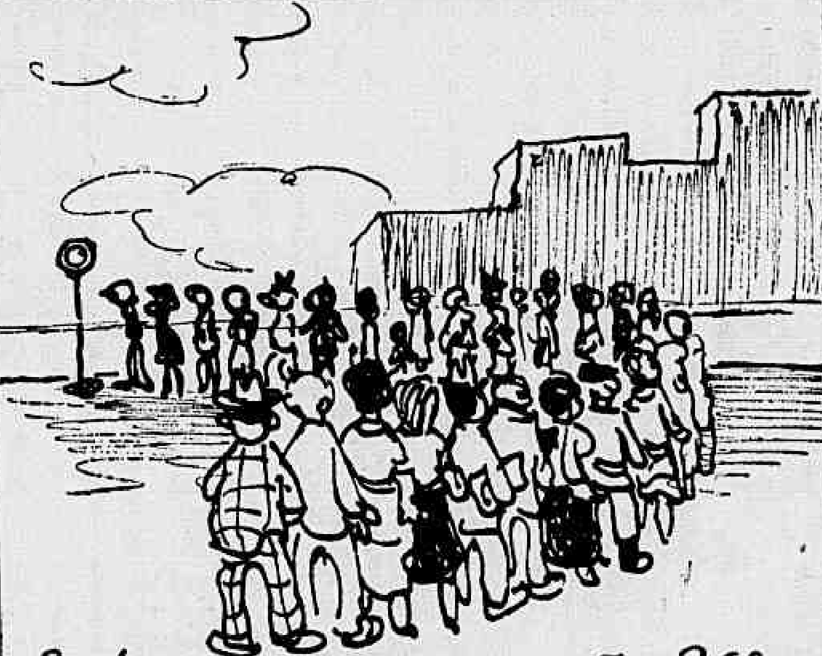
QUER LIGAR ÊSTE VENTILADOR?

O PATRÃO NÃO QUER! POR CAUSA DO RACIONAMENTO DA ELETRICIDADE...

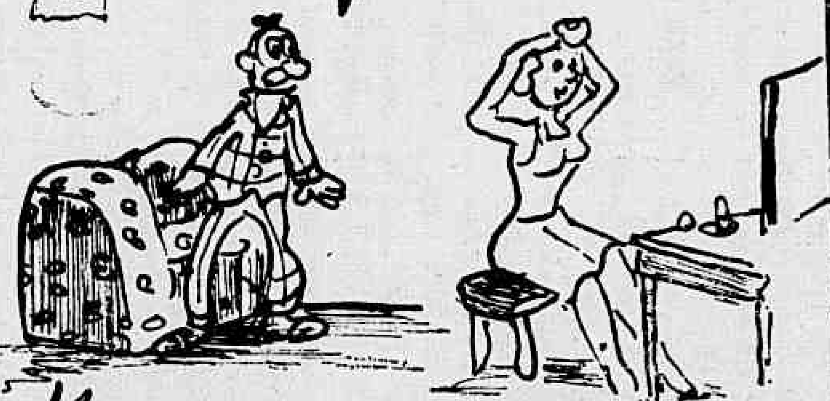
Ora o calor! Bem sei, ligas o ar refrigerado ou sobes para Petropolis...



E te requintás em saborosos jantares cheio de "finesse" nos restaurantes "chics"



Estás sem carro, não? Ora, o Rio está cheio de taxis, onibus, lotações, bondes...



Mas oque me encanta são as tuas noites... Por certo vais às "boites"...



...ou então a um cinema refrigerado, com bons filmes e poltronas estufadas...



...para voltar depois á casa, feliz satisfeito, encantado com a Vida...



Depois, dormes feliz na doce paz, enquanto que lá fora, a policia vigia...





LAMARTINE BABO, o boêmio, o solteirão inveterado, fundador do «Clube dos Solteirões», capitulou espetacularmente. . . Quando circulou a notícia do seu casamento com a senhorita Maria José Santos Barroso, à princípio, ninguém quis acreditar. Mas, em verdade, êle casou-se mesmo Também a família da noiva não acreditava. Eu, entretanto, sempre acreditei no homem que hoje é meu espôso, declarou D. Maria José.

LAMARTINE BABO NO BOM CAMINHO

UM CASAL SEM SOGRO E SEM SOGRA



«ESTOU CASADA e sinto-me feliz» — disse-nos a espôsa de Lamartine, que, nesse flagrante, aparece colhendo flores no jardim da sua casa.

FIQUEM AGORA TRANQUILAS NORMALISTAS E FILHAS DE MARIA DA BOA ESPERANÇA ★ CASOU-SE O AUTOR DAS MAIS FAMOSAS MÚSICAS CARNAVALESCAS DOS ÚLTIMOS TEMPOS ★ "SOU UM **HOMEM,** DIZ O CRIADOR DA "CANÇÃO DO DIA", POIS JÁ ESCREVI UM LIVRO, PLANTEI UMA ÁRVORE. . . E ESTOU EM VIAS DE TER UM FILHO."

Texto e fotos de **ABDIAS RODRIGUES**

FOI Silvino Neto quem deu o furo: — "Lamartine Babo casou-se", anunciou o criador do "Clube da Camaradagem", no seu programa das segundas-feiras, na Rádio Globo. A princípio ninguém quis acreditar, pois bem podia ser uma das "peças" que o Anestésio costuma "pregar" na Madame Pimpinela. Todavia, o homem da "Conversa ao Pé do Gêlo abriu um parêntese no seu programa e passou a fazer um "recuerdo" da sua camaradagem com o Lamartine. Silvino Neto é o homem das surpresas. E' um artista autêntico, incomparável, sempre apreciado. O seu talento é multiforme. Ora nos faz rir ora nos faz chorar. Na segunda-feira de 19 de março, acreditamos, todos os seus fãs esperavam dar boas gargalhadas, ouvindo o seu "Clube da Camaradagem". No entanto houve surpresas. Tudo saiu ao contrário, pois, repentinamente, desapareceu o humorista e surgiu em seu lugar o homem sentimental. Silvino Neto lembrou-se que a primeira imitação que fez dizia respeito a Lamartine Babo. As farras que fizeram juntos, os embaraços da vida artística, no começo; as discussões, as sugestões com referência a novos programas, tudo isso foi focalizado saudosamente, em síntese. Formulou, finalmente,



«SOU UM HOMEM — disse-nos Lamartine, pois já escrevi um livro, plantei uma árvore e... estou em vias de ter um filho».



LAMARTINE BABO e sua espôsa, Dona Maria José Santos Barroso, numa foto feita na escada que conduz aos aposentos superiores da residência do casal





CARINHOSO, como um eterno apaixonado, Lamartine não se cansa de admirar a sua espôsa. E, a tudo assiste prazeirosamente, desde os afazeres domésticos até à «toilette». Nestas fotos o criador da «Canção do Dia» aparece observando a sua espôsa se pentear. Êle já está em forma; e, por certo, vão ao cinema, como se ainda fossem namorados. E depois de tudo pronto o beijo.



votos de felicidades ao companheiro que se casava naquele dia, silenciosamente, sem publicidade, sem estardalhaço.

No dia seguinte o protesto foi geral. Cartas, cartões e telegramas eram enviados ao palacete da rua Jorge Lóssio, na Tijuca. E em meio às felicitações estavam também as recriminações. Depois começaram a aparecer as visitas que também não deixavam de reclamar: "Mas que é isso Lamartine!... Que desconsideração! Não custava nada dar um telefonema avisando... Que história essa de casar às escondidas, hein?!" Êle se desculpava... "E' que o casamento foi em Correias... E, ademais, andam dizendo que já fui e que sou milionário. Nada disso. Sou o mesmo homem pobre de sempre, de ontem lutando — de hoje lutando mais ainda. Tivesse eu possibilidades maiores e todos os meus amigos e fãs seriam convidados para o meu casamento, embora (modéstia à parte) eu soubesse que seria obrigado a alugar o estádio do Maracanã com entradas gratis e o resto por minha conta... E' só por isso que preferi casar sem publicidade e sem alarde. E então todo o mundo poderia ouvir a marcha nupcial que compus aos 13 anos de idade quando era aluno do São Bento, para o dia do meu casamento. Mas que se pode fazer?!"

Foram estas as desculpas de Lamartine aos seus inúmeros amigos, fãs e admiradores. Pena é que não se pode ouvir a sua marcha nupcial, composta aos 13 anos para o dia do seu casamento. Em verdade as vocações se revelam cêdo. Desde criança que Lamartine compõe músicas. E os motivos de suas canções foram sempre o velho tema — amor. Aos 12 anos compôs "Torturas de Amor". Aos 13 a marcha nupcial para o dia do seu casamento. E' sempre assim. Quando desabrocha em nós a puberdade, ou melhor, quando saímos do estado de inocência, pensamos *incontinente* no casamento. Vem a juventude com todo o seu fulgor agressivo e impetuoso. E' a maravilhosa fase do amor, dos 20 aos 30, em que o homem ama com o cérebro e pensa com o coração. Decorrido êsse período o homem passa a viver normalmente, isto é, pensa com o cérebro e ama com o coração. Quem compôs uma marcha nupcial aos 13 anos, naturalmente, esperava casar-se aos 20. No entanto, o tempo foi passando...

FELIZES!... Lamartine e sua espôsa sorriem satisfeitos com delgadas e franzinas... Mãos de princesa... próprias de salão





felicidade que souberam conquistar. Como nasceu o romance que agora passou à história? Não se sabe. E' segrêdo. Sabe-se, apenas dos versos que êle escreveu para conquistá-la. «As tuas mãos
ãos que jogaram flôres em teus pais... Que separaram dos maus os bons cristãos!» Em baixo duas poses do compositor, Uma em um armazem do bairro, discutindo o preço dos artigos de primeira necessidade. A outra quando tomava um carro, pois já estava atrasado para os seus programas...





LAMARTINE BABO NO BOM . . .



LAMARTINE BABO e D. Maria José Santos Barroso formam, de fato, um casal homogêneo. Na foto de cima o leitor poderá ter uma idéia do que afirmamos. E em baixo pode-se observar, também, o quanto o áustero compositor tornou-se humilde. Enfim, Lamartine hoje é um homem que não tem vontade própria.





MAS... COMO SE pode ter vontade própria com uma espôsa tão dedicada? Evidentemente, Adão já foi o tal. Mas hoje é Eva quem dá as ordens.

As primeiras ilusões feneceram e Lamartine compreendeu que o amor não tem data certa para vir. Êle é como a morte — segundo escreveu Coelho Neto — "busca a quem lhe foge e foge de quem o busca". Ademais, dizem: — "os casamentos felizes são determinados no céu, embora sejam realizados na terra".

★

Lamartine que é carioca e que engordou últimamente 22 quilos, soube esperar pelo amor. Enquanto isso lutou. Fez as primeiras letras em Escola Pública, matriculando-se depois no Ginásio São Bento, onde tirou o seu curso ginasial. Com o falecimento de seu genitor, passou a trabalhar no comércio a fim de ajudar a sua família. Cursou depois uma escola de comércio, tornando-se Perito-Contador. Ingressou depois no jornalismo, onde teve oportunidade de travar conhecimento com o mundo artístico. Fizera-se amigo de músicos, cantores, escritores e jornalistas. A êsse tempo estudou música e já era grande o número de suas produções musicais. Ingressou depois na Rádio Educadora, hoje Rádio Tamoio, isso por volta de 1926. Desde então tem atuado em tôdas as emissoras cariocas, estando presentemente na Rádio Globo. As suas músicas principais são: "Teu Cabelo Não Nega", "Linda Morena", "Rancho Fundo", "Eu Sonhei Que Estavas Linda", "Ride Palhaço" e "Serra da Boa Esperança". Esta última tem uma história romântica e pitoresca, segundo escreveu o cronista radiofônico de "O Globo".

— "Certo dia, foi ter às mãos de Lamartine uma delicada cartinha, tôda perfume e ternura confessando-se a autora, a fã número um do rapaz. Vinha da cidade sul-mineira de Dores da

(Cont. na pág. 44)

«EM VERDADE, é um prazer consultar sempre à espôsa, afirma Lamartine, antes de deliberar sôbre qualquer assunto importante».



Amanhã ou depois

HOJE eu contei uma mentira. E embora muitos digam que isto não tem importância, contudo, é a mentira mais importante que eu já contei. Naquela fresca manhã êles vieram a mim — Manuel Tinguí e o Baiano, dois cabras com quem a gente não podia brincar impunemente. Haviam cavalgado pela planície em dois cavalos roubados. Dois pobres cavalos magros, suarentos e alquebrados, porque o Tinguí e o Baiano não tinham ambição de roubar bons cavalos.

Devem compreender que fiquei surprêso em vê-los, quando eu lhes disser que apenas ontem eram êles procurados como assasssinos. O coronel Mendonça havia-os denunciado, mas êles fugiram e agora estavam ali perto de mim. Eu sabia que êles não vinham cumprimentar o meu patrão.

"Onde 'stá o coroné?" foi logo perguntando o Tinguí.

"Foi pro canavial", respondi, e então o Baiano sacou um bruto revólver, que também fôra roubado, e ficou olhando para mim com uns modos esquisitos. Tinguí estava enrolando um palheiro, mas os seus olhos estavam vigilantes.

"Bom, caboclo", continuou o Tinguí com a sua voz de taquara rachada, "você 'stá muito bem aqui".

"É, estou. Sou o pau para tôda obra do coronel Mendonça. Cozinho para êle, faço a sua cama, limpo suas roupas e faço uma porção de outras coisas. Está fazendo uma semana que êle falou o "seu" delegado, para me trazer".

Dizendo isto, lembrei-me da voz portentosa e ao mesmo tempo delicada do meu patrão, quando falou com o delegado.

"Êle apenas é um garrote, "seu" doutor. Um pobre diabo em companhia de uns lobos. Quero me referir a êsses dois, o Baiano e o Manuel Tinguí. Dê-lhe uma chance. Deixe-me levá-lo para a minha fazenda".

E' um homem muito bom, o meu patrãozinho, e eu procuro ser igual a êle em tudo o que posso. Tenho-lhe agradado, também, em tudo menos na preguiça. A preguiça é o meu desespêro. Não posso combater isso. Está no meu sangue. Ainda hoje o coronel Mendonça ralhou comigo só porque em minha preguiça deixei de fazer um serviço que era da semana passada.

Mas a fúria do meu patrão, é como chuva de verão. Por um momento, é violentíssima e eu me sinto amedrontado. Então, eu lhe conto uma história engraçada e êle cái no riso. E a tempestade passou. O sol torna a brilhar nos olhos dele. Depois êle se encaminha para as plantações e eu tenho agora tempo de sobra para fazer o meu trabalho há tanto tempo parado.

Apanho as minhas ferramentas e me apresso em segui-lo. Pelo caminho vou chamando o trabalho de todos os nomes feios que sei, mas baixinho, para mim.

Tudo isso foi de manhã. Agora estou sentado na boa sombra da porteira. O Baiano e Manuel Tinguí estão bem na minha frente. E eu não me estou sentindo lá muito bem com isso.

O Baiano falou qualquer coisa ao ouvido do Tinguí. Vi que iam sair.

"Mas devem ficar", insisti com êles. "Vamos beber alguma coisa. Abrirei uma garrafa do patrão". Sùbitamente fiquei nervoso e minhas mãos tremeram. O cabra Tinguí viu isso e sorriu, um sorriso de que eu não gostei.

"Acho que você aprendeu muita coisa com o coroné, falou Manuel Tinguí. "Também tem aproveitado muito aqui, não? Já deixou de ser preguiçoso?"

"Agora não sou mais preguiçoso," retruquei timidamente, e esta foi a primeira mentira.

"Ah, deixem de parolagem vocês dois aí!" gritou impaciente o Baiano. Seus olhos estavam frios e duros como o aço. "Manuel, nós vimos aqui para fazer um serviço. Façamo-lo e demos logo o fóra. E você, caboclo! Depois de hoje você não trabalhará mais para o coronel Mendonça". O revólver balançava ameaçador nas suas mãos gorduchas e possantes. "Não tente fazer nenhuma bobagem, caboclo!"

Ambos amarraram as suas montarias no potreiro. Tinguí fez me uma pergunta, e quando tornei a encontrar a minha voz, respondi, e essa resposta foi a segunda mentira.

Deixaram os cavalos e foram a pé. Tinham que atravessar o grotão e a única maneira de fazê-lo, era mesmo a pé. Fiquei sentado à sombra, porque era o que podia fazer. Não era nenhum pássaro que pudesse levantar vôo e avisar o meu patrãozinho.

De tardinha o coronel Mendonça desceu correndo a serra. Sua raiva jamais foi tão violenta. Não podia nem dizer uma palavra, de tanto ódio que tinha aninhado no seu peito. Suas mãos seguraram-me pela camisa e me sacudiram, sacudiram até que comecei a tremer.

"Seu cabra danado! Dois homens estão mortos lá no fundo do grotão. Dois homens mortos, seu idiota, e tudo porque você é um preguiçoso de marca maior. Tudo porque você é molenga demais para fazer um simples consêrto! Êles não foram pela picada que rodeia o grotão, como eu tenho que fazer. Os pobres diabos tentaram atravessar a ponte e as tábuas podres cederam. O, seu cabra dos diabos! Os coitados cairam no fundo do grotão".

Safei-me das mãos do meu patrão e disse:

"Êles se foram. Não viram que as tábuas estavam podres. Sòmente o olho de águia do meu coronel podia ver aquela armadilha traiçoeira. Êles se foram, é verdade, e não voltarão mais. Mas o meu coronel não reconheceu aqueles homens?"

"Como poderia reconhecê-los lá no fundo do grotão, a cinquenta metros de distância?"

"São o Manuel Tinguí e o Baiano", respondi calmamente. "Êles foram lá para matá-lo. Manuel Tinguí perguntou-me qual era o melhor caminho para chegar até o meu coronel, e eu disse que era pela ponte".

Afinal o coronel Mendonça compreendeu o meu sorriso. Apertou-me as mãos.

"Suponho que Deus há-de perdoá-lhe por essa mentira, caboclo".

Eu não contei ao coronel que, depois que reuni as ferramentas àquela manhã, para reparar a ponte, não pude fazer o serviço porque minha cabeça começou a girar, a girar, quando olhei para o fundo do grotão. Não lhe contei isso, porque não gosto que mesmo o coronel saiba de tudo o que acontece. De qualquer forma, consertarei a ponte amanhã, com certeza. Amanhã ou depois.

CONTO DE
WALTER B. MAIA

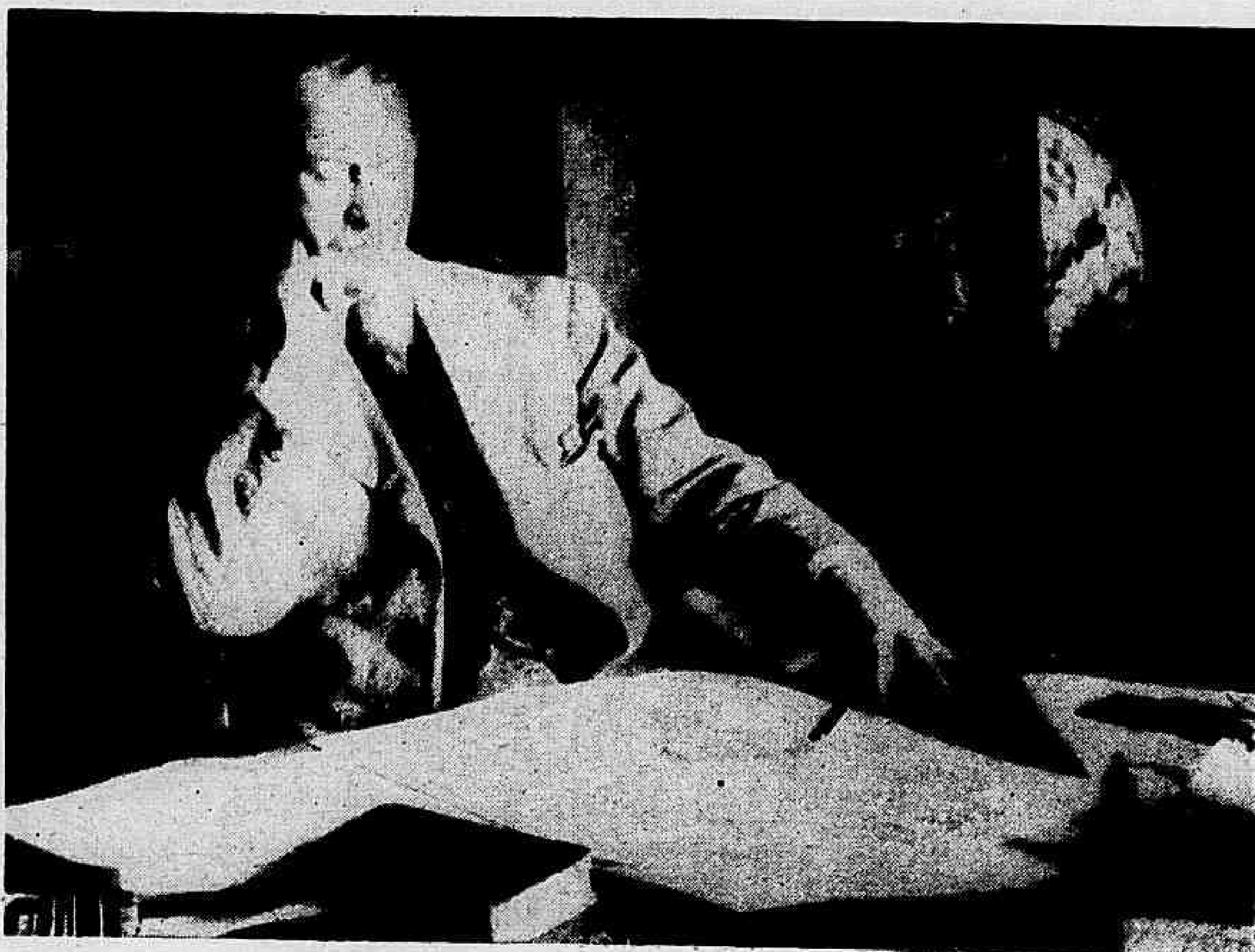
ILUSTRAÇÃO DE
ABELARDO ZALUAR





TRÊS ÍNDIOS da tribo dos Kalapalos, acocorados diante dos restos de Fawcett, vendo-se o sertanista Villasboas. Fawcett, foi trucidado pelos silvícolas daquela nação indígena, quando, há vinte e cinco anos, penetrara as matas do interior de Mato Grosso, com o objetivo um tanto fantástico de descobrir vestígios de uma pré-civilização colombiana.







AO CENTRO, Fawcett, chefe da expedição, e cuja ossada acaba de ser descoberta por Villasboas, confirmando uma reportagem do jornalista Edmar Morel, realizada em 1943. Nas fotos ao lado, outro membro da expedição do coronel do exército inglês, Raleigh Rimmel, também morto pelos silvícolas, estando tôda a tragédia definitivamente revelada ao mundo.

FAWCETT VIVO

NA HISTÓRIA E NA LENDA



Apacano, intérpetre entre o cacique Izarari e o repórter

EDMAR MOREL, O REPÓRTER QUE REVELOU AO MUNDO O MASSACRE DA EXPEDIÇÃO INGLÊSA, RELEMBRA À REVISTA DA SEMANA COMO ENCONTROU, NAS SELVAS, OS MATADORES DO "GLOBE-TROTTER"

★

A CONFISSÃO DO CACIQUE IZARARI ★ AVENTUREIROS EM BUSCA DE UM CAÇADOR DE OURO ★ O ÍNDIO BRANCO DULIPÉ ★ O "TIMES" TAMBÉM NÃO ACREDITOU ★ EM LONDRES, EM 1950, A MESMA DESCRENÇA

NUM apartamento, em Laranjeiras, entre flechas oferecidas pelos índios Kalapalos e ao som de discos gravados nas selvas, com a confissão da morte do cel. Percy H. Fawcett, na própria voz do cacique Izarari, — o pagé que ordenou o massacre da expedição enviada pela Real Sociedade Geográfica de Londres — o jornalista Edmar Morel que, em 1943, revelou ao mundo o segrêdo que envolvia o grupo desaparecido nas florestas do Brasil, descreveu para os leitores da REVISTA DA SEMANA o drama de Fawcett, tão emocionante quanto o caso Livingstone, no século passado.

Disse o autor de "E Fawcett não voltou":

— Fui o primeiro jornalista brasileiro que estêve entre os Kalapalos, como poderia ter sido o quarto, o quinto ou o vigésimo. Acontece, porém, que fui, realmente, o primeiro repórter a visitar os Kalapalos e voltar à civilização com o segrêdo que envolvia a morte do cel. Fawcett. Houve, todavia, um intrépido homem de imprensa que conviveu com Izarari. Foi Albert De Winton, do "American And Foreign Newspaper", o qual foi morto pelos silvícolas do Xingu.

Num país onde se leve a sério o esfôrço de um repórter, o chamado caso Fawcett já estaria devidamente esclarecido desde novembro de 1943, quando arranquei do cacique Izarari a confissão:

— O cel. Fawcett foi morto pelos Kalapalos!

Quando Stanley, às expensas do "Herald", de New York, recebeu ordens de James Gordon Benett, em 1869, para procurar Livingstone, no coração da África, respondeu ao diretor do jornal:

— O sr. já pensou nos riscos?

David Livingstone, médico escocês, que andava desde 1840 a explorar o interior do continente negro, gozava da admiração popular das tribos, entre as quais viveu 30 anos. A minha interferência no caso Percy Fawcett, entretanto, foi inteiramente diversa. Stanley tinha larga experiência de sertão, fôra tripulante em vários navios, foi marinheiro nos Estados Unidos e, por fim, correspondente de guerra. Ademais, Stanley escrevia no idioma inglês e teve a sorte de encontrar Livingstone na aldeia de Ujiji, após 236 dias de marcha batida, obtendo uma carta do médico-missionário. Ninguém, todavia, acreditou na história de Stanley. Com Fawcett, aconteceu o mesmo. Varei os sertões, convivi com caciques de tôdas as aldeias do Xingu, documentei o meu encontro com os pagés em filmes, fotografias e a narrativa da morte de Fawcett na própria voz do cacique Izarari, a trouxe em discos, material que ponho à disposição da REVISTA DA SEMANA.

Acontece que as reportagens foram escritas em português... Também ninguém deu crédito. O próprio "Times", com o pêso de sua autoridade, escreveu:

— Tudo não passa de uma fraude!

Agora, com o encontro da ossada de Fawcett pelo sertanista Vilasboas, levado ao local do massacre pelos próprios Kalapalos, já crêem. Talvez até a sra. Nina Fawcett e seu filho Brian, os quais procurei, em Londres, na primavera de 1950, já não pensem da mesma maneira."

14.000 QUILÔMETROS PARA FALAR COM IZARARI

Continua Morel: "Realizei três viagens a Mato Grosso para descobrir a verdade sôbre Fawcett. As duas primeiras fracassaram e só na terceira, quando fiquei frente a frente com Izarari, obtive êxito. Percorri mais de 14.000 quilômetros, utilizando desde o avião ao lombo do cavalo, sem desprezar o velho carro de boi e as canoas feitas com casca de jatobá, para seguir a mesma rota do cel. Percy Fawcett que, em companhia do seu filho Jack e



O CACIQUE Izarari, numa foto do Serviço de Proteção aos Índios. Foi êle quem revelou o segrêdo da morte de Fawcett a Morel. O pagé ordenou o massacre da expedição em 1925

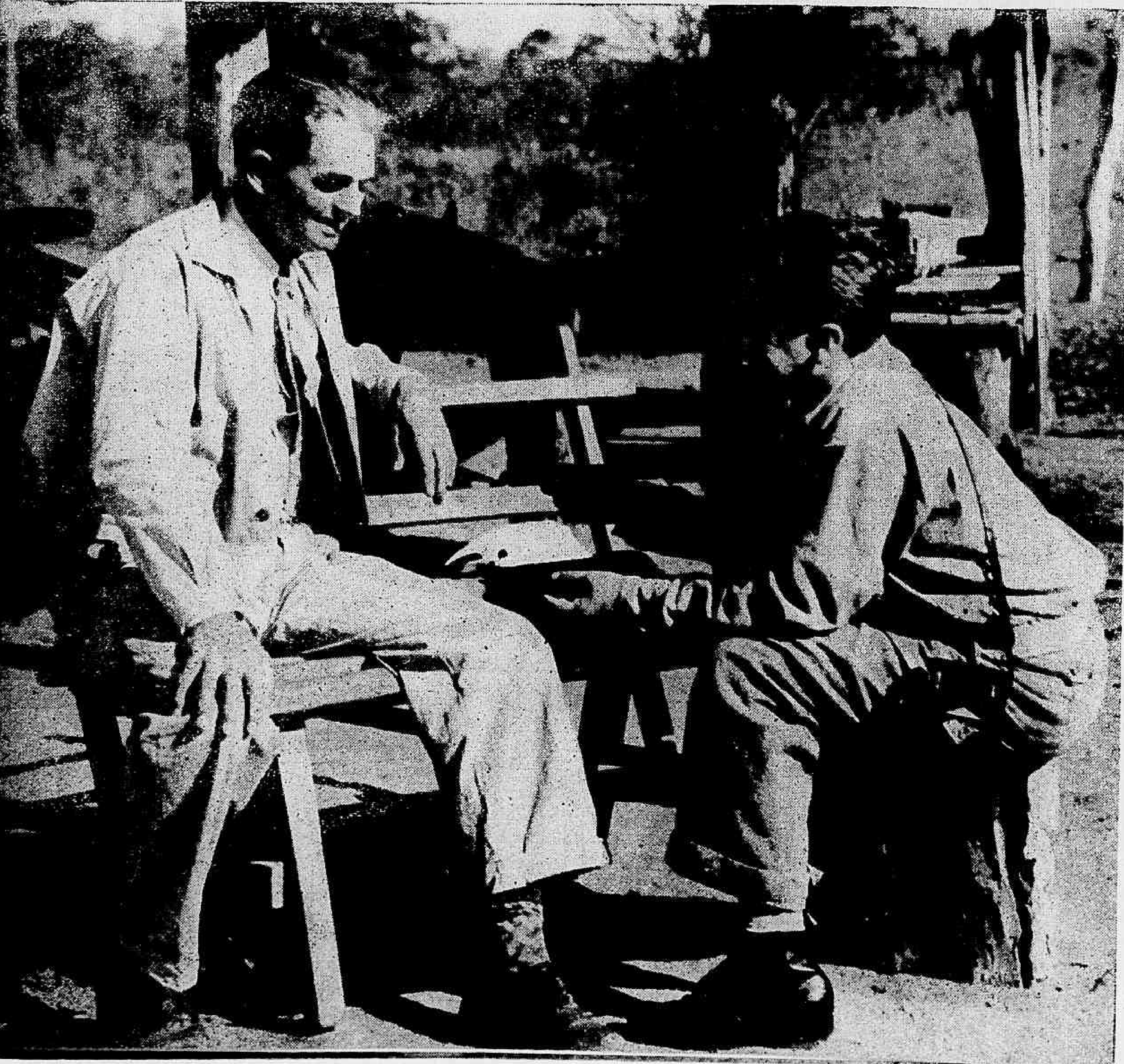




O CACIQUE Izarari, dos Kalapalos grava em disco, em plena selva, a morte de Fawcett e reconhece os trucidados pelas fotos que o jornalista Edmar Morel lhes apresenta. Na fotografia da direita o índio Dalipé e um outro Kalapalo passeiam calmamente numa frágil igarité em companhia de Morel, que, pelo semblante sereno, está com tudo e não está prosa



Na foto de cima Edmar Morel ouve o relato do índio Tupari, queajudou a matar o jornalista Albert De Winton, do «Newspaper». Na foto inferior, o missionário Emílio Halverson, a quem deve Edmar Morel a pista segura sôbre a verdade que havia em tôrno do malogrado explorador inglês, Coronel Fawcett.





A FAÇANHA de Morel não correu, porém, entre boas conversas com os índios e pas-



MOMENTO emocionante êste, quando o sertanista Orlando Vilasboas descobriu a os-

de Raleigh Rimell, desapareceu na *jungle*, em 1925. Por onde passei vi vestígios de expedições e de uma malta de aventureiros da pior espécie. Nenhum dêles, na verdade, viu Fawcett vivo ou morto. Um senhor de nome Ratini, porém, propalou que o encontrou prisioneiro dos índios "Morcegos". E outro, de nome Baldini, "viu" o corpo do "globe-trotter" pendurado numa maloca. O garimpeiro Truck chegou a "falar" com Fawcett, já casado com várias mulheres, num verdadeiro harem no rio Tocantins... Histórias como estas, emocionaram o mundo e serviram para desmoralizar qualquer tentativa honesta em busca de Fawcett."

A REGIÃO DESCONHECIDA...

Dois ou três expedicionários, apenas, estiveram no Xingu, na trilha do explorador inglês. Foram G. M. Dyott, Albert De Winton, a missionária alemã Marta Moennich, acompanhada dos evangelistas Emilio Halverson e Thomaz Young. Um certo Petrullo, também, andou pela região, porém, de avião... O resto não saiu de Cuiabá, de onde escreveram coisas como esta:

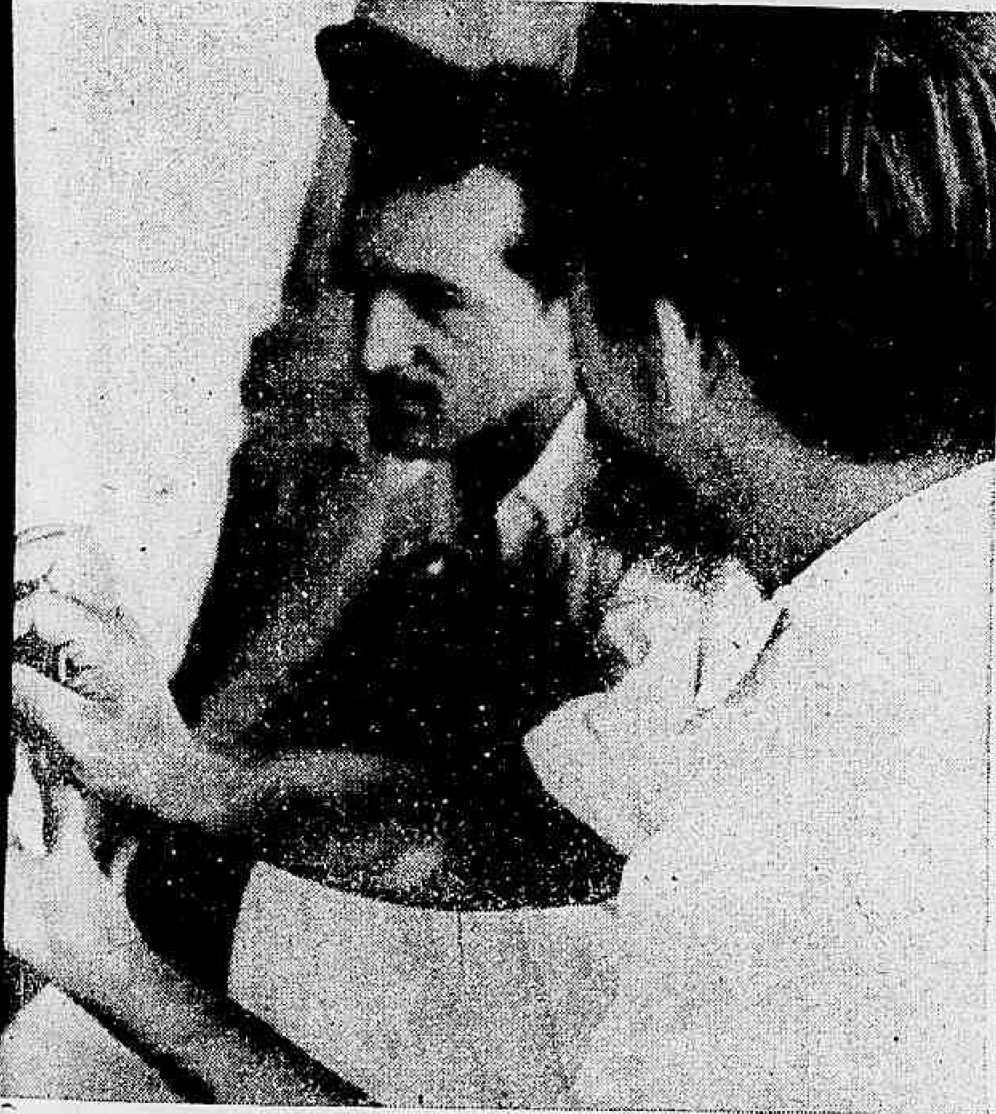
— "Estamos às portas de uma região inteiramente desconhecida e habitada por canibais".

A chamada "região desconhecida", aliás endossada por Fawcett, em artigos publicados no "Le Petit Parisien", fôra visitada por Von Steinen, em 1864, Alcides Derbigny, Saint Hilaire e tantos outros, unânimes em proclamar a boa índole dos xinguanos, apontados por Fawcett como canibais.





seios em canoas primitivas. Êle experimentou as aflições das incertezas da selva, tendo sofrido sério acidente. Na foto à esquerda, ao restabelecer-se numa Casa de Saúde do Rio de Janeiro. À direita, uma prova de que os índios kalapalos já não infundem o antigo temor: um oficial aviador da Fôrça Expedicionária Brasileira, entre êles, distribuindo presentes





sada que foi identificada pelos próprios índios kalapalos, como sendo a do coronel Fawcett. Na outra fotografia, o adeus do malogrado explorador inglês aos que ficavam. Êsse flagrande fixa o momento em que o coronel Fawcett se despedia dos seus guias Simão e José Galdino, nas proximidades da aldeia dos índios bacaeris. Não sabia êste que era o adeus final.

A VERDADE SÔBRE FAWCETT

O repórter Edmar Morel reiniciou a sua narrativa e diz algo novo sôbre a presença de Fawcett no Brasil:

— "O cel. Fawcett deixou Cuiabá em abril de 1925 e partiu para o desconhecido, levando o seu filho Jack, Raleigh Rimell, que prestaria serviços de enfermagem. Os guias Simão e José Galdino foram dispensados por Fawcett à altura da aldeia dos Bacaeris. Aí o cel. Fawcett deu o adeus à civilização. Depois começou o mistério. 1926. 1927 e nenhuma notícia sôbre Fawcett. Os norte-americanos e inglêses enviaram em 1928 a primeira expedição atrás do "globe-trotter", comandada por Dyott, que atravessou o Xingu de ponta a ponta e não conseguiu desvendar o mistério. Outras expedições vieram ao Brasil e as nossas selvas começaram a ser invadidas por aventureiros da pior espécie. Lembro as expedições de Dyott, Roger Courteville, Henry Morris, Morbeck, Petrullo e aventureiros como Rattini, Baldini. Houve um reporter, todavia, que atingiu a maloca dos Kalapalos e pagou com a vida a sua ousadia. Foi Albert De Winton, enviado especial do "American And Foreign Newspaper", de Hollywood, que não logrou voltar à civilização com o segrêdo que envolvia a expedição inglêsa. Outro jornalista morreu em busca de Fawcett. Foi Fusoni, da "United Press", de Buenos Aires. Com o apoio do general Cândido Mariano da Silva Rondon, tive a sorte de descobrir a verdade sôbre a expedição inglêsa, em 1943.

O ÍNDIO BRANCO DULIPÉ

— E o índio branco? — perguntou o repórter da REVISTA DA SEMANA.

— "Dulipé foi, apenas, um episódio da reportagem. Dulipé é um índio inteiramente branco, com olhos azuis, e tido como filho de Jack Fawcett com uma índia Kuricuro. O próprio cacique Izarari autorizou a sua saída da floresta e foi trazido para Cuiabá, não pretendendo voltar ao seu mundo antigo. Quem primeiro viu Dulipé, nas selvas, foi o pastor evangelista Emilio Halverson. Dulipé, na minha opinião, é o único documento vivo da aventura dos Fawcett nas selvas do Brasil. Falemos do coronel. E' mais interessante..."

FRENTE A FRENTE COM OS MATADORES DE FAWCETT

— "Finalmente, — adiantou Edmar Morel — na terceira excursão, convivi com os indios Kalapalos, na presença de todos os caciques xinguanos, reunidos numa concentração às cabeceiras do Xingu. Numa tarde, já na intimidade dos silvícolas, mostrei ao "capitão" Joaicuma, uma espécie de lugar-tenente de Izarari, três retratos ampliados do coronel Fawcett, seu filho Jack e de Rimell. Joaicuma segredou qualquer coisa no ouvido do pagé e, em seguida, mostrou os retratos aos outros "capitães" dos Kalapagos. Mais de dez discos já haviam sido gravados, documentando o episódio. Izarari falava pela segunda vez a um repórter. O primeiro foi Albert De Winton. Seria o primeiro jornalista a trazer à civilização a confissão da morte de Fawcett feita pelo próprio Izarari?

Enquanto consertavam um defeito no gravador, procurei chamar para o meu lado o maior número possível de pessoas, inclusive funcionários do S.P.I. Queria testemunhar o interrogatório. Inquiri à queima-roupa:

— "Onde morreu Fawcett?"

Apacano — o intérprete — e Izarari falaram quase um minuto. Apacano gesti-

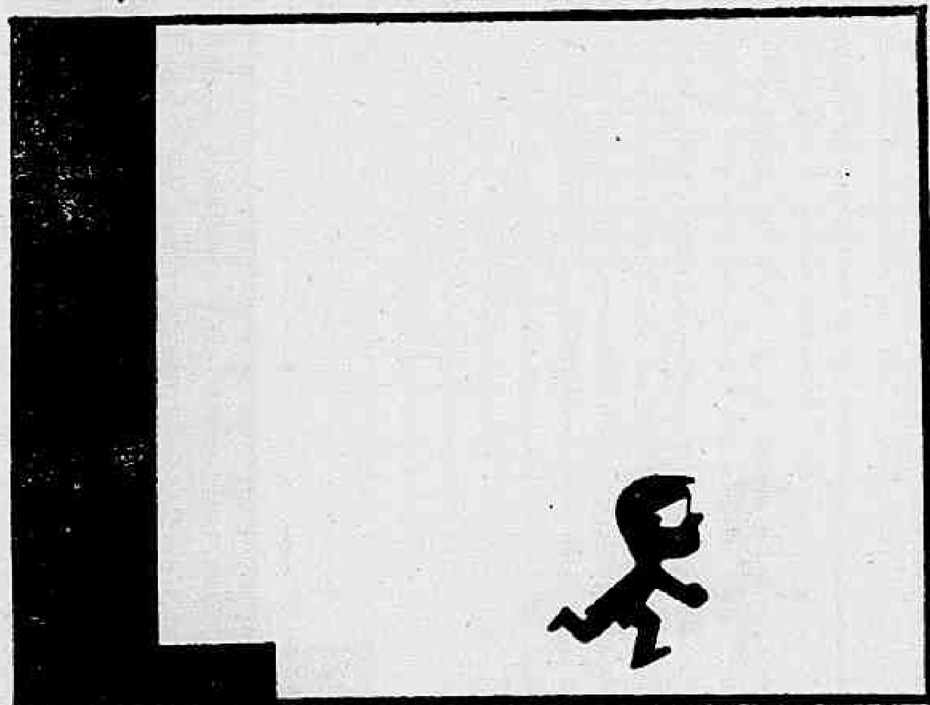


Edmar Morel afaga um «brotinho» dos Nafuquás e ouve a viúva do cacique Ialoique, informações preciosas e esclarecedoras sôbre do paradeiro, ainda em mistério, de Fawcett

Nem Corôa!

Nicodemus

PRETO NO BRANCO

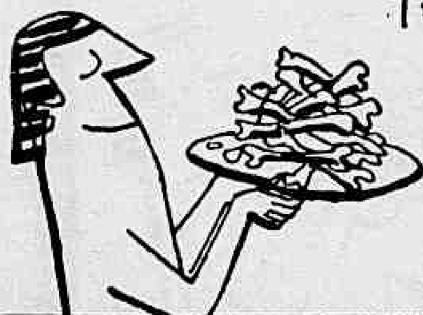


PALMATORIA

HAREM AMENHOTEP III RECEBEU DE PRESENTE DO PRINCIPE DE NAHARINA TREZENTAS VIRGENS ESCOLHIDAS ...

SACRIFICIOS HUMANOS EM QUASE TODAS AS EPOCAS E EM QUASE TODOS OS POVOS HOUVE SACRIFICIOS HUMANOS. PROVAVELMENTE, ÊLE SE LIGA AO CANIBALISMO. O HOMEM FEZ OS DEUSES A SUA IMAGEM. MENOS BARBAROS, OS HOMENS ABANDONARAM AOS POUCOS OS SACRIFICIOS HUMANOS. MAIS TARDE, NEM ANIMAIS PILHAVAM OS DEUSES: OS SACERDOTES COMIAM A CARNE E SÓ LEVAVAM AOS ALTARES OS OSSOS E AS TRIPAS ...





PENSAMENTO

UMA MULHER BELA SEM PUDOR É COMO UMA ROSA SEM PERFUME.
BEAUCHÉNE



EDMAR MOREL e o seu livro «E Fawcett não voltou» com prefácio do Gen. Rondon. Ao fundo, uma foto de Izarari, o matador de Fawcett, e de quem obteve Morel tôda a verdade.

culava e apontava para Leste, enquanto Izarari batia a mão no peito e indicava para os retratos de Fawcett e Jack. A pergunta não foi bem compreendida por Apacano. Repeti:

— Eu quero saber onde morreram os "caraibas". (homem branco).

— Morreram no mato...

De tôdas as tribos xinguanas, a única que tem traços de uma raça forte é a dos Kalapalos. São altos, musculosos e com o tórax bem desenvolvido, ostentando enfeites nos punhos e usando arcos com quase dois metros de comprimento. Da morte de Fawcett eu não tinha mais dúvida. Queria saber, agora, por que e como êle foi morto, juntamente com Jack.

— Por que mataram Fawcett?

— Morreram no mato...

— Morreram de doença ou flechados?

— Flechados!

— Por que mataram?

Houve uma pausa e Izarari baixou a cabeça. Apacano quebrou o silêncio do chefe Kalapalo e êle voltou a fazer mimicas e apontar para o Leste. Izarari e Apacano falaram em alto tom, dando a impressão de discutirem.

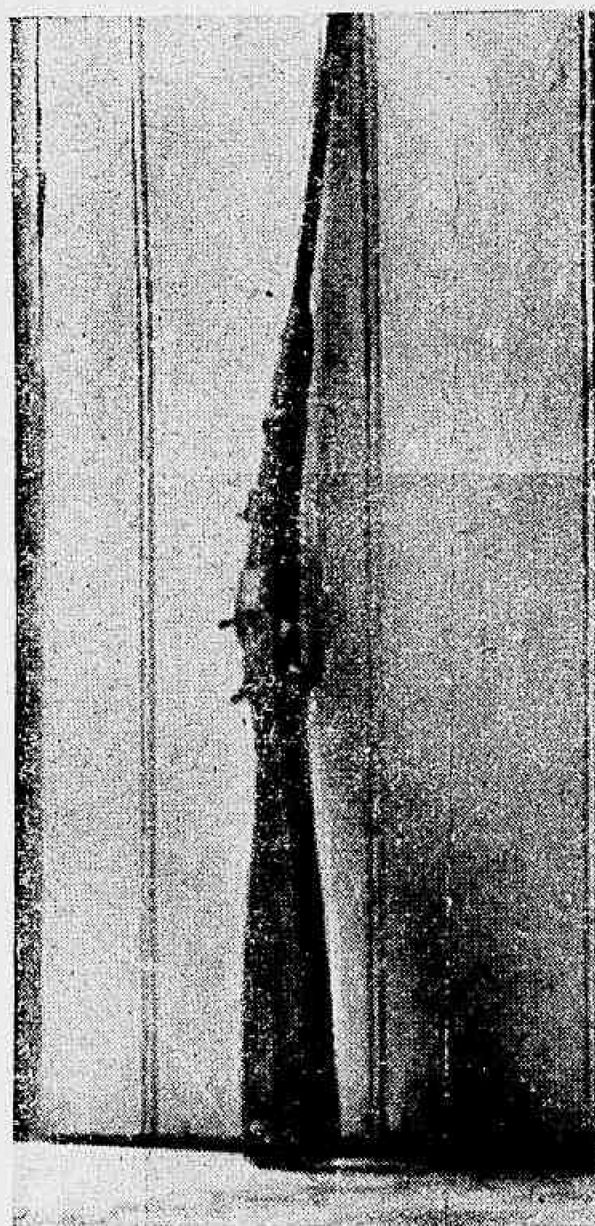
— Os Kalapalos mataram! Não!... Não!... Os Caiapós!...

Na confissão, a principio, Izarari pôs a responsabilidade da morte do explorador britânico sôbre os Caiapós, tidos como um grupo esparso dos Chavantes, senhores absolutos das terras entre os rios Kuluene e das Mortes, a região sempre indicada por Izarari.

— Por que os Kalapalos mataram Fawcett?

Izarari respondeu com firmeza:

(Cont. na pág. 45)



A ESPINGARDA quebrada de Fawcett, deixada na aldeia dos bacaeris e hoje no Museu de Cuiabá.



EDMAR MOREL ao lado da espôsa e do filho, mostra ao nosso repórter as flechas oferecidas pelos índios kalapalos, os mesmos selvagens que, há 26 anos, mataram os expedicionários



O novo Diretor da Carteira de Redescontos do Banco do Brasil recebendo os cumprimentos dos presentes à homenagem que lhe foi prestada no Club Homs, de São Paulo, vendo-se ao lado o ex-governador Adhemar de Barros.

HOMENAGEM AO DIRETOR DA CARTEIRA DE REDESCONTO DO BANCO DO BRASIL

NOS salões do Club Homs, da paulicéia, recebeu expressiva homenagem o sr. Armando Almeida Alcântara, por motivo de sua recente nomeação para o cargo de Diretor da Carteira de Redescontos do Banco do Brasil. À homenagem, que foi uma verdadeira demonstração de aprêço em que são tidas as qualidades de financista do novel diretor daquela importante carteira do Banco do Brasil, compareceram os mais altos representantes do mundo oficial e da sociedade de São Paulo, podendo-se anotar entre os nomes presentes os dos senadores César de Lacerda Vergueiro, Euclides Vieira e Apolônio Sales, General Teixeira Lott, comandante da 2a. Região Militar, prefeito Armando de Arruda Pereira, monsenhor Francisco Bastos, representante de d. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, srs. Adhemar de Barros, Cel. Milton Cezimbra, Barone Mercadonte, Fernando de Almeida Prado, presidente da Bolsa de Mercadorias.

O sr. Armando Alcântara foi recebido à porta do Club Homs por uma comissão dos promotores da homenagem, tendo sua entrada no recinto do banquete se efetuado sob salva de palmas e ao som de uma banda de música da Guarda-Civil, que se apresentava em uniforme de gala.

O primeiro orador foi o deputado Carvalho Sobrinho, que iniciou sua brilhante oração fazendo o elogio das qualidades do homenageado, salientando, sobretudo, a fineza do seu caráter que o tornou querido entre quantos privaram com êle no decorrer de sua vida pública. E, prosseguindo no seu brilhante discurso, o deputado Carvalho Sobrinho, comparando a consagração do homenageado com a tese literária de que os grandes poemas, como aquêles atribuidos a Homero, tiveram os seus verdadeiros autores no povo, afirmou que a nomeação do sr. Armando Alcântara é também produto da própria voz do povo que o ama e considera.

Quando o deputado Carvalho Sobrinho terminou o seu discurso saudando o homenageado em nome dos amigos e dos seus admiradores, o sr. Armando Alcântara levantou-se entre aclamações e iniciou sua brilhante e importante oração, com essas palavras:

«... E aqui me tendes, esmagado de emoção, aturdido pelos imerecidos conceitos do vosso ilustre representante a meu respeito. Essas as palavras que proferi em Santos, 1936, em situação idêntica à que me encontro agora, entre vós, neste abençoado torrão de Piratininga. E eis que S. Paulo, após essa longa caminhada de quinze anos, tôda batida de lutas, resolve, pelos nomes mais expressivos de suas fôrças econômico-financeiras, pelos expoentes mais altos de sua cultura e de sua vida política, premiar de novo, generosamente, o lutador anônimo. Não, decerto, pelos ocasionais méritos que lhe hajam, transitòriamente, marcado a dura peleja, mas pela constância — humilde, mas pertinaz constância — com que sempre procurou servir ao seu país e à sua gente».

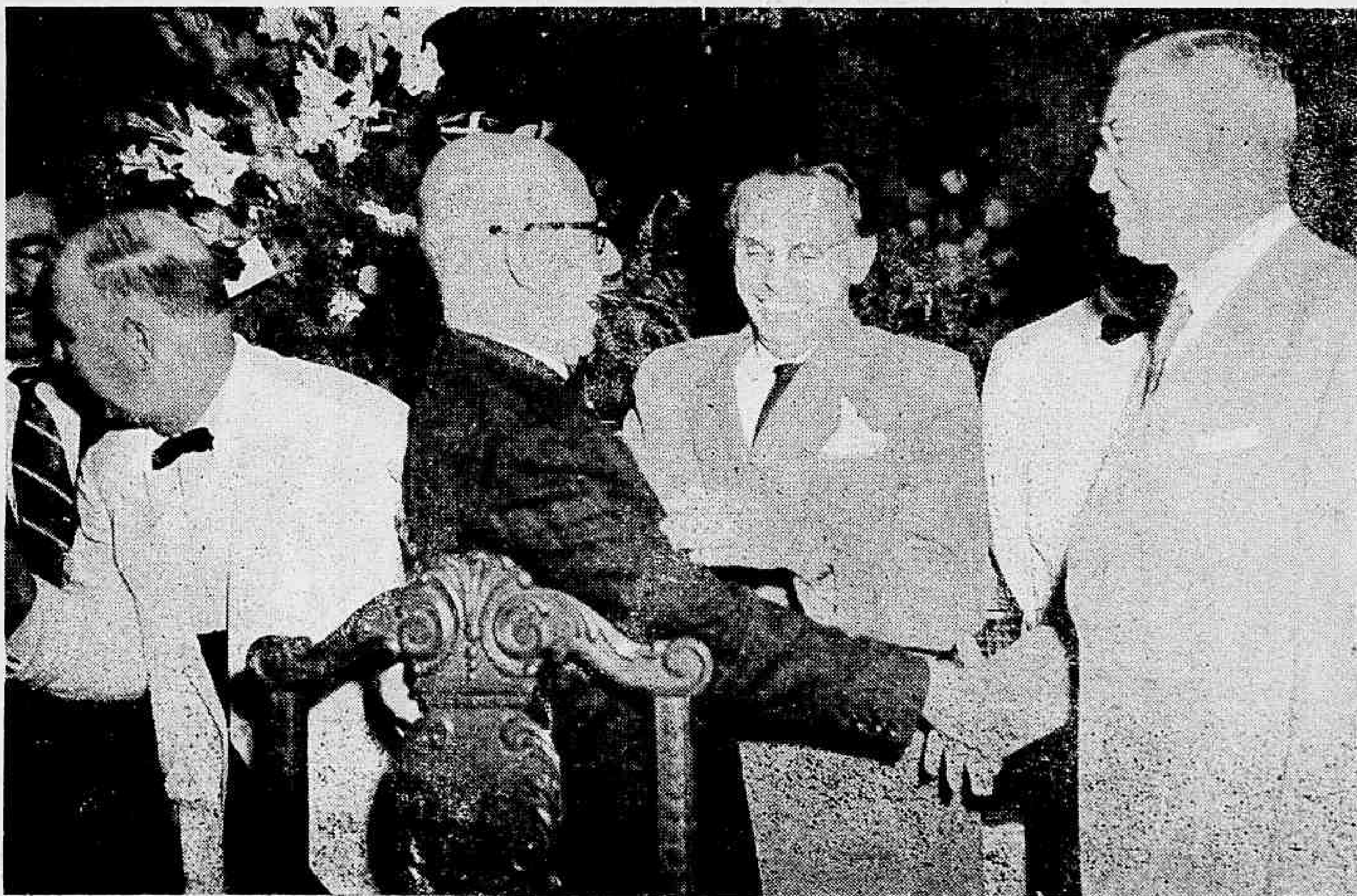
Mais adiante, fazendo um estudo sôbre a solução dos problemas que afligem a economia nacional, declarou que, se outros se apavoraram, êle não, pois — repetindo suas próprias palavras — «conheço de sobra as surpreendentes possibilidades econômicas do Brasil para deixar de confiar no seu futuro».

Fazendo também importante análise sôbre o fenômeno da inflação em nosso país, entre outras considerações feitas, destacou-se esta:

«Em país como o nosso o que cumpre valorizar, sobretudo, é o homem, o capital humano. Nem era sem razão que Rui Barbosa afirmava que tôda despesa feita em benefício da instituição constituia o mais lucrativo emprêgo de capital por parte do Estado. Valorize-se o homem e se valoriza a nação».

Encerrando sua oração, o sr. Armando Almeida Alcântara frisou a imensa felicidade de que estava tomado ali, ao lado dos seus bons e leais amigos.

Por fim, o sr. Adhemar de Barros, com uso da palavra, salientou as qualidades do homenageado, ressaltando a sua atuação no govêrno passado no Estado de São Paulo no setor das finanças. Em seguida, foram levantados os brindes de honra ao Presidente Getúlio Vargas e ao Governador Lucas Garcez.



O Sr. Armando de Almeida Alcântara recebendo cumprimentos do Senador Apolônio Sales.



BERTHA SINGERMAN numa expressão risonha, mas sem nenhuma preocupação formal de arte declamatória. Está em seu natural, sorrindo familiarmente, com sua ternura pessoal.

COM BERTHA SINGERMAN

GUARDA DO BRASIL UM GRANDE "RECUERDO"

Texto de OLGA BRANT



OUTRA POSE em que a grande artista da palavra demonstra sua capacidade de interpretar.

GOSTO do Brasil e dos brasileiros — começou por nos dizer essa extraordinária artista que, fora do palco, num contato mais direto com quem procura conhecê-la, é de uma encantadora simplicidade e simpatia. Não há atitudes estudadas de "estrelismo" nessa mulher que já teve o mundo aos seus pés e que, ainda hoje em que tudo parece estar tão materializado, consegue encher de poesia e de beleza as mais diferentes platéias.

Bertha Singerman, a quem procuramos ver e ouvir ainda em Buenos Aires, não esconde a sua admiração pelo nosso país. "Tenho lá grandes amigos; amigos fiéis e verdadeiros que não me esquecem e que também nunca serão esquecidos por mim. Contou-nos então que guarda uma recordação muito especial do Sr. Getúlio Vargas, a quem admira, considerando-o um grande estadista e um grande brasileiro. Foi por ocasião de um dos seus primeiros contatos com o público do Brasil; os seus admiradores do Rio de Janeiro prestaram-lhe uma homenagem que consistia na entrega de uma coroa de louros feita em ouro e de um álbum com assinaturas dos nomes mais representativos do Rio. Na primeira página, lêem-se as seguintes palavras:

A Bertha Singerman
por todo o Brasil que lhe quer bem,
por todo o Brasil que a admira
(a) Getúlio Vargas

Êsse álbum é, em todos os sentidos, o mais apreciado e o mais emocionante "recuerdo" de sua vida artística. Observando-a atentamente, vemo-nos diante de uma criatura cuja beleza vem de dentro, de uma sensibilidade maravilhosa que sentimos em cada um dos seus gestos, em cada uma das suas palavras.

Falamos sôbre o poder da sua voz sôbre pessoas das mais diferentes camadas sociais e intelectuais. "Quando há anos iniciei os meus recitais poéticos, — diz Bertha, — procurava dirigir-me à grupos de pessoas selecionadas, pois também compartilhava da crença geral de que a recitação era uma arte de intimidade que necessitava de cenários limitados para poder comunicar o mistério da alma do poeta à alma de quem escuta. Porém, o contato com os grandes públicos me reservava uma surprêsa: à um maior número de espectadores era mais evidente e profunda a vibração que a voz dos poetas que eu interpretava despertava em cada um dêles. Então compreendi que a minha voz era um arco de ponte estendido diretamente entre o espírito do poeta e o de cada ouvinte; a alma dos demais — sofrendo, amando ou gozando em unissono, era como outras tantas colunas que sustinham o arco de ponte, colaborando assim comigo para que a compreensão da alma do poeta fôsse mais profunda.

" "Walt Whitman, — prossegue Bertha, — define o poeta como o "respondedor". Efetivamente, o poeta responde às mil perguntas obscuras e vagamente formuladas que nascem no coração do homem ante os grandes mistérios do amor, do sofrimento, do infinito. Por isso, quanto mais sêres escutem a resposta, mais probabilidade haverá de que se encontre entre êles aquêle à quem a mensagem era dirigida e o poeta terá cumprido a sua missão, para o que lhe foi dado o dom de cantar...

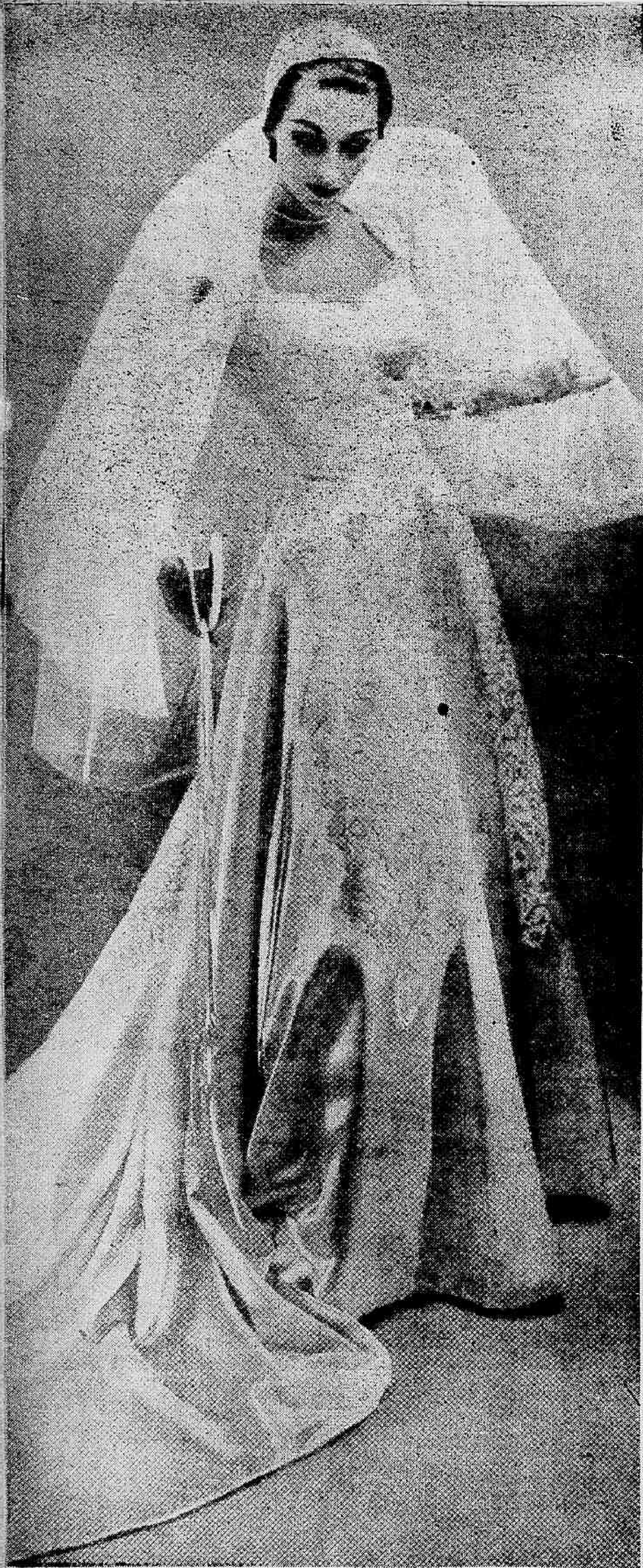
Bertha Singerman, que mais uma vez estamos ouvindo, vem procurando sempre enriquecer o seu já tão rico repertório, numa demonstração de interêsse e de carinho para com as platéias, que sempre a ouvem com entusiasmo e vibração. Não são poucos os escritores de renome internacional que se têm ocupado em escrever ou promover "arranjos" especialmente para Bertha. Alejandro Casona,

(Cont. na pág. 44)





BERTHA SINGERMAN, famosa declamadora a quem o Brasil tributa homenagens, em poses de Arte.



NESTAS duas páginas as leitoras encontrarão mais alguns sugestivos modelos para noivas; à esquerda, modêlo em renda branca sôbre cetim; à direita, um modêlo sugestivo em tule branca; na página ao lado, em cima, moderno traje "tulle" branca, também com sombra em cetim, sem mangas e apresentando uma originalidade no comprimento da saia, modêlo em finíssima "tulle" tendo sôbre-posto um outro vestido em organdi de sêda estampado. Em baixo, modêlo em renda branca sôbre um fundo de cetim perola, saia bem farta, justa na cintura, "tocado" prendendo o veu no mesmo tecido do vestido.











NOIVAS



SÔBRE A FELICIDADE

PEQUENA ANTOLOGIA

Pequena antologia de pensamentos sôbre a felicidade:

Se és feliz e não sabes, tens na mão o maior bem, entre os mais bens terrenos. — Raul de Leoni.

★

Para mim não há alegria maior do que combater pela felicidade humana. — Ostrowsky.

★

A razão não é muitas vêzes mais do que a arte de evitar a felicidade. — Murger.

★

Não podemos escolher a felicidade, nem para nós, nem para outrém. Nunca sabemos onde ela está. Podemos apenas resolver se a aceitamos no momento presente ou se renunciamos a ela, com o fim de obedecer à voz que se ergue de dentro, aconselhando-nos a ser leais às nossas vidas. — George Elliot.

★

A felicidade é um raio de sol que pode atravessar milhões de espessuras, sem perder uma partícula de sua luz original. — Philip Sidney.

★

Que é a felicidade, senão tornar os outros felizes? — Byron.

★

Aprendi a ser feliz, limitando os meus desejos. — Stuart Mill.

A felicidade não se dá, troca-se. A nossa felicidade vem-nos sempre de outrém. — C Diane.

★

A felicidade é o mais poderoso e o mais reconfortante dos tônicos. — Diclot.

★

A felicidade é uma ilusão de distância. As estrêlas estão no vácuo e nós vêmo-las no céu. — Coelho Neto.

★

Deve-se considerar como felicidade tudo o que não é desgraça. — Príncipe de Ligne.

★

Quem nada espera, não ficará desapontado — eis uma boa base de felicidade. — Remarque.

★

Não faço questão de ser feliz... prefiro saber. — André Gide.

★

Sinto que tenho uma tal sêde de felicidade que nunca poderei saciá-la. — Katherine Mansfield.

★

Façam-nos feliz e nos farão bem. — R Browning.

★

A felicidade é o único bem. — Ingersoll.

★

Pela coleção,

Praticos Para Viagens







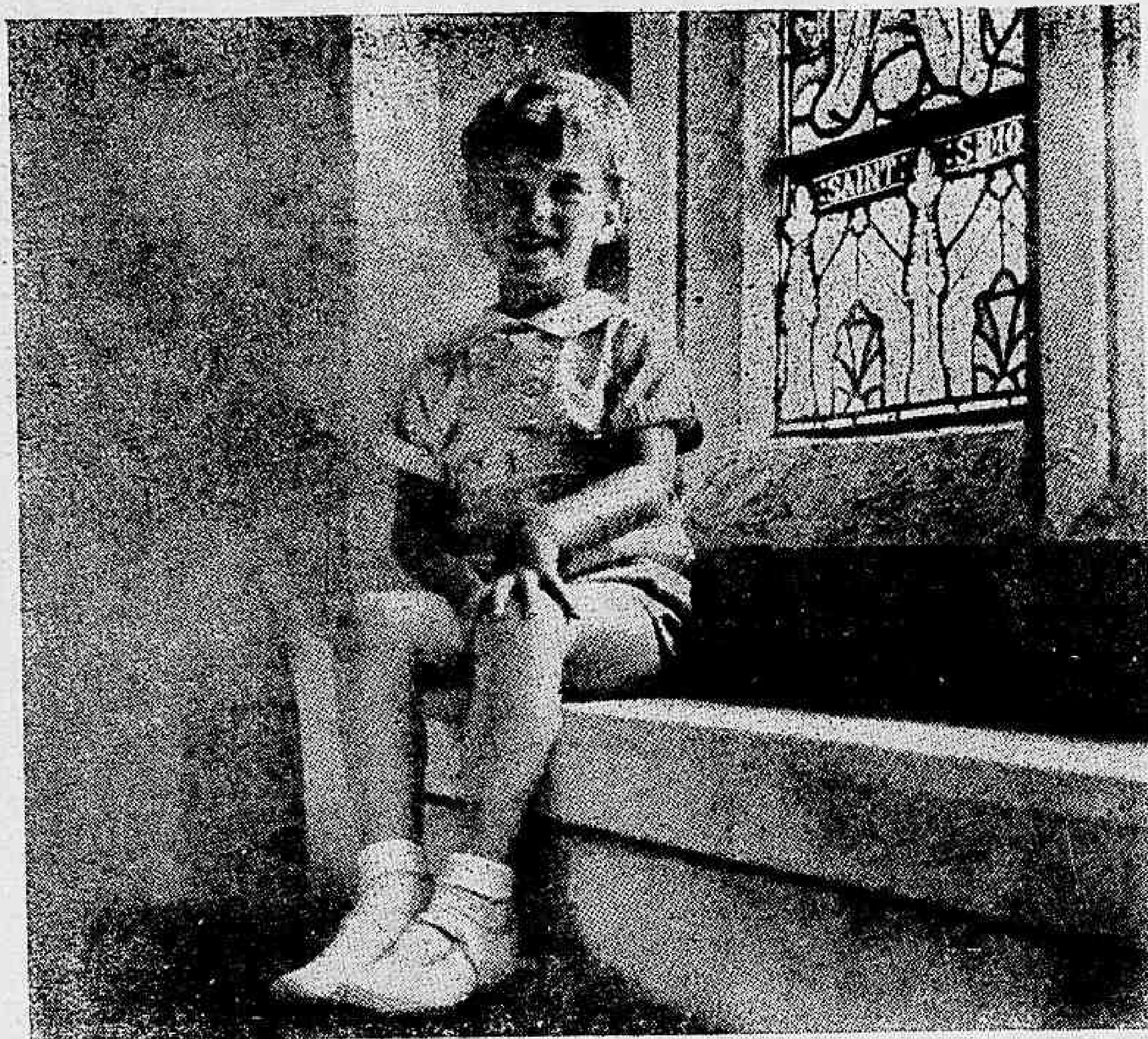






OS trajes de viagem devem ser simples, permitindo ampla liberdade de movimentos. De preferência usam-se costumes, porque têm a vantagem de uma vez tirados os casacos, constituirem novas «toilettes». Casaco do estilo clássico, em lã quadriculada. Saia justa em lã lisa. Quatro modelos simples e elegantes, próprios para viagem. Manteaux em lã clara, com amplas mangas, sem gola, abotoado sòmente com dois botões. Chapéu do mesmo tecido. «Tailleur» clássico, casaco com grandes bolsos; saia justa com costura na frente.





MODA INFANTIL



PARA os pequeninos elegantes, aqui estão algumas sugestões interessantes, que as mamães poderão por certo aproveitar. Em cima, terninho para meninos de 2 a 5 anos em fustão lisão com debruns em fustão listado; ao centro, conjunto para meninas dos 12 ao 15 anos em lã cinza, casaco longo, saia com largos machos em tôda a volta; e, em baixo, dois modelinhos em linho branco enfeitados com rendas e entremeios.



WEEK-EN

OVOS EM TORRADAS

Tomam-se 6 fatias de pão untadas com manteiga e com queijo fresco, cortado em fatias idênticas; leva-se ao forno. Fritam-se os ovos à parte na manteiga. Depois de prontos, servem-se sôbre as fatias quentes. Há quem goste de acrescentar açúcar. Êste prato geralmente serve para entrada.

RECHEIO PARA RAVIOLI

Aferventa-se um pouco de acelga com espinafre, aferventam-se os miolos de uma rês. Bate-se bem a verdura, cortam-se os miolos bem miudinhos, mistura-se tudo, acrescentam-se 2 ou 3 ovos crus, 2 colheres de queijo, 2 colheres de azeite e 2 de farinha, sal, cebola bem cortadinha e batida junto com a verdura. Estende-se a massa e espalha-se por cima o recheio, na metade. Sôbre essa metade, dobra-se a outra, emparelha-se bem e corta-se em quadradinhos, com a carretilha e vai-se arrumando numa bandeja ou numa lata, até a hora de ir para o fogo. Aferventa-se bem, arruma-se num prato com muito môlho e queijo ralado.

PURÊ DE PÃO

Deixam-se três fatias de pão de môlho no leite. Fritam-se depois em azeite quente, com temperos cortados bem fininho; cebola, tomate e um dente de alho. Mistura-se o pão e pouco antes de retirar do fogo, acrescentam-se os temperos verdes, também picados e uma pitada de noz-moscada.

CREME DE ESPARGOS ARGENTEUIL

Leve ao fogo numa panela funda, 2 colheres de manteiga, 2 de cebola picadinha e refogue sem deixar escurecer. Aí deite uma galinha ou frango aos pedaços. Refogue ligeiramente, e molhe com 2 litros de água. Estando a galinha cozida, retire da panela e côe o caldo em pano molhado. Guarde os miúdos e a carne para o recheio dos vol-au-vent. Deite o caldo novamente na panela e acrescente 1 garrafa de leite e 3 colheres de maizena desmanchadas na água dos espargos. Leve tudo a engrossar em fogo brando, depois junte 3 gemas. Deve ficar um creme muito liso não muito grosso e se encaroçar passe pela peneira. Tempere com sal, deite dentro os espargos partidos aos pedaços de 3 cm, junte ½ colher de manteiga e sirva bem quente.

VOL-AU-VENT À LA REINE

A massa folhada: 500 gr de farinha bem peneirada, 1 colher de manteiga, bem fresca, 2 xícaras de água fria, 1 colherzinha de sal fino, 500 gr de banha americana ou 250 gr de banha e 250 gr de manteiga.

Se a farinha não estiver bem sêca, leve-a um pouco ao sol, espalhada num tabuleiro ou à bôca do forno, depois passe umas três vêzes pela peneira dentro de um alguidar. Faça um poço no meio da farinha e aí deite a gema, a manteiga e a agua morna. Sempre mexendo até formar uma massa branda. Amasse muito bem, depois leve para a tábua e sove até abrirem bôlhas, então enrole e deixe repousar 1 hora coberto com um pano para não ressecar. Divida a banha em 3 partes, se estiver mole, convém endurecê-la no gêlo. Polvilhe a tábua ou pedra mármore com farinha e sôbre ela estenda a massa com um rôlo até ficar na grossura de 1 dedo. Passe então com uma faca, sôbre tôda a superfície da massa uma das porções da banha, cubra com uma camada fina de farinha, peneirada diretamente sôbre a banha. Dobre em três a massa com guardanapo, e deixe descansar 5 minutos. Passados os 5 minutos, abra novamente a massa com o rôlo, em sentido contrário, tendo muito cuidado para que a banha não escape. Deve trabalhar em lugar fresco e vagarosamente. Repita a primeira operação, empregando a segunda porção de banha, deixe descansar outros 5 minutos. Depois da terceira vez, estenda a massa até ficar da grossura de 1 centimetro. Com fôrma própria de torta, corte a massa em rodela, com o cortador de 8 cm de diâmetro. Arrume a metade obtida dessas rodelas num tabuleiro molhado e escorrido e a outra metade corte os centros com o cortador de 4 cm, porém sem os destacar.



PUDIM DE PÃO

1 pão de 400 gr, ½ kg de açúcar, 1 colher de manteiga, 3 claras, 150 gramas de queijo, 1 pitada de noz-moscada, 6 gemas, frutas cristalizadas, passas.

Prepara-se uma calda com o açúcar. Nela se desmancha o pão, acrescentam-se os ovos já batidos, e os outros ingredientes. Vai ao forno em fôrma untada com açúcar queimado.

Môlho: com meia xícara de açúcar faz-se uma calda engrossada com 2 ou 3 gemas. Serve-se a calda à parte, derramando-a sôbre cada fatia de pudim.

GOMOS DE GELATINA

Laranjas, gelatinas de várias côres, leite, água, açúcar, essência de baunilha, maizena.

Com muito cuidado, retira-se o miolo da laranja. Com o caldo das laranjas esvaziadas, fazem-se gelatinas das côres que se quiser, guardando sempre a proporção de ½ litro de caldo para 7 fôlhas de gelatina ou para uma caixinha de ambrosina. Enchem-se as laranjas alternadamente com as côres das gelatinas, deixando sempre gelar uma camada para acrescentar a outra. Depois de cheias, deixam-se as laranjas no refrigerador, para gelarem bem. Convém fazer êste doce sempre de véspera. Cortam-se depois os gomos, que se servem em pratinhos. O efeito é muito bonito e colorido. A gelatina branca deve ser dissolvida em leite, com açúcar e essência de baunilha, acrescentando-se, caso se queira, um pouco de maizena.

A COZINHA

EMPADA SANTA TERESINHA

4 gemas, farinha, 2 colheres de conhaque. Faz-se a massa com as gemas e o conhaque ou caninha boa, acrescentando-se farinha suficiente para ligar. Sova-se bem e deixa-se descansar 1 hora ou ½. Abre-se com o rôlo e corta-se com uma tampinha de fermento, unem-se de 3 em 3, molhando um pouquinho só no centro. Antes de pôr no fogo corta-se em quatro ou 5 lugares. Deitam-se na banha quente e deixam-se torrar. Ficando mole, tornam-se imprestáveis, pois ficam pegajosas como borracha. Recheam-se com camarão ou galinha.

PÃEZINHOS DE CAIPIRA

125 gr de manteiga, 125 gr de açúcar, 125 gr de avelãs ou amêndoas raladas, 1 pitada de canela, 2 claras, 375 gr de farinha de trigo.

Bate-se bem a manteiga, adicionam-se os outros ingredientes, seguindo a ordem acima, a farinha em último lugar. Estende-se a massa na grossura de ½ cm. Com o auxílio de forminhas de fôlha cortam-se redondas que se pincelam com gemas e se assam em forno quente.

BOLINHOS DE CHOCOLATE

125 gr de chocolate, 125 gr de açúcar, 4 ovos, 150 gr de farinha de trigo, e um pouco de casca ralada de limão.

Batem-se as gemas, o açúcar e a casca de limão até ficar um creme espumoso; juntam-se as claras batidas e a farinha de trigo. Põe-se o creme num cartucho de papel, espremem-se em forno brando até ficaram dourados.

Tiram-se os bolinhos do papel e faz-se-lhes uma cavidade na parte inferior. Em metade dêles passa-se uma glacê de chocolate e seca-se no forno morno; a outra metade recheia-se com creme Chantilly misturado com um pouco de açúcar de baunilha e une-se cada um dêstes com o outro (o coberto com a glacê de chocolate).

BANANAS ENROLADAS

400 gr de farinha de trigo, 60 gr de manteiga, 60 gr de açúcar, 2 ovos, 1 gema, 1 pitada de sal e um pouco de rum. Com êsses ingredientes faz-se uma massa que se deixa descansar durante 1 hora. Estende-se na grossura de 2 milímetros e cortam-se pedaços retangulares de tamanho que comporte enrolar uma banana em cada um. As bananas descascadas passam-se em açúcar com canela e enrolam-se na massa, cujas extremidades se apertam. Fritam-se em bastante banha quente e polvilham-se com açúcar.

BEIGNETS DE ARROZ

100 gr de arroz, ½ litro de leite, 75 gr de açúcar, 2 gemas, 1 cálice de rum, açúcar e baunilha.

Depois de bem lavado o arroz, cozinha-se com leite e açúcar, mistura-se, quando morno, com os ovos e os temperos e estende-se sôbre uma tábua na altura de 1 dedo. Quando frio corta-se em tiras de uns 7 cm de comprimento por uns 3 cm de largura, mergulham-se nos ovos e passam-se pela farinha de pão, fritando-se em gordura quente. Polvilha-se com açúcar refinado.

PUDIM DE OVOS DUROS

1 xícara de leite, 5 ovos, cozidos e picados, 150 gr de presunto picado, 2 gemas, 2 claras em neve, 1 colher de manteiga, 1 colher de farinha. Leve ao fogo a manteiga com a farinha, molhe com o leite e deixe no fogo até aparecer o fundo da panela. Deixe esfriar um pouco, junte o resto dos ingredientes e despeje numa fôrma untada e polvilhada com pó de pão torrado. Leve a assar por uns 15 minutos.

LINGUADO SARCEY

Prepare 2 ou 3 linguados regulares — os grandes são muito duros. Tire-lhes os "filets" e tempere com sal e um nada de pimenta do reino. Leve as carcassas para o fogo numa caçarola com 1 xícara de água, outra de vinho branco, ½ fôlha de louro, sal, alguns grãos de pimenta branca e rodelas finas de cebolas. Deixe cozinhar durante uns 15 minutos, depois passe tudo pela peneira e guarde. Faça um recheio do seguinte modo: tome 250 gr de peixe frito, sem peles nem espinhas, junte uma fatia grossa de pão dormido, molhado no caldo, 2 gemas, manteiga, sal, e leve a engrossar no fogo. Deite êste recheio num prato redondo, dando-lhe a forma de coroa de 1 cm de espessura e 4 cm de largura, devendo o centro ficar vazio. Sôbre o recheio, arrume os "filets" dobrados ao meio, um a um, e separados por um cordão do recheio. Arrume bem compacto para que fiquem firmes. Depois, cubra tudo com o môlho que ficou separado e leve para o forno quente. No fim de 3 minutos, retire o prato do forno, tire 2 terços do môlho e deite numa caçarola. Tome 1 lata de champignons, 2 pepinos de conserva, 2 claras cozidas, algumas trufas, parta tudo em pedacinhos de 2 cm e encha o vazio do prato. Tape bem e leve de novo para o forno durante 15 minutos. Incorpore ao môlho, retirado para a caçarola, 1 colher de manteiga misturada com 1 colher de farinha de trigo, ligue tudo com as 2 gemas cozidas que sobejaram, e o caldo de meio limão. Tire o prato do forno e retire o resto do caldo para aumentar o môlho da caçarola. Com um garfo, suspenda a guarnição que está no centro do prato, dando-lhe a forma cônica. Regue apenas os "filets" com um pouco do môlho e o resto, sirva na molheira.

BISCOITOS DE POLVILHO

250 gr de polvilho peneirado, 4 colheres de açúcar, 1 colher de manteiga, 2 gemas, e 2 colheres de água. Misture tudo, amasse bem e abra com o rôlo o mais fino possível. Corte em rodelas de 4 cm de diâmetro e leve a assar em tabuleiros. Devem ficar como hóstias.

MACARRÃO À ALEMÃ

Tome ½ kg de macarrão grosso e cozinhe em água a ferver com sal. Rale 200 gr de queijo parmezão. Parta 200 gr de presunto picadinho. Arrume numa forma Pirex ou de porcelana untada e polvilhada de pó de pão as camadas de macarrão, do presunto e do queijo. Quando terminar, regue com 100 gr de manteiga derretida e 1 xícara de leite quente. Bata 6 ovos, as claras em neve e derrame sôbre a fôrma. Leve a assar no forno, sirva na própria fôrma.



DOIS MODELOS

De JACQUES Fath, um dos mais famosos costureiros franceses, temos êstes dois sugestivos modelos para os dias mais frios. Em cima, vestido para a tarde em lã verde, com debrum em veludo negro, terminando num grande laço; bôlço embutido. Em baixo, outra «toilette» de inverno, êste em lã azul marinho ou prêta bem encorpada Casaco com bolsos embutidos, botões prêtos e adornos de peles, saia reta, gola bem fechada.



LAMARTINE BABO. . .

(Cont. da pág. 28)

Boa Esperança, e o destinatário não demorou a respondê-la, com outra ainda mais romântica. A correspondência desenvolveu-se cada dia mais amorosa e febril. Não tardou que a missivista pedisse, é claro, o clássico retrato autografado, que o nosso homem enviou, solicitando a recíproca.

A jovem, porém, era mais astuciosa do que Lamartine poderia imaginar. E remeteu-lhe então, não uma, mas duas dezenas de bonitas poses, com a circunstância de pertencer, cada qual a uma pequena distinta... Lamartine que escolhesse até acertar. Qual delas seria a autora das suas mais lindas cartas de amor? Mas Lamartine não acertou. Em compensação, ficou atordoado e resolveu tirar a limpo o caso. De que modo? Tirando férias na Nacional e tomando o primeiro trem mineiro.

Antes, porém, comunicou a viagem à sua deusa. Fez uma viagem de cruel expectativa. Na cidadezinha bonita, foi recebido com vivas, fuguetório e banda de música. À distância, enxergava dezenas de garotas acenando lenços, dando-lhe as boas vindas. Qual seria a missivista. Uma surpresa maior do que poderia imaginar, o esperava: Ela... não era nenhuma das tantas! Porque tudo não passava de uma inocente pilhéria, posta em prática por um marmanjo, de cumplicidade com as pequenas de Dores da Boa Esperança. Mas tôdas, afinal, eram fãs de Lamartine. E a história acabou bem. O compositor vingou-se... escrevendo lá mesmo o seu famoso samba-canção, inspirado na apaixonada, inexistente, e na serra autêntica, bonita, garbosa, da Boa Esperança. Para alguma coisa — para muita coisa — valeu a pilhéria. Nossa música popular era enriquecida com essa melodia que ficou".

★

Como essa há muitas outras histórias pitorescas acêrca das músicas de Lamartine. A sua fama como compositor já atravessou as mais distantes fronteiras. Artistas de fama mundial, como Xavier Cugat, têm adaptado as suas canções em ritmos diversos e elogiado expontâneamente o seu talento.

Além de contador e compositor, Lamartine é, ainda, poeta, jornalista, escritor, teatrólogo, cantor, organizador, humorista e presidente da União Brasileira de Compositores (U. B. C.). E' o criador da já famosa "Canção do Dia" e organizou, juntamente com Herbert de Bôscoli e Yara Sales, o "Trem da Alegria", interessante programa que, por muito tempo, empolgou o Brasil inteiro.

Nas excursões em que fazia com o "Trem" a sua atuação deixou sempre saudade. A propósito aqui está um trecho de uma crônica publicada na "A Folha" de Jundiaí, quando o "Trio de Osso" lá estêve em 1944:

... "A cidade está cheia de piadas de Lamartine e passagens interessantes de sua vida. Esta se passou em Boa Esperança. Lamartine já se encontrava na cidade havia algum tempo. Certo dia, o vigário o chama e diz: "Lamartine, você é muito bomzinho conquistou tôda a nossa cidade; mas, por favor, vá embora". E ante à admiração do Lamartine, continuou: "Você transformou a nossa vida. As normalistas só querem estudar as suas "momices" radiofônicas que você intitulou folclore. As filhas de Maria quebraram uma tradição de há trezentos anos. Dançaram nos bailes de carnaval, sem pedir licença às diretoras. Vejam que prejuizo, você está causando. Vá embora".

Aqui, em Jundiaí foi o contrário. Todos gostaram de Lamartine e seus companheiros. E quando êle afirmou categòricamente que ia partir, houve um de seus admiradores que, num arroubo de entusiasmo irrefletido afirmou: "Lamartine você tem que ficar mais alguns dias, senão você apanha". Em Boa Esperança, o vigário lhe pediu (faz já algum tempo) que, por favor, êle deixasse a cidade. Aqui, ameaçam-se de surra, se êle deixasse Jundiaí".

★

Assim viveu Lamartine durante muito tempo, e sempre no apogeu da publicidade. Rindo, contando piadas, gozando a vida. Tôdas as pequenas gostavam dêle... mas êle não gostava de nehuma. Mas um dia o seu coração pulsou mais forte. A sorte estava lançada. Alguém cruzou a estrada de sua vida, deixando-o embevecido. À noite, no silêncio de seu quarto de solteiro, êle pensou e, instintivamente, perguntou a si mesmo: "por ventura... será que estou apaixonado?!... Só o seu coração podia dar-lhe a resposta. Quis dormir mas não pôde conciliar o sono. Levantou-se. Sentou à mesa e escreveu um poema para a mulher que lhe roubava o sono. Sentia amor e, no entanto, pela primeira vez fugiu de escrever diretamente sôbre o velho tema. E' sempre assim. Quando o amor é puro e é sincero escusâmo-nos de tôda e qualquer alusão sensual. Há mulheres que a gente apenas as deseja e outras que amamos com a alma e o coração. O sentimento evita, naturalmente, a volúpia. Daí a razão por que há amor e desejo, puramente dito. Lamartine escreveu sôbre as mãos da sua amada:

★

"As tuas mãos delgadas e franzinas
Mãos de princesa... próprias de salão.
Têm dedos longos... de atitudes finas.
— Mãos de alta estirpe, como poucas são!

...Mãos de quem sofre as dores mais ferinas
Que escondem em cada dedo uma emoção...
...Mãos espirituais cheias de esquinas
Na rua amarga da desilusão...

...Mãos que eu venero pelas suas linhas,
Que eu desejava tanto fossem minhas...
...Que pudessem afagar as minhas mãos...

Mãos que jogaram flores em teus pais
Em tua irmã querida, mãos genias
Que separam ddos maus os bons cristãos!"

★

Ela leu o sonêto e depois escreveu: "Os seus versos me comoveram. Sei que tens um coração bondoso e um espírito magnânimo. Amo-o com sinceridade. Oxalá sintas o mesmo por mim. "Isso aconteceu há uns quatro anos atrás. Ninguém sabia de nada. E como o amor conduz naturalmente ao casamento, e o casamento santifica o amor, veio depois o noivado, porém, silenciosamente. E, finalmente, no dia 19 de março, data propositadamente escolhida por ser dia de São José, protetor da família, casavam-se o sr. Lamartine Babo com a senhorita Maria José Santos Barroso. Foram padrinhos da noiva o dr. Gabriel Bastos e senhora; e do noivo o dr. Sebastião Stockler e senhora. A cerimônia foi realizada na residência dos padrinhos da noiva, em Correias.

D. Maria José declarou-nos que ninguém da sua família acreditava que Lamartine se casasse. Não por duvidar do seu caráter ou da sua palavra, mas por sabê-lo ídolo do público, boêmio inveterado e, portanto, amigo da liberdade. Eu, porém, acrescentou, sempre acreditei nele. O resultado aí está: estou casada e sinto-me feliz, graças à Deus".

Lamartine, ou melhor o "Lalá", como é conhecido na intimidade, disse-nos que tudo foi fácil porque êles formam, de fato, um casal sem sogro e sem sogra, pois ambos são órfãos de pai e mãe. Depois de nos mostrar alguns dos livros que já escreveu, como "Pindaíba" e "Lamartiniadas", tomou-nos pelo braço e nos levou até ao quintal de sua casa e mostrou-nos uma árvore recém-plantada dizendo ao mesmo tempo a velha sentença chinesa: — "Um homem para ser *Homem* tem que fazer três coisa: — escrever um livro, plantar um árvore e ter um filho. Eu já escrevi o livro; já plantei a árvore e... estou em vias de ter um filho".

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:
A história completa do «Tempo» e a ciência da sua medida. Previsões sôbre o futuro do nosso planeta.

ANO Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano — CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantis e deslumbrantes páginas coloridas

PREÇO — Cr$ 20,00

Façam desde já seus pedidos à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

ENCONTRA-SE EM TODAS AS LIVRARIAS E BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL.

COM BERTHA SINGERMAN

(Cont. da pág. 36)

que já conhecemos tão bem através de "As árvores morrem de pé", fêz "arranjos" de alguns capítulos do "D. Quixote", e Cordova Iturburu fêz a magnífica versão de "La Marselhesa", especialmente para a artista.

Esta última, recorda sempre uma grande emoção; é a própria Bertha quem nos conta: "Foi aqui em Buenos Aires, no dia da reconquista de Paris; apenas conhecida a notícia pelo rádio, foi organizada uma manifestação popular que, à medida que se encaminhava para a Praça de França, ia arregimentando milhares e milhares de pessoas. Quando chegamos à Praça de França o monumento se achava coberto de flores... Se havia improvisado um "meeting" com a participação dos mais consagrados intelectuais e artistas. Quando fui descoberta e identificada, surgiu um clamor que foi crescendo: Bertha... Bertha... Bertha... Fui quase que transportada à tribuna. Não podia falar; julguei que o coração ia estalar. Consegui fôrças e me sentindo quase que possuída por essa coisa maravilhosa que é o espírito imortal da França, pelo amor à todos os povos da terra... recitei "La Marselhesa"...

"Aquilo foi um delírio... Sabe? A tradução de "La Marselhesa" para o espanhol é uma verdadeira maravilha... uma obra de mestre... Muitos dias ainda tive que recitá-la nos mais diversos lugares. E continuo recitando sempre, tal como naquele dia..."

Sentimo-nos também comovidos e ao mesmo tempo encantados com o relato da consagrada artista e desde então ficamos ansiando pelo momento de voltar a ouvi-la.

No palco ou fora dêle, Bertha Singerman é sempre a mesma; sempre prendendo os que a cercam "pela extraordinária simpatia e pelo encantamento que dela se desprende. E' uma grande artista e uma mulher encantadora.

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos".
Acaba de sair a 11.ª edição — Preço: Cr$ 60,00.
Pedidos para o interior à LIVRARIA FRANCISCO ALVES.
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só FERRO ARSYLOSE.
Pedidos do interior a **ARAÚJO FREITAS & CIA.** — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — RIO DE JANEIRO

"Êle depende da Sra...

e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

FAWCETT VIVO . . .

(Cont. da pág. 34)

— "Caraiba", "caraiba" queriam levar os Kalapalos para os Caiapós. Os Kalapalos não gostam de invadir terreno de ninguém, e por isso não foram com os "caraibas". Os "caraibas" empurraram os Kalapalos...

— Onde foi isto?

— A briga dos "caraibas" com os Kalapalos foi depois da aldeia, quatro dias de viagem... Êles morreram e os Kalapalos voltaram.

Aqui um parêntesis. No local indicado por Izarari, em 1943, foi encontrada, agora, por Vilasboas, a ossada de Fawcett. Izarari, todavia, é morto desde 1947.

Fawcett nas suas excursões pelo interior da Bolivia tinha o hábito de surrar os peões, para que os mesmos pudessem prosseguir a marcha. O explorador agrediu a um dos Kalapalos, na certeza de que o grupo ficaria intimidado e todos marchariam na direção do Leste, onde desde o inicio do século XVI procuram o tesouro dos Martirios. A invasão dos Kalapalos, em território dos Caiapós, seria o inicio de uma guerra, na qual os companheiros de taba de Izarari levariam a pior.

O EPITÁFIO

E Morel prossegue:

— "Lembro-me do pedido que fiz a Izarari, no sentido de levar um pedaço de madeira e colocá-lo na árvore mais próxima onde tombou Fawcett, com êste epitáfio:

"Aqui morreu um caçador de ouro".

Aqui o repórter-sertanista encerra:

"A inscrição fúnebre não agradará, certamente, aos venerandos geógrafos que vivem embriagados pela beleza da lenda criada em tôrno do coronel da Guarda Real Inglêsa, que desapareceu a serviço da Humanidade... Talvez arrastado pela cobiça, foi morrer na região onde a imaginação popular fixou as sonhadas minas dos Martirios, tesouro guardado pelos indios "Morcegos"..."

Fawcett, atraido pela febre de ouro ou conduzido por outros motivos encontrou nas selvas do Brasil, o túmulo das suas ilusões. Mas, como que se imortalizou na Galeria dos exploradores estrangeiros tragados pelas selvas do Brasil.

Os seus móveis velhos poderão ficar nas em saber tratá-los com óleo de peroba.

UM MUNDO À MARGEM

(Cont. da pág. 22)

Penso — ou pelo menos esforço-me por pensar — em como tudo isso aconteceu. E vou reencontrar-me antes dêsse principio, muito longe, no inicio das minhas primeiras desilusões. Isso porque, a minha vida começou realmente, depois delas.

Não me queixo pròpriamente de Artur. Êle não teve culpa direta do meu infortúnio. O mal veio de longe, partiu da sua educação mal dirigida, da orientação errada que lhe foi ministrada, do ambiente infeliz em que se criou diante do cenário de um desequilibrio conjugal por parte de seus pais cujas causas por sua vez, já vinham de outros erros hereditários. Creio na lei do atavismo, porém creio também na fôrça de uma educação bem dirigida. E, Artur, em face do exemplo paterno, não teve culpa de nascer nervoso, irritadiço, muitas vêzes intolerante na cegueira de uma intransigência irrisória, e noutras agressivo até a loucura, numa completa falta de autodominio.

Quanto a mim, a vida me foi diferente. Meus pais, desejando-me um grande bem, fizeram-me um mal imenso. Cresci num ambiente ficticio, fora das realidades feias do mundo, criei um ambiente de alma defeituoso, viciando-me com o meu egocentrismo tanto que ao me defrontar com a realidade sofri as mais terriveis torturas morais. Até que a minha razão me fêz compreender que há sempre um lugar ao sol para todos, que aquilo que nos é dado possuir, devemos consegui-lo por nossos próprios merecimentos, que nada vem de graça às nossas mãos.

Mas essas divagações não esclarecem os pontos capitais da minha história. Apesar de tudo, não creio que seja necessário contar sôbre os primeiros tempos de meu casamento. Conhecendo as origens de nossos ambientes tão diversos — meu e de meu marido — sabendo das bagagens diferentes de nossas aquisições para a formação de nosso lar, se pode compreender perfeitamente o meu trabalho de captação, o meu desespêro quase inútil, e o fatal desequilibrio entre criaturas de mundos tão opostos. O certo é que, a principio, diante da cegueira de Artur, eu chegara à conclusão de que me fôra imposta u'a missão na vida: a de atraí-lo das trevas para um mundo claro e mais amplo. Isso porque, na minha aceitação sôbre a bondade das criaturas, tinha a intima crença na possivel e radical transformação de meu marido, identificando-o com a minha forma de ver as coisas. No entanto, depois, com a experiência de muitos anos de sofrimento e de lutas morais, eu vim a compreender, desolada, que, por mais que se consiga melhorar uma criatura adulta, jamais se poderá tocá-la em sua essência, a ponto de transformar-lhe a estrutura intima. E, diante disso eu caí em mim e percebi que minha luta estava finda. O que eu podia ter conseguido, já conseguira de vez. Dali para diante seria inútil. Foi quando lancei o olhar em tôrno e percebi a terrivel verdade: o trágico êrro do meu casamento. E é a êsse ponto que eu me reporto para começar a narração do meu drama.

(Cont. no próximo número)

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.



TRANSPIROL

VARIZES
EM SENHORAS
E HEMORRÓIDAS EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das **varizes.** Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males **hemorroidários** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. **Para varizes** (das pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. **Para hemorróidas** use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES.
Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., **Caixa Postal 1874 São Paulo.**

Hemo-Virtus

H 10-4 Ag. Pettinati

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.
(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo
Remessas pelo Reembolso

AGORA

RIO - MANÁUS

NO MESMO DIA

IDA **CR$ 2.468,20**

IDA E VOLTA CR$ 4.475,80

LOIDE AÉREO NACIONAL

★

COM ESCALAS EM

Anápolis -- Carolina e Santarém

Passagens -- RUA MÉXICO, 11 Tels. 32-5195 e 42-9967

Encomendas e Cargas -- AV. PRESIDENTE WILSON, 210. Tel. 52-2567

★

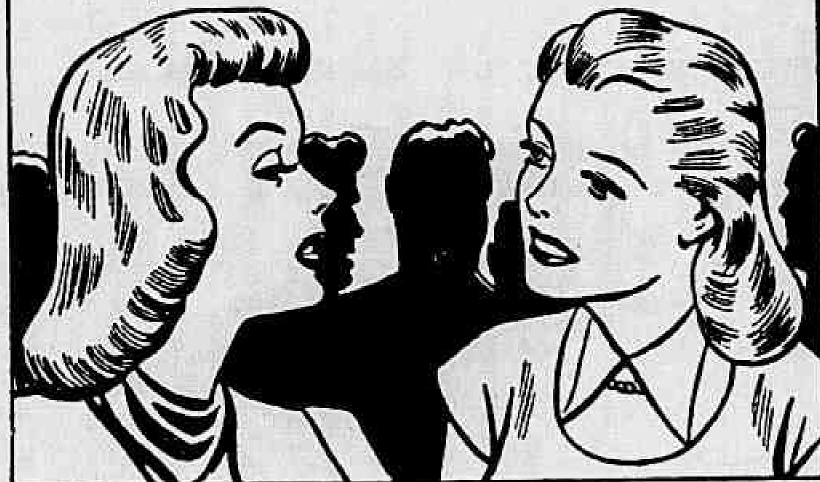
TABELA DE PREÇOS

	Passageiros	Carga (kg.)
Rio-Anápolis	565,50	3,80
Rio-Carolina	1.106,10	7,80
Rio-Santarém	2.008,80	14,40
Rio-Manáus	2.468,20	17,80

UM AMOR ATREVIDO

Discutimos vivamente. Disse-lhe eu que meu pai ia procurar-lhe um emprêgo no Banco em que era o Caixa, ou na impossibilidade, eu arranjaria um lugar na Companhia de Seguros onde servia. Mas Johnny me disse que isso seria o mesmo que matá-lo. Finalmente me convenceu de comparecer à matinê no sábado. Quando cheguei...











MORRERÁ JOHNNY NESSE ÚLTIMO ATO?













TUDO ISTO



REVOLUÇÃO NO CALÇADO para senhoras é o que nos promete o inventor de modas de calçados, Salvatore Ferragamo, de Firenze, Itália. Já possuindo trezentos inventos sôbre calçados para senhoras, Ferragamo lança agora a novidade do modêlo «Kimo»,



sapato com duas peças que se ajustam maravilhosamente aos pés femininos. Aqui vemos diversas cenas de sua loja de modas, aplicando os calçados aos delicados pés de algumas clientes. Para provar que tudo saira bem, já ofereceu pares de «Kimo» à Duquesa de Windsor e a Marlene Dietrich.



O RATINHO QUIS BRINCAR

GIOVANINI é uma linda criança residente em Roma. Tem apenas dois anos de idade. Como tôdas as crianças gosta de dormir a chupar na mamadeira até esgotar-se o liquido e o sono lhe fechar as pálpebras. Foi assim que os seus pais a viram na noite do dia 6 de abril dêste ano de 1951. Giovanini dormia com o ar de um anjo deitado nos braços de Deus. A serenidade de seu rosto a paz interior, sua consciência livre de tantas complicações e recalques como sucede com os maiores de vinte-e-um anos, davam a impressão de que a criança iria ter uma noite ideal, sem sustos, sem incomodar os de casa. Mas, por artes do capeta, altas horas da madrugada o "bambino" despertou aos gritos, estorcendo-se todo no berço. Esfregada a bôca, virava-se todo, como se estivesse sob os efeitos de espinhos no colchão. Os pais, aflitos, procuraram socorrê-lo. Retiraram-no da cama, ninaram-no, cantarolaram e nada. O menino abria a bôca a chorar que dava pena. Que seria? Talvez, quem sabe, um ataque de apendicite supurada... Foi aí que a mãe do garotinho teve a lembrança de dar-lhe a beber uma pouca d'água. Já diziam os antigos hidrófilos antecessores de Kneipp, que é a água o único liquido neste mundo que nunca fêz mal a ninguém nem por dentro, nem por fora. E aplicaram por dentro. O menino, depois de muito esfôrço dos pais, conseguiu ingerir uns goles. Foi a conta. Imediatamente começou a dar vômitos, entre a angústia dos pais que não



sabiam do que se tratava. Instantes depois Giovanini se acalmou. Dentro do vaso em que despejara o que havia no estômago, viram os papás um objeto escuro. Mexeram com o corpo estranho e recuaram alarmados. Era um camondongo, um ratinho miudinho. Estava no estômago da criança, tendo entrado, naturalmente, atraído pelo sabor do leite que o menino bebera. Ora vejam só que brincadeira dêsse "Mickey" desastrado!

★

PALAVRA É PALAVRA

VEM-NOS de Campos, Estado do Rio, uma notícia dolorosa, mas que demonstra a firmeza de caráter de uma jovem que se suicidou porque, inadvertidamente, quebrara uma promessa feita, há tempos, perante o altar de N. S. da Penha.

Chamava-se ela Irany Pereira Borges e residia em Vila Nova, naquele município. Com surprêsa sua, verificou que estava perdendo os cabelos, ameaçada de ficar careca como qualquer banqueiro ou "magnata" das indústrias. A senhorita Irany, desiludida dos medicamentos que fazem nascer cabelo aos calvos, tendo recorrido a tudo o que se dizia infalível, recorreu aos poderes de N. S. da Penha.

Em suas preces dizia a jovem que a Santa lhe perdoasse a ousadia, pois era isso prova de vaidade; mas, se era ela uma jovem, tal pecadilho muito bem poderia passar em branco na escrita do Céu...

Uma jovem feia, de pernas tortas, de pés grandes, de olhos vesgos, de fala fanhosa, ainda passa e até encontra bons casamentos, pois o amor é cego; mas, uma senhorita sem cabelos, francamente, é o maior castigo que a natureza poderá aplicar a uma filha de Eva.

A Virgem da Penha a ouviu e voltou ao crânio da moça de Vila Nova maior vigor capilar. Sua cabeleira, que já estava ficando ralinha, provocando críticas das suas colegas, foi firmando-se e outros cabelos nasceram. Dentro de mais alguns meses, Irany estava contentíssima com os resul-



tados de suas preces. Livrara-se de uma condenação insuportável.

Fêz então êste voto à Santa: "Enquanto viva fôsse, não cortaria mais os cabelos, deixando-os crescer à vontade. Êles pertenciam a N. S. da Penha". Mas, infelizmente, em começos de abril, esqueceu-se da promessa e mandou o cabeleireiro pôr abaixo as madeixas. Só depois é que se recordou da promessa! Impressionada com o delito, ingeriu formicida e morreu!

★

ESTRANHA CONVIDADA

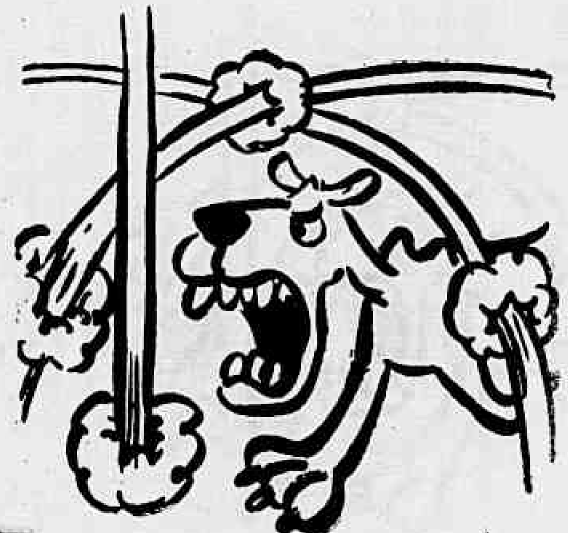
TUDO isto aconteceu numa cidade norte-americana. Certa noite, comemorando-se o aniversário de um estabelecimento teatral, foram convidados astros e estrêlas do cinema, assim como vários artistas de circo e teatro para os comes e bebes em casa de um grande cultor da arte de fazer rir e chorar.

A festa ia no auge, e no salão de baile do palacete do cabeça principal da festança, os pares se deliciavam com a música dos "blues" langorosos, quando um grito reboou por todos os recantos da casa deslumbrante de luzes, de tilintantes cristais transbordantes de champagne, de vestidos maravilhosos, de jóias ofuscantes.

Que seria? Talvez alguma dama que vira uma barata mais indiscreta. Ou, quem sabe? uma estrêla que pisara no calo de alguma colega, por distração ou por pirraça, que o ciúme não sabe ser conveniente. Também poderia ter sido tal berro provocado pelo furto de algum colar de pérolas.

Logo depois, porém, já não era um só grito, e sim vários. Homens e senhoras, senhoritas e jovens corriam a esconder-se por detrás de portas, outros subiam ao piano, alguns procuravam meter-se sob mesas e cadeiras do "hall". O mais terrível dos pânicos afligia os comensais e bailarinos.

Que seria? Não se tratava de baratinhas inocentes, nem de camondongos irritantes; nem de furtos de jóias ou pisadelas encium adas. O negócio era mesmo muito mais



sério do que nós e os leitores poderíamos pensar. Tratava-se da chegada, inesperadamente, de um convidado que não trazia nenhuma credencial: uma leoa faminta! Fugira do circo de onde vieram vários artistas para a festança. Ela também queria uma lasquinha. Ergueram-se barricadas, e, como ninguém estava armado, tiveram que recorrer aos meios pacíficos. A fera foi novamente enjaulada e a festa prosseguiu.

ACONTECEU

EXCESSO DE IMAGINAÇÃO



ERGUERAM na base naval de Norfolk, Virginia, Estados Unidos, uma capela para o rito católico, dedicada a N. S. das Vitórias. Como sabemos, embora os Estados Unidos sejam uma nação de maioria protestante, há vários milhões de católicos e, dentre êstes, muitos servindo nos corpos militares de terra, mar e ar. Nada mais natural, pois, do que dotar-se uma base naval naquele país, com uma igreja. Mas, para isso era preciso aparelhar-se o templo e ornamentá-lo com belos vitrais coloridos a cuja vista e sob cujos reflexos, os fiéis se sentissem ainda mais perto das coisas divinas. Foi então confiado o trabalho artístico ao Sr. Wibur Herbert Burnham, uma das autoridades em tais coisas. O Sr. Burnham meteu mãos à obra e, dentro do prazo estipulado levou à capela de N. S. das Vitórias os caixotes com os vidros necessários à terminação do templo.

Uma coisa, porém, estava chamando a atenção dos que iam ver o trabalho do especializado. Aquêles pedaços de vidros multicores, tudo de belo efeito artístico, denunciavam novas concepções na Arte religiosa. Que seria? Talvez as peças a articular para formar as figuras e os desenhos, estivessem trocados.

Entretanto, deixaram para dar opinião definitiva quando os vitrais estivessem totalmente colocados. Quando chegou o momento de inaugurar a capela, os dirigentes da base de Norfolk compareceram ao templo e examinaram surpreendidos os vitrais. Ninguém pôde evitar murmurações e exclamações de surprêsa. Era que N. S. das Vitórias surgia sob nova concepção religiosa: cercada de tanques, canhões anti-aéreos, aeroplanos e veículos blindados, trazendo nos braços, não mais o Menino Jesus, e sim um... destróier! O Departamento de Marinha não concordou com essa substituição e mandou que Jesus Menino voltasse aos braços da Virgem. O resto ficou.



O CÚMULO DO AZAR



O Sr. Celso Fróes Fernandes, residente na rua Uberaba, nesta capital, é funcionário público. Não sabemos se federal, estadual ou municipal. Mas isso não vem ao caso. Por motivos imperiosos, ficou êle sem os vencimentos a que tinha direito, acumulando-se na Tesouraria da repartição onde está lotado.

Mas, para consertar a situação, vinha êle tratando de receber todos os seus vencimentos atrasados, o que lhe custara longos meses de provas, petições, requerimentos, idas e vindas pelos vários locais em que teria de falar com os chefes, etc., etc., perda de tempo e dinheiro. Um dia, porém, saiu a ordem de pagamento.

Respirou aliviado. Uff! Compareceu ao guichê e recebeu um cheque do valor de Cr$ 19.500,00. Correu ao Banco sacado, o Hipotecário de Minas Gerais. Minutos depois estava com a bolada na algibeira.

Agora era ir para casa e tratar de pôr a vida em ordem, pois tinha muita coisa a pagar. Precisava comprar coisas para a família e para êle mesmo. O restante, se restasse, deixaria na Caixa Econômica ou num Banco de absoluta segurança.

Tonto de alegria, desceu até à Praça Quinze de Novembro e, reconhecendo que podia tomar um táxi em direção a sua casa, a fim de chegar mais depressa, meteu-se no veículo e mandou chispar até ao número 111 da rua acima citada.

Mas... que azar! Ao saltar do veículo não tratou de verificar se estava ainda de posse do dinheiro. Sòmente depois que entrou em casa deu por falta dos "pacotes"! Não se pode imaginar o tormento, a aflição do Sr. Celso Fernandes e dos seus! Tanto trabalho, tanta espera, tanta canseira e agora o dinheiro perdido! Onde o deixara? No táxi? Nalgum café? Ou fôra furtado suavemente? E' o nosso pobre homem lançou pela imprensa um angustioso apêlo: quem estiver na posse do seu dinheiro, faça o favor de devolvê-lo, que será gratificado... Agora, leitor, para completar o outro capítulo dste "Tudo isto aconteceu", desejamos saber se os Cr$ 19.500,00 voltaram...



OS HORMÔNIOS



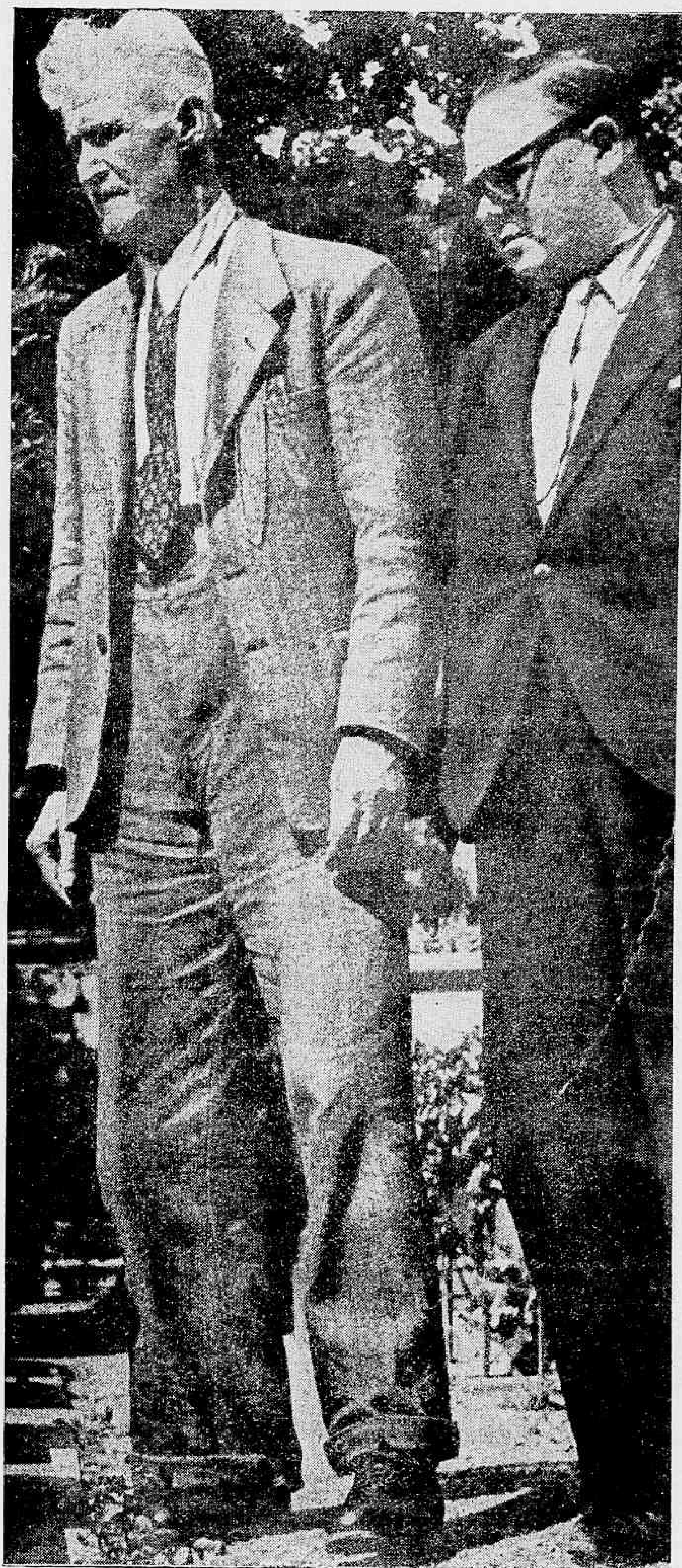
NÃO é anedota, leitor, o que vamos narrar. Sucedeu mesmo, realmente comprovado. E' exato que não foi aqui no Rio, o que nos proporcionaria a facilidade de exame local; mas, pelo que muito nos merecem as Agências Telegráficas que servem nossa imprensa, estamos crentes de que a coisa foi mesmo assim como lemos e vamos reproduzir.

Um cidadão vivia muito bem com a espôsa. Êle, entregue aos trabalhos de laboratório de produtos químicos e farmacêuticos, e ela a cuidar do amanho doméstico. Depois do trabalho árduo e cheio de cálculos e fórmulas da alquimia contemporânea, o rapaz retirava o avental, envergava o palitó e se encaminhava para casa, a fim de gozar das delícias do "home, sweet home" de que nos falam os inglêses.

Um dia, porém, depois de ter feito várias experiências com hormônios femininos e manipulado outras porções para as ampolas correspondentes, notou o nosso cientista que havia qualquer coisa de anormal em seu aparelho de fonação. Segundo dizem os gramáticos e os glotologistas, aparelho de fonação é aquêle composto de tudo o que está em nossa goela, incluindo a língua, ou seja, a aparelhagem física destinada à emissão de sons para a formação das palavras.

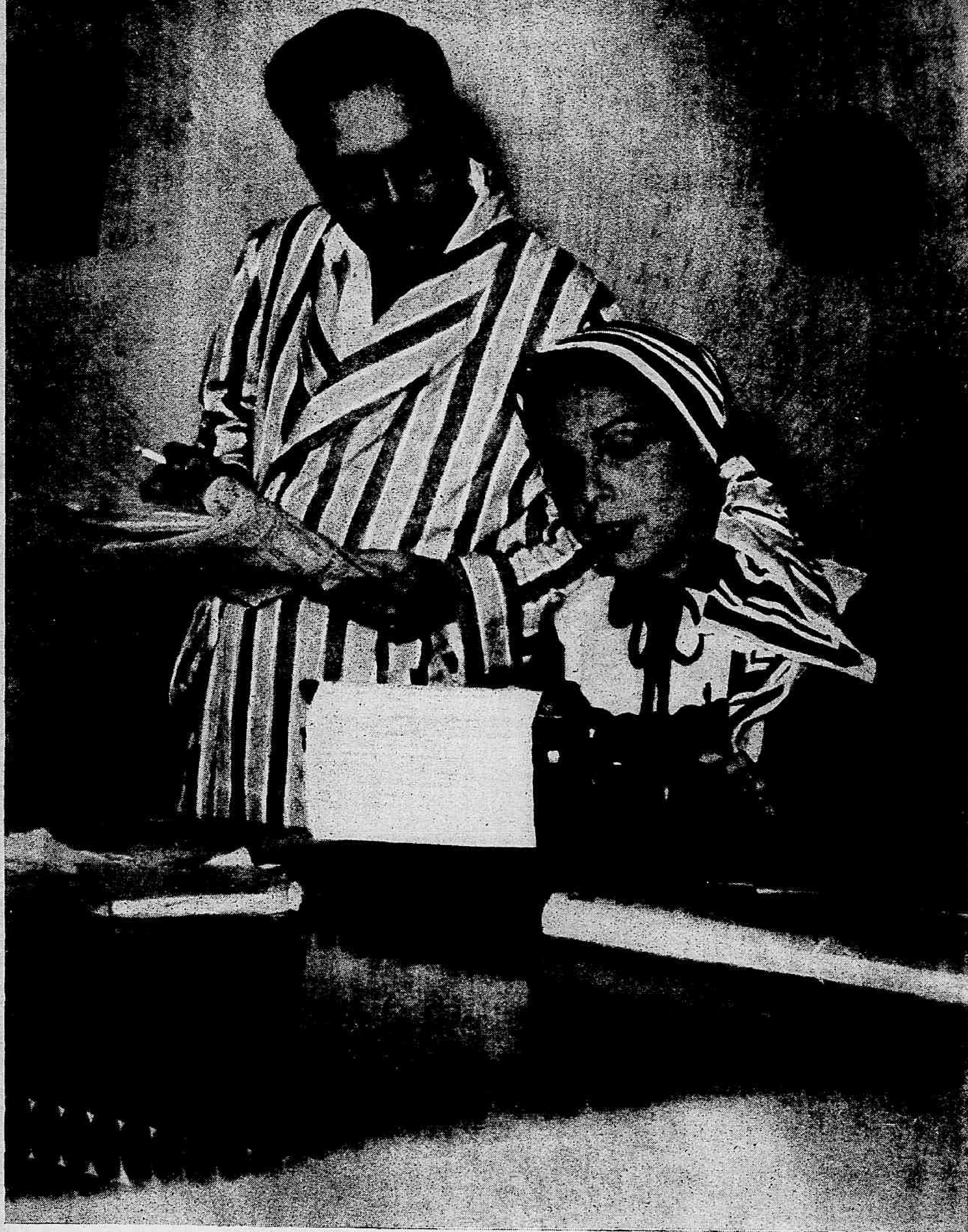
Pois o nosso herói achou que sua voz não estava natural. Como homem que era, sua voz era mais forte, mais grossa, mais masculinizada. E o que saía de sua garganta era uma vozinha de falsête, coisa assim parecida com mocinhos de quatorze a quinze anos quando começam a mudar a inflexão vocal. Não se pode medir o desespêro do laboratorista de hormônios. De súbito lhe veio à lembrança a causa do fenômeno: — havia assimilado emanações de hormônios femininos e o resultado ali estava: falava como mulher! Abatido, chegou a casa e a espôsa verificou que seu marido tinha a voz feminina. E agora? O divórcio era o final do drama. Mas, perguntamos, não seria possível aplicar-lhe hormônios masculinos para recuperar a voz grave?

Que azar!





GUILHERME SEZNEC, pai e espôso de duas mártires, êle mesmo foi um mártir, vítima de êrro judiciário. Depois de 24 anos de prisão celular em Caiena, graças à revisão do processo por homicídio, ficou provada sua inocência e voltou à pátria, a França. Mas, para completar todo o seu drama e culminar sua tragédia, já a espôsa estava morta de fome, à sua filha Jane, tendo-se casado com Francisco Le Her, depois de suportar tôda a sorte de crueldades, maltratada por êle, não aguentou mais e o matou, sendo processada e, depois solta sob condição. O crime de que era acusado Seznec foi descoberto e confirmada a sua plena inocência. E agora, envelhecido e com a família destroçada, que poderá fazer?



CARLOS FRIAS JÁ FOI SACRISTÃO

"A vida, às vêzes, é um manso lago azul... algumas vêzes um furacão fremente..." E' verdade. O poeta tem razão. A vida de cada criatura tem sempre uma história que pode ser pitoresca, dramática ou romântica. Mas, como decorre isso? Isto é: trazemos na palma da mão a história de nossas vidas ou somos nós mesmos que as escrevemos — com "sangue, suor e lágrimas"? Bem; a nossa intenção não é filosofar, e sim narrar fatos da vida real. Todavia, para isso escolhemos sempre, tôda semana, um personagem que, com o seu próprio esfôrço, se tenha projetado no cenário nacional, impondo o seu talento, ora nas artes, ora nas letras ou na política. E há ainda os que conseguem assimilar as três coisas, tornando-se, assim, um verdadeiro ídolo do público. E' o caso, por exemplo, de Carlos Frias. Êsse moço que começou a vida sendo sacristão, tem lutado muito, mas, finalmente, venceu. Mas como êle conseguiu vencer? Ninguém melhor do que êle mesmo para narrar os fatos de sua vida, onde estão pontilhados os seus sucessos e os seus fracassos. Ainda há pouco, como todos sabem, êle foi vítima de sórdida injunção política, tendo sido condenado pelo Juiz da 15.ª Vara Criminal por um crime que não tinha razão de ser. Mas isso foi apenas "um furacão fremente...". O seu advogado recorrendo à segunda instância, conseguiu provar a sua inocência, ficando, outrossim, esclarecido, que êle não praticou qualquer fraude, e nem lesou deliberadamente a quem quer que seja. E, em vez de ser um negociante fraudulento, foi, apenas, um negociante infeliz. Mas por que o condenaram? O leitor, naturalmente, quer saber... assim como quer certos esclarecimentos acêrca da vida conjugal do criador do "Boa Noite para Você", não é verdade? E essa história de se dizer que Carlos Frias tem como companheira uma atriz e que nunca assistiu a uma só peça de sua "cara-metade"... é verdade? Também dizem que ela detesta política e que nunca foi à Câmara ouvir os discursos do "seu vereador"... Quem é melhor dactilógrafo: êle ou ela? Engraçado... será que ela dactilografa os discursos dêle... e êle as peças dela?... Dizem que êles não são casados... e que, no entanto, são felizes... como podem ser?... Se êle não gosta de teatro como pode conviver com uma mulher que tem uma biblioteca de 1.200 obras só sôbre teatro e que já representou dezenas de peças teatrais e que não tem outro ideal senão o teatro? Em verdade "o povo não atira pedras em árvore que não tem fruto". Isso é tudo o que podemos dizer hoje. Mas se o leitor quiser saber da verdade acêrca do que dizem do famoso locutor é fácil, pois a **REVISTA DA SEMANA** publicará no seu próximo número uma reportagem onde a vida de Carlos Frias é focalizada desde quando êle fôra sacristão, em Santos, até à sua atuação na Comissão de Finanças da Câmara do Distrito Federal.

CORREIO DA REVISTA

JOSÉ ALPHA — Rio — Foi aprovado o seu conto «O bilhete premiado». Continue. Não se esqueça, porém, de repassar a vista nos originais a fim de evitar alguns «gatinhos»... Quanta falta de concordância!

★

BRUNO PAVEL — Rio — Muito interessante sua sugestão; mas, não apenas pela falta de espaço é-nos impossível fazer o que nos lembra, e sim porque iríamos invadir a seára dos que mantém curso culturais nas bases que nos sugere, dando a esta Revista um carater pedagógico absolutamente fora de nossas finalidades.

★

M. dos R.S. — S. Paulo — Não foi aceito o seu conto. Está mais ou menos passavel quanto ao conteúdo: mas a linguagem muito descuidada. Aconselhamos fazer um curso de português para entrar no conhecimento de certas coisas do nosso idioma. E' preciso saber escrever para poder escrever.

★

S.B.C. — Rio — Não pudemos aceitar seu trabalho. Escrito de ambos os lados do papel não podemos aceitar. Além disso o assunto bastante monótono, sem vida.

★

R. da S.F. — Rio — Ninguém pode dizer como outrem deva escrever. Tudo depende da vocação. Se o amigo tem inclinação para o assunto policial, escreva e mande. Se é um romântico, faça o que o coração lhe manda. Mas, só poderemos julgar dos méritos de qualquer composição literária, depois de lê-la.

★

M. das G.G. — P. Alegre — A senhora devia cultivar a poesia. Escrevendo em prosa como o fêz, denuncia uma alma de poetisa e das melhores. Contudo, é conveniente fazer um Curso de Poética. Sem conhecer a técnica do «enjambement», das «sinereses», das «diereses», dos segmentos melódicos, dos hemistiquios, das cesuras, etc., etc., poderá fazer versos, mas sempre às cegas, como êsses admiráveis trovadores dos sertões do nordeste. Lembramos-lhe, porém, que não temos páginas de poesias.

★

J.S. — Rio — Não foi aprovado o seu conto. Está fraquinho.

★

M.G. da S. — Rio — Não foi possível. O amigo ainda escreve muito mal. Procure aperfeiçoar o seu português.

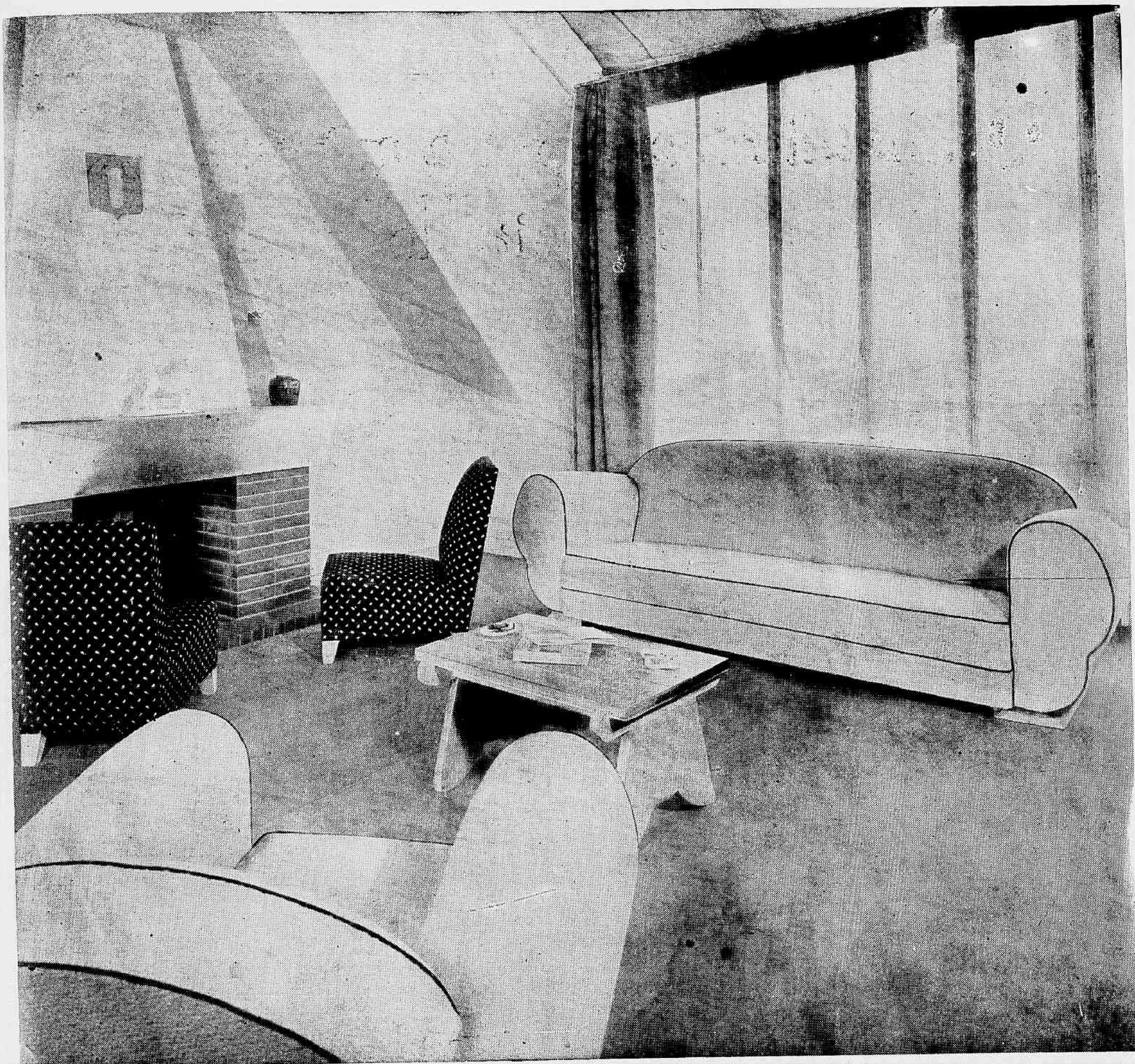
★

T.F. dos S. — S. Paulo — «O descarrilamento» descarrilou mesmo.

Respostas ao teste

1—Gêsso
2—Chefe de família
3—Ilutar-se
4—Mogi'alismo
5—Estudo sôbre os quadrúpedes
6—Bicho da Sêda
7—Récipe
8—Piranha
9—Pandorga
10—Benjamin Franklin
11—Pleonasmo
12—Em ambos os casos
13—O que está depois do verbo
14—Cervantes
15—Grande
16—O Amazonas
17—Hidrografia
18—Na penúltima (figádo)
19—Cônsules
20—Dois mil.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

GRANDE SORTIMENTO DE

Tapêtes e Passadeiras

DE FORRAÇÃO, DE TÔDAS AS CORES
E DIMENSÕES.

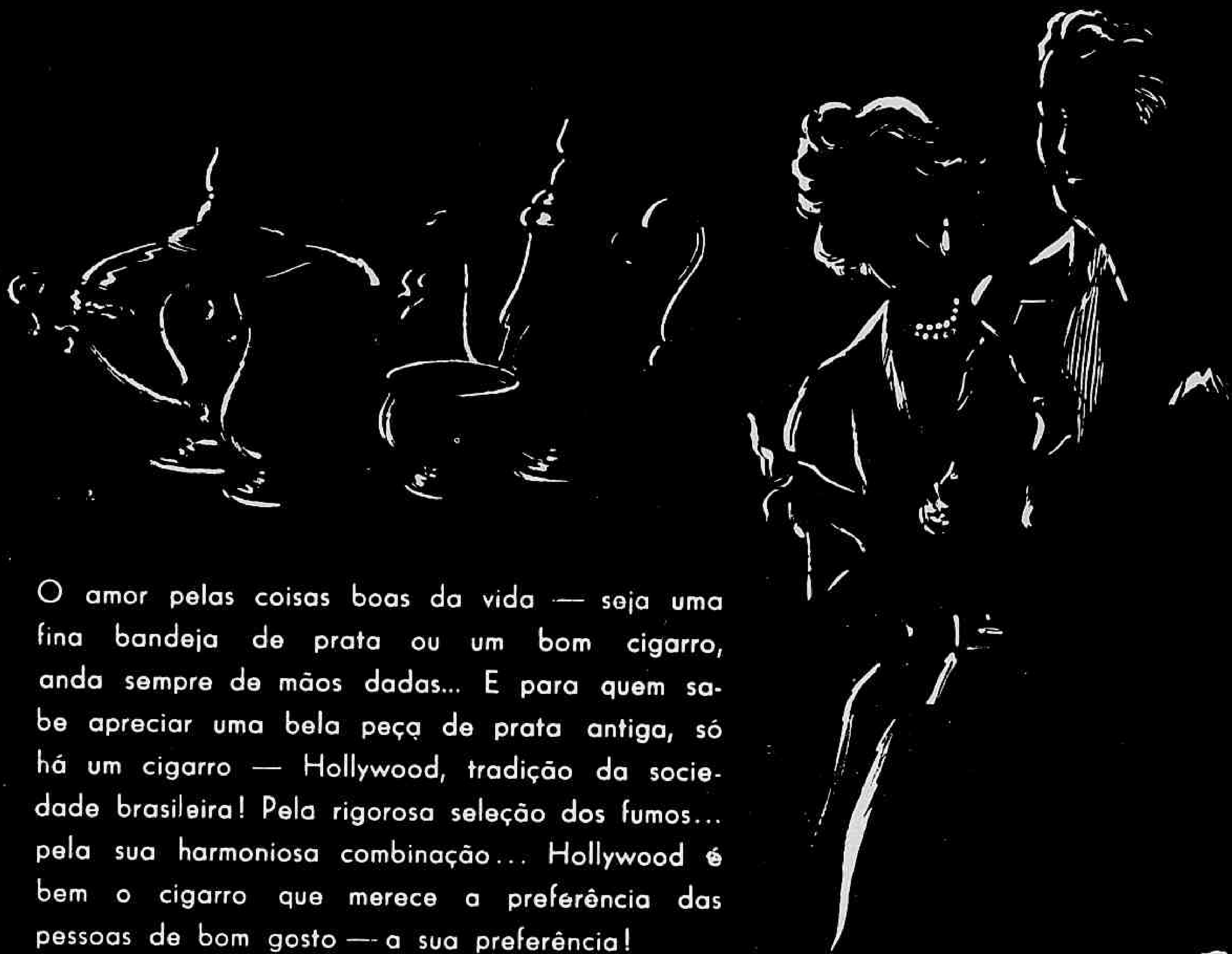
Grupos Estofados

— UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA.



65 rua da CARIOCA 67 - RIO

Quem admira a prata antiga aprecia Hollywood



O amor pelas coisas boas da vida — seja uma fina bandeja de prata ou um bom cigarro, anda sempre de mãos dadas... E para quem sabe apreciar uma bela peça de prata antiga, só há um cigarro — Hollywood, tradição da sociedade brasileira! Pela rigorosa seleção dos fumos... pela sua harmoniosa combinação... Hollywood é bem o cigarro que merece a preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência!

cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto



um produto **SOUZA CRUZ**